

MARIANA MANSANO CASONI

UM FILÓSOFO NA RUA ERÊ:
presença de Pascal em *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos

ASSIS
2013

MARIANA MANSANO CASONI

UM FILÓSOFO NA RUA ERÊ:
presença de Pascal em *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientadora: Dra. Daniela Mantarro Callipo

ASSIS
2013

Casoni, Mariana Mansano.

C341f Um filósofo na rua Erê: presença de Pascal em “O amanuense Belmiro”, de Cyro dos Anjos / Mariana Mansano Casoni. – Assis, 2013.
115 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2013.

Bibliografia: f. 112

Orientador: Daniela Mantarro Callipo.

1. Intertextualidade. 2. Literatura brasileira. 3. Pascal. I. Autor. II. Título.

CDD 869.09B

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Daniela Mantarro Callipo, pela orientação, desde a Iniciação Científica em 2008, pela compreensão, apoio e dedicação que sempre me reservou durante todos estes anos. Agradeço ainda, por ter acreditado em meu trabalho e por ter acompanhado meu desenvolvimento como pesquisadora desde a graduação.

À professora Dra. Ana Paula Franco Nóbile Brandileone, por apresentar-me *O amanuense Belmiro*, em meu primeiro ano de graduação. Agradeço também as orientações e sugestões durante o Exame Geral de Qualificação, essenciais para a finalização do trabalho.

Ao professor Dr. Márcio Roberto Pereira, pelas orientações e sugestões durante o Exame Geral de Qualificação, as quais puderam nortear a finalização da dissertação.

À CAPES, pelo financiamento fundamental para a elaboração da dissertação.

Aos meus pais, pela prontidão em sempre me ajudar e apoiar e, pelo amor incondicional.

Ao meu irmão, pela amizade e companheirismo.

Ao meu amor e companheiro, Thiago Nascimento, pelo apoio e incentivo sempre.

À Beatriz Simonaio Birelli, pela amizade e pelas palavras de apoio em todos os momentos.

À Ana Cristina Bisterço, por não deixar-me esquecer quão importante esta dissertação é para mim.

RESUMO

Em 1937, Cyro dos Anjos publica sua obra de estreia: *O amanuense Belmiro*, que aborda temas referentes ao homem, à sociedade, à vida. Cyro reflete sobre estas questões de um modo diferente do que estava sendo produzido naquele momento no país, visto se preocupar mais com o indivíduo e seus conflitos do que com a sociedade. A narrativa se desenvolve com leveza e lirismo e é envolta em filosofia, sobretudo, a do filósofo francês Blaise Pascal. A partir dela, é possível pensar os conflitos que cercam o homem, como suas misérias, suas paixões, sua existência desprovida de sentido. A filosofia de Pascal é delineada por meio das discussões entre Belmiro e Silviano que, com frequência, abordam os temas que Pascal discute em sua obra *Pensées*, publicada em 1670. Por meio de suas reflexões e atitudes, é possível observar a presença da paródia, sobretudo quando Belmiro questiona a respeito de como conduzir a vida, da filosofia, bem como o papel do intelectual na sociedade. Esta dissertação visa fazer uma análise da marcante presença de Pascal em *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, tendo em vista as discussões entre os personagens, no decorrer do romance, a respeito do filósofo francês. Embora as marcas francesas sejam numerosas na primeira obra escrita pelo autor mineiro, Pascal se destaca pela expressiva quantidade de alusões e citações retiradas de *Pensées*. Pretende-se compreender a importância dessa presença e o papel que ela desempenha em *O amanuense Belmiro*, por meio do confronto entre a obra francesa e a brasileira, destacando suas semelhanças e diferenças e buscando hipóteses para explicar o diálogo intertextual estabelecido com o moralista francês.

PALAVRAS-CHAVE: *O amanuense Belmiro*; *Pensées*; Cyro dos Anjos; Pascal; Intertextualidade.

CASONI, Mariana Mansano. **UN PHILOSOPHE DANS LA RUE ERÊ: LA PRESENCE DE PASCAL DANS O AMANUENSE BELMIRO, DE CYRO DOS ANJOS**. 2013. 116 f. Mémoire de Master en Lettres – Faculté de Sciences et Lettres, Université de l'État de São Paulo (UNESP), Assis, 2013.

RÉSUMÉ

En 1937, Cyro dos Anjos publie sa première oeuvre: *O amanuense Belmiro*, dont les sujets abordés sont concernant à l'homme, à la société, à la vie. Cyro réfléchit ces questions d'une façon différente desquelles on avait eu produit dans ce moment là dans le pays, à cause qu' il se préoccupe plus avec l'individu et ses conflits que la société. Le récit se développe avec légèreté et lyrisme, envoleppée de philosophie, surtout, du philosophe Blaise Pascal. A partir d'elle est possible penser aux conflits qui entoure l'homme, comme ses misères, ses passions, son existence dépourvue de sens. La philosophie de Pascal est esquissée au travers de discussions entre Belmiro et Silviano, que, fréquemment abordent les sujets que Pascal discute dans son oeuvre *Pensées*, publiée en 1670. Par ces réflexions et attitudes, est possible observer la présence de la parodie, surtout quand Belmiro débattre par rapport à comme conduire la vie, de la philosophie, ainsi que le rôle du intellectuel dans la société. Cette dissertation visa faire une analyse de la notable présence de Pascal en *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, tendo em vista les discussions entre les personnages, au cours du roman, par rapport la philosophe français. Quoique les marques françaises soient nombreuses dans la première oeuvre écrit par l'auteur mineiro, Pascal se dégage pour l'expressive quantité de allusions et citations retirer de *Pensées*. On l'intention de comprendre l'importance de cette présence et le rôle qu'il desempenha en *O amanuense Belmiro*, par ce confrontation entre l'oeuvre française et la brésilienne, en dégagent ses ressemblances et différences et en cherchent hypothèses pour expliquer le dialogue intertextuel établit avec le moraliste français.

MOTS-CLÉS: *O amanuense Belmiro*; *Pensées*; Cyro dos Anjos; Pascal; Intertextualité.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I O Homem face ao mundo	23
1. Gêneros literários: diferentes modos de expressão do homem	23
1.1. Incidência dos personagens na vida de Belmiro Borba	32
1.2. Contrariedades e a posição de Belmiro face ao mundo	37
1.3. Ato de filosofar: uma posição diante da vida	47
CAPÍTULO II Paródia:	
 Elemento chave para a compreensão da filosofia em Cyro dos Anjos	55
2.1 Paródia e Carnavalização	55
2.2 A relação entre a paródia e os temas filosóficos recorrentes na obra de Cyro	66
CAPÍTULO III Aspectos do Homem	80
3. O conhecimento de si mesmo	80
3.1. Os diferentes tipos do “eu”	84
3.2. O tédio	88
3.3. O divertimento	89
3.4. A felicidade do homem com Deus	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113

INTRODUÇÃO

A análise da presença francesa na obra *O amanuense Belmiro* de Cyro dos Anjos teve início durante a graduação, com o projeto de Iniciação Científica intitulado “A utilização da memória nos romances *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos e *Du côté de chez Swann*, de Marcel Proust”, financiado pela Fapesp. Durante este período, pode-se observar a grande quantidade de autores franceses aludidos na obra do autor mineiro, bem como a evocação da memória involuntária, tão cara a Marcel Proust. A fim de compreender e aprofundar mais este tema, realizou-se o estudo temático-comparatista entre a obra de Proust *Du côté de chez Swann*, especificamente o primeiro capítulo intitulado “Combray” e *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos.

Constatou-se, neste estudo, que passado e presente são elementos importantes na obra, e que o intuito do narrador-personagem era o de escrever um livro de memórias; porém, o passado só se insinua no presente em alguns momentos, perdendo sua força e ficando cada vez mais distante do narrador. A memória involuntária é algo presente, mas que se esvai ao longo da narrativa. Esta dualidade entre passado e presente, além de outros elementos que compõem a narrativa, estrutura tanto a obra, como o protagonista e o converge a uma paralisia acentuada perante a vida. A pesquisa de Iniciação Científica despertou a vontade de aprofundar a análise de um romance que contém inúmeras marcas francesas. Antes de abordar esse aspecto da obra, porém, faz-se necessário conhecer melhor o autor de *O amanuense Belmiro*.

Cyro Versiani dos Anjos nasceu no interior de Minas Gerais, na cidade de Montes Claros no ano de 1906. Sua vida foi de grande intensidade, conseguindo ao longo de seus 88 anos, atuar em várias funções, além de escrever. Em 1932, graduou-se em Direito em Belo Horizonte; porém, não exerceu a profissão, enveredando pelo caminho do jornalismo e, posteriormente, consolidando sua carreira como funcionário público. Ao longo de sua vida, Cyro ocupou vários cargos importantes, como diretor da Imprensa Oficial e presidente do Conselho Administrativo do Estado de Minas Gerais; como subchefe do Gabinete da Presidência da República, durante o governo de Juscelino Kubitschek, no Rio de Janeiro e Ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal, em Brasília, além de participar da fundação da Faculdade de Minas Gerais, da organização da Universidade de Brasília e de ocupar a 24ª cadeira da Academia Brasileira de Letras, em 1969. Cyro faleceu no Rio de Janeiro em 1994.

O autor mineiro compôs uma obra ficcional formada por três romances, publicados entre 1937 e 1956: *O Amanuense Belmiro*, *Abdias* e *Montanha*. Em 1963, publicou seu primeiro livro de memórias, *Explorações no tempo*, e em 1979, o segundo intitulado *A Menina do Sobrado*, no qual são narradas suas experiências da infância e da juventude. Posteriormente, a obra *Explorações no tempo* passou a integrar *A menina do sobrado*, sob o título de *Santana do Rio Verde*. Em 1954, produziu um livro de ensaios intitulado *Criação Literária* e, em 1964, publicou o livro de poesias *Poemas coronários*.

Antonio Candido, a respeito de Cyro, observa que

As impressões de acabamento, de segurança, de equilíbrio, de realização quase perfeita, revelam o artista profundamente consciente das técnicas e dos meios do seu ofício, possuidor de uma visão pessoal das coisas, lentamente cristalizada no decorrer de longos anos de meditação e estudo. (CANDIDO, 1992, p.80).

Também sobre o autor mineiro, Sábato Magaldi (1995), em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, revela que Cyro é um “[...] escritor de lenta e penosa elaboração, que refazia seus textos incontáveis vezes”, além de ser um “estilista impecável” independente dos gêneros textuais, desde um “despacho” ou um “simples telegrama”.

No estudo realizado por Ana Paula F. Nobile (2006), denominado *A recepção crítica de O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937)*, a pesquisadora reúne vários artigos publicados em jornais e em revistas, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1937, a fim de analisar a recepção crítica da obra do autor mineiro. Por meio destes, é possível observar o entusiasmo com que a obra foi recebida pelos críticos da época, bem como a análise das diferenças apresentadas em relação ao que se estava produzindo na época e o que Cyro acabava de lançar:

Segundo os artigos, o romance de Cyro dos Anjos teria como preocupação básica o elemento homem e seus mistérios, enquanto os romances sociais colocariam em relevância o domínio da terra, do meio físico ou social sobre o homem. (p.17).

Nota-se, a partir da crítica que *O amanuense Belmiro* é uma obra capaz de promover inúmeras análises principalmente por sua estrutura e seu lirismo. Porém, antes de adentrar nestes aspectos da obra e, em outros, como a presença francesa, é preciso compreender o contexto histórico no qual a primeira obra de Cyro dos Anjos foi produzida. O autor mineiro publica *O amanuense Belmiro* em um momento de intensa atividade política no Brasil, iniciado com a Revolução de 1930, episódio marcante na política brasileira, que culminou na

tomada de poder pelo então governador do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas. A primeira fase do governo Vargas ficou conhecida como Governo Provisório (1930 – 1934) e se caracterizou pelo confronto político entre as oligarquias dissidentes e tenentes, e pela dissolução da Constituinte de 1891, sendo que o presidente teria o direito de exercer o poder Legislativo e Executivo até a organização de uma nova Constituinte. Porém, esta era uma questão que também gerava divergências entre as duas forças que realizaram a revolução de 1930: setores expressivos das oligarquias não acreditavam na constitucionalização, devido à sua falta de credibilidade, e outros setores, mais especificamente os tenentistas, queriam a continuação da ditadura, pois acreditavam que, com as eleições, as conquistas obtidas desde a Revolução de 30 estariam em risco. É neste período de instabilidade política que eclode a Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo.

Os anos seguintes do governo Vargas (Governo Constitucional: 1934-1937) foram marcados pelo aparecimento de duas forças ideológicas: a Aliança Nacional Libertadora (ANL), de tendências de esquerda, e a Ação Integralista Brasileira, de caráter fascista. As primeiras manifestações desses novos grupos geraram uma repressão policial e uma nova legislação, “Lei de Segurança Nacional”, que fortalecia os poderes do presidente. Após o fechamento da ANL e da repressão ao levante comunista, em novembro de 1935, o Congresso aprova a decretação do estado de sítio, que foi prorrogado até meados de 1937. Com isso, houve um reforçamento do autoritarismo que culminou no golpe de 1937.

A história criada por Cyro se passa em 1935, ano da formação (e fechamento) da Aliança Nacional Libertadora, e da intentona comunista, ambas reflexos de um processo de luta contra o regime de Vargas e contra o integralismo. Intelectuais se posicionam politicamente e a neutralidade é vista de forma negativa. A literatura da época refletirá, portanto, o momento político e histórico que vive o Brasil. Segundo Luís Bueno de Camargo (2001, p.14-15),

[...] os anos 30 são a época do romance social, de cunho neonaturalista, preocupado em representar, quase sem intermediação, aspectos da sociedade brasileira na forma de narrativas que beiram a reportagem ou o estudo sociológico. É claro que, nesse tempo, houve também uma outra tendência na qual pouco se fala, uma “segunda via” do romance brasileiro, para usar a significativa expressão de Luciana Stegagno Picchio, o chamado romance intimista ou psicológico, mas tão secundário que não teve forças para estabelecer-se como via possível de desenvolvimento do romance no Brasil.

O pesquisador vê semelhanças entre o modernismo e o romance de 30, como por exemplo, o desejo de fazer uma “arte brasileira”, que incluísse o uso de uma linguagem mais

coloquial, e uma aproximação com a realidade do país. Entretanto, ressalta as diferenças entre as duas produções: a realização estética adotada seria outra (o predomínio do romance e não da poesia é uma evidência desse fato) e a forma de atuação também se manifesta de forma diversa:

Os modernistas produziram manifestos e profissões de fé, fundaram revistas e formaram grupos, mesmo depois de terem sido percebidas as diferenças dentro do grande grupo social. Os escritores de 30 não produziram um único manifesto estético. A principal revista do período, o *Boletim de Ariel* não era o espaço de manifestação de um grupo ou de um movimento: era, na verdade, um empreendimento comercial da Ariel Editora, em nada semelhante à *Revista da Antropofagia* ou a *Klaxon*, ou a qualquer das revistas modernistas. (BUENO, 2001, p. 74-75).

Nesse momento, Cyro dos Anjos publica um livro de memórias escrito por Belmiro Borba, cuja intenção, apontada no quarto capítulo do romance, intitulado *Questão de Obstetrícia*, é “organizar apontamentos”, para umas “memórias” que ele nem sabe se publicará um dia. Desse modo, o personagem não deseja discutir os problemas de sua época conturbada, e sim “reviver o pequeno mundo caraibano” que “avulta” aos seus olhos: “Minha vida parou, e desde muito me volto para o passado, perseguindo imagens de um tempo que se foi. Procurando-o, procurarei a mim próprio.” (ANJOS, 1975, p. 15).

O fato de *O amanuense Belmiro* estar voltado para as questões interiores ao homem fez com que gerasse várias discussões e estudos sobre este tema, visto que na década de publicação desta primeira obra de Cyro outros escritores tomavam rumos diferentes: estavam muito mais voltados para a sociedade do que para os conflitos internos do homem. Desta forma, Marcelo Barbosa Alcaraz (2001) diferencia *O amanuense Belmiro* dos romances regionalistas da época, pois:

[...] é um romance atípico dentro do panorama da ficção brasileira publicada na década de 30. A obra destoa das narrativas regionais e sociais daqueles anos, representadas nas obras de autores como Jorge Amado ou Graciliano Ramos. O tema do amanuense Belmiro trata do modo do homem se relaciona com a vida, com o amor, a profissão e a arte, como impossibilidades de plena realização. (p.1)

O romance de 30 no Brasil apresentou-se, de modo geral, como um movimento de interação social, “[...] um vento de renovação, de revisão de valores, de reajustamento do sistema de equilíbrio social e literário.” (CANDIDO, 1992, p.47). Os pontos de vista dos escritores divergiram conforme a característica, o desejo e a focalização de cada um, assim,

[...] uns escritores se colocavam no ponto de vista do burguês decadente para chegar ao povo. Outros procediam à análise impiedosa da própria classe, como o sr. Graciliano Ramos [...] e o sr. Octavio de Faria, vindo de outra corrente, para a grande burguesia. Escritores como a sra. Rachel de Queiroz procuravam mostrar o que há de sofrimento e de virtualidade na existência do povo e nos seus movimentos. O sr. Ciro dos Anjos, em Minas, fazia o processo do intelectualismo pequeno burguês, mostrando as perspectivas desoladoras e paralisantes do seu requinte sem seiva. (IDEM).

Cyro, em sua obra de estreia, prefere focar nos problemas interiores ao homem, aos exteriores a eles, diferentemente do que se estava produzindo naquele momento. Os problemas apresentados na obra se referem à “[...] busca solitária de um sentido para a vida.” (LAFETÁ, 2004, p.25). Para Antonio Candido (1992, p.85) as obras, como esta de Cyro,

[...] lidam com os problemas do homem num tom de tal modo penetrante que autor e leitor se identificam, num admirável movimento de afinação. Não são livros que se imponham de fora para dentro, vibrantes, cheios de força. Insinuam-se lentamente na sensibilidade, até se identificarem com a nossa própria experiência.

Apesar de *O amanuense Belmiro* se concentrar nos aspectos interiores do homem, algumas questões políticas vividas pelo país são evidentes. Elas estão presentes em alguns personagens, como Redelvim, amigo de Belmiro que se apresenta como um revolucionário; no entanto, não há uma comunhão de ideais entre Belmiro e Redelvim, isto fica claro quando o narrador, indagado sobre sua posição política, de esquerda ou de direita, responde que “[...] talvez [seja] um ‘individual-socialista.’” (ANJOS, 1975, p.86). Antes do questionamento, porém, Belmiro pergunta a si mesmo se: “Não é possível ser-se tudo, ao mesmo tempo?” (IDEM, p.86). Há, portanto, uma reflexão a respeito do posicionamento de Belmiro, tanto em relação à política, como em sua própria vida. Importante ressaltar que estas questões apresentadas na obra foram concebidas e trabalhadas por Cyro primeiramente sob a estrutura da crônica.

Portanto, o “embrião” da obra de estreia de Cyro dos Anjos ocorreu em 1933, a partir da publicação de uma série de crônicas no jornal *A Tribuna* e nos anos de 1934 e 1935 no jornal *Estado de Minas* sob o pseudônimo de Belmiro Borba, que viriam a compor o romance *O amanuense Belmiro*, publicado em 1937 e escrito em apenas dois meses. No estudo de Keila Mara Sant’Ana Málaque intitulado *Lições da borboleta: A trajetória do cronista-amanuense Belmiro Borba*, ela revela que as crônicas publicadas nos anos de 1934 e 1935 foram geradas a partir das crônicas de 1933, portanto houve um movimento contínuo de circularidade, bem como um aprimoramento e polimento por parte de Cyro dos Anjos a respeito de seu protagonista Belmiro Borba. E esta circularidade também engloba o romance *O amanuense*

Belmiro, pois ele é o resultado destas crônicas de 1933, deste modo, as crônicas geraram outras crônicas que geraram o romance que afinal é constituído por crônicas: “[...] ao final de aproveitamentos e desdobramentos, dá-se o retorno à forma inicial – as crônicas.” (MÁLAQUE, 2008, p.19).

A partir destes dados, percebe-se o cuidado e o acabamento que Cyro teve em relação a sua obra de estreia, por isso sua obra foi alvo de muitas críticas como a de José Aderaldo Castello (1999) que considera *O amanuense Belmiro* uma obra-prima da ficção brasileira moderna. De acordo com o crítico, nota-se em primeiro plano nesse romance, a lírica investigação do mundo interior, e a busca do mito amoroso. Para Castello, a marca de Machado de Assis é visível na linguagem, no processo de abordagem temática de natureza psicológica e filosófica que é conduzida pela investigação do tema do tempo e da memória. Ainda segundo o pesquisador, *O amanuense Belmiro* coloca Cyro dos Anjos entre os representantes mais destacados da linhagem machadiana, juntamente com Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Lygia Fagundes Telles e Murilo Rubião.

O romance de Cyro dos Anjos narra a vida de um burocrata solteiro de 38 anos, que reside em Belo Horizonte. A narrativa se inicia na véspera de natal de 1934 e se encerra no ano de 1936. Em forma de diário, o romance apresenta a vida do narrador-personagem, Belmiro Borba, e expõe seus sentimentos, seus dramas, seus amores idealizados e jamais concretizados, como sua primeira paixão de infância por Camila, que falece na juventude, e sua segunda paixão, Carmélia, que é também a encarnação de um mito da infância. Belmiro tem uma restrita convivência familiar e social, possui apenas duas irmãs e pouco mais de meia dúzia de amigos literatos. Durante toda a narrativa, o personagem sonha com a concretização de seu mito de infância, o mito da Donzela Arabela, o que é impossível devido a sua resignação perante a vida. Diante disto, a narrativa termina com Belmiro ainda mais solitário, expressando sua solidão por meio do verso de Carlos Drummond de Andrade: “*Mundo mundo vasto mundo, mais vasto é meu coração.*” (ANJOS, 1975, p.186).

A narrativa se desenrola rapidamente e, nas primeiras páginas, observam-se os principais temas que serão abordados. Sobre o início do romance Lafetá (2004) reflete que “[...] estas primeiras páginas de *O amanuense Belmiro* inscrevem-se entre as melhores coisas que já fizeram em literatura brasileira.” (p.25). Logo no início são apresentados alguns temas, como a discussão a respeito da existência e seu conhecimento, o grande conflito que perturba o personagem é a questão de como enfrentar a vida e quais atitudes tomar diante dela.

Por causa de sua prosa lírica e seu tom irônico, como o próprio narrador se define: “[...] posta de parte a modéstia, sou um amanuense complicado, meio cínico, meio lírico, e a

vida fecundou-me a seu modo.” (ANJOS, 1975, p.14), muitos autores assemelham o autor a Machado de Assis, no entanto, Antonio Candido observa que há uma

[...] diferença radical entre eles: enquanto Machado de Assis tinha uma visão que se poderia chamar dramática, no sentido próprio, da vida, Ciro dos Anjos possui, além dessa, e dando-lhe um cunho muito especial, um maravilhoso sentido poético das coisas e dos homens. (CANDIDO, 1992, p.81).

Muitos críticos, como Alfredo Bosi e Antonio Candido, consideram *O amanuense Belmiro* um “romance introspectivo”, de “educação sentimental” e de “autoanálise”. Antonio Candido ainda ressalta o lirismo com que o autor trabalha em sua obra bem como os “[...] ecos de Bergson, Proust, de Amiel.” (IDEM, p.80). Alfredo Bosi (1987, p.442) também destaca o caráter psicológico e a tensão interiorizada do romance, pois “[...] o herói não se dispõe a enfrentar a antinomia eu/mundo pela ação: evade-se subjetivando o conflito.” O romance inova com sua estrutura diarística e seu caráter memorialista, pois neste período de 1930/1945 a

[...] grosso modo, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura de eu à sociedade e à natureza. [...]. Afirmando-se lenta mais seguramente, vinha o romance introspectivo, raro em nossas letras. (IDEM, p.434-5).

Sobre o gênero diarístico do romance, Adolfo Casais Monteiro (1950, p.178) afirma que, “[...] na verdade, um diário assim é de qualquer maneira uma obra de arte, pois que não nos são contados todos os atos nem todos os pensamentos de Belmiro, nem tampouco os da figura que rodeiam a de Belmiro”. Sábato Magaldi (1995) também sobre esta questão observa que,

[...] o diário, forma preferida dos tímidos e introspectivos, foi o veículo ideal para as aventuras solitárias desse *gauche* lírico, mitificador de amadas inatingíveis, que dispensava o necessário complemento da realidade para a concretização de seus sonhos. Entendo que muita gente, afeita às exteriorizações impositivas, à capacidade de afirmar-se em meio a assembléias estranhas, considere medíocre Belmiro Borba, desajustado amanuense de repartição improdutiva, homem de pequenos horizontes, incapaz de façanha heróica. Permitam-me, contudo, uma confiança: nós, mineiros, por mais que conquistemos o mundo, carregamos dentro de nós, como fardo acalentado e irreprimível, um Belmiro Borba. Daí nosso profundo apreço pela ficção de Ciro dos Anjos, que fixou como poucos essa estranha ‘mineiridade’.¹

¹ Preferiu-se deixar em todas as citações a ortografia da obra original, portanto, sem o novo acordo ortográfico.

Ainda em seu discurso, Sábato Magaldi (1995) pautado no estudo de Álvaro Lins sobre o segundo romance de Cyro, *Abdias*, revela que o autor mineiro “[...] pertence à família dos escritores de um só livro em vários livros, com obras que se desdobram e se comunicam como se fossem uma só. Isto não é defeito, e sim caráter, uma espécie de criação literária.” Além disso, observa-se no decorrer do romance que os conflitos aparecem de forma a modificar também o tom da narrativa “[...] o que era felicidade da prosa plena tornou-se lepeidez melancólica, esforço consciente de preservar a graça a despeito da vida” (SCHWARZ, 1978, p.12); porém o lirismo não desaparece da obra que também contém “[...] duas levezas, a substancial e a subjetiva” (IDEM, p.13), onde há a predominância da segunda.

Um dos aspectos que ainda não foi comentado de forma aprofundada pela crítica é a maciça presença francesa em *O amanuense Belmiro*. Já na epígrafe que introduz o romance, o leitor se depara com uma citação francesa de Georges Duhamel,

Para escrever a história de um outro, eu colaboro com minha própria vida. Que não se busque saber quem, nesta ficção, é indubitavelmente eu. Se enganaria com isto. E meus próximos se enganariam tanto e mais que os outros. (ANJOS, 1975, p.2, tradução nossa) ².

Esta epígrafe demonstra a “contribuição” do autor para construir sua obra de ficção, revelando aspectos autobiográficos da obra de Cyro dos Anjos, que se fundamenta na experiência real do escritor. Importante observar que dentre as seis obras literárias escritas pelo autor mineiro, somente duas apresentam referências de autores franceses, no entanto, apenas em *O amanuense Belmiro* que se tem a presença maciça destes.

Logo no início da obra de estreia de Cyro, observa-se a epígrafe de Georges Duhamel, entretanto, ela não é a única marca francesa do romance. Em *O amanuense Belmiro*, encontram-se citações de Montaigne, Baudelaire, Pascal e Molière, e alusões a Gide, Dumas, Lamartine, Stendhal, Bergson, Luc-Benoist e Proust. Todas estas citações e alusões inseridas na obra de Cyro ressaltam ainda mais a qualidade do romance, fazendo com que ele ressoe “[...] de modo tão diferente em nosso meio, com um som de coisa definitiva e necessária, nem sempre produzida pelas obras dos nossos generosos táticos.” (CANDIDO, 1992, p.80).

Ao longo do romance, a recorrência de citações ou ideias de escritores franceses, ajuda o leitor a compreender melhor o mundo interior do narrador-personagem. Além disso, revela que a irradiação da cultura francesa no Brasil permanece ainda no século XX, visto que o

² Pour écrire l’histoire d’un autre, je collabore avec ma propre vie. Qu’on ne cherche pas à savoir ce qui, dans cette fiction, est indubitablement moi. On s’y tromperait. Et mes proches s’y tromperaient autant et plus que les autres.

movimento modernista havia manifestado a necessidade da literatura brasileira firmar-se em suas questões nacionais, sem excluir o elemento estrangeiro. Cyro dos Anjos não poderia escapar dessa irradiação francesa ainda importante no século XX, e os autores franceses presentes em sua obra indicam, não somente as marcas de uma cultura estrangeira, mas seu patrimônio cultural.

É preciso fazer um recorte no que diz respeito à maciça presença francesa no romance escolhido para constituir o *corpus* desta pesquisa. Por isso, esta dissertação tem o intuito de analisar e estudar os efeitos que as citações e alusões a Pascal provocam na obra do autor mineiro, a começar pelo diálogo temático que as obras *O amanuense Belmiro* e *Pensées* estabelecem.

Constata-se que muitos estudos foram realizados sobre *O amanuense Belmiro*; entretanto, o estudo sobre as relações com escritores franceses, principalmente de Pascal nunca foi feito³.

E em relação aos estudos sobre a obra de Pascal, não se encontram artigos que abordam as relações entre filosofia e literatura; a maioria deles se consagra ao cristianismo, à política, às questões filosóficas e espirituais⁴.

³ Em relação ao estudo da obra de Cyro dos Anjos apresentam-se: *Cyro dos Anjos: Memória e História*, Vera Márcia Milanesi (1997); *O romance da Urbanização*, de Fernando C. Gil (1999); *O amanuense Belmiro*, de Silviano Santiago (2006); *A recepção crítica de O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos (1937), de Ana Paula F. Nobile (2006) e *Lições da borboleta: a trajetória do cronista-amanuense Belmiro Borba*, de Keila M. S. Málaque (2008); *As leituras de O amanuense Belmiro: da crítica jornalística à crítica universitária*, de Ana Paula F. N. Brandileone (2010). Encontram-se as seguintes Dissertações de Mestrado: *A Estreia do Amanuense: a Fortuna Crítica de O amanuense Belmiro em 1937*, de Ana Paula F. Nobile (2000); *O amanuense Belmiro ou a Filosofia da Construção*, de Keila M. S. Málaque (2001); *O amanuense indeciso: diário da vida mínima*, Marcelo B. Alcaraz (2001); *Um estudo da temporalidade nos romances: O amanuense Belmiro e Para sempre*, de Maristela Reggiani (2007); *A percepção do lugar*, de Elídio Miguel Fernando Nhamona (2009); *A modernidade em Cyro dos Anjos: conflitos de um amanuense*, de Ananda Nehmy de Almeida (2009); *Escritas de suspensão: a aventura da escrita entre antigos, modernos; O amanuense Belmiro*, de Luiz Henrique Carvalho Penido (2010); *O método de composição de O amanuense Belmiro: um problema histórico, crítico e estético*, de Alex Alves Fogal (2011); *Totalidade estrangulada: o fáustico belmiriano à luz da forma do romance*, de Otavio Augusto Monteiro Xavier (2012). É preciso, ainda, mencionar as Teses de Doutorado feitas: *As Leituras de O amanuense Belmiro: da crítica jornalística à crítica universitária*, de Ana Paula F. Nobile (2005) e *Lições da Borboleta: a trajetória do cronista-amanuense Belmiro Borba*, de Keila M. S. Málaque (2005). Os ensaios: *O amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos*, de Adolfo Casais Monteiro (1950); *Sobre o amanuense Belmiro*, de Roberto Schwarz (1978); *Estratégia*, de Antonio Candido (1992); *O funcionário público como narrador: O amanuense Belmiro e Angústia*, de John Gledson (2003); *À sombra das moças em flor: uma leitura do romance O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos*, de João Luiz Lafeté (2004); *Um gauche no vasto mundo*, de Dulce Maria Viana Mindlin (2007) e *Desejo de memória em O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos*, de Rodrigo Guimarães (2008). E, finalmente os artigos: *Um quase discípulo de Machado e Proust*, de Patrícia Cardoso (1997); *O amanuense Belmiro: um caminho alternativo*, de Keila M. S. Málaque (2006); *A paisagem belmiriana: da rua erê à seção de fomento*, de Alice Spitz (2009); *Cyro dos Anjos: a outra face de uma mesma moeda*, de Ana Paula F. Nobile Brandileone (2009) e *Cyro dos Anjos: uma nova estreia*, de Ana Paula F. Nobile Brandileone (2009).

⁴ Temos os artigos: *A história como sacrifício em Blaise Pascal*, de Luís César Guimarães Oliva (2004); *A ordem da concupiscência e a grandeza do homem em Pascal*, de Maria Isabel Limongi (2003); *O existencialismo em Pascal*, de Ivonil Parraz (2003); *Politique, christologie et ecclésiologie dans le Pensées de*

Como se vê, um estudo comparativo entre Cyro dos Anjos e Pascal ainda não foi realizado e o filósofo francês se destaca em meio a uma presença francesa que se manifesta de forma considerável. O estudo dos autores citados por Cyro dos Anjos permite o acesso às figuras relevantes, não só para o autor mineiro, mas para a cultura brasileira da época.⁵

Para Gilberto Pinheiro Passos (2006, p.62), as pesquisas a respeito das leituras/respostas executadas pelos escritores são

[...] fundamentais para a compreensão de parte de nossa arqueologia cultural, mas muitas vezes pontilhadas por dificuldades amplas. Aos poucos, no entanto, vai-se abrindo o caminho e alguns hoje considerados menores – caso de Eugène Sue, Feuillet e Xavier de Maistre – passam a ter sua importância aferida não apenas pelo que produziram, mas pela irradiação que conseguiram com sua obra, compondo uma rede de referências literárias a ultrapassarem largamente os domínios de seu país de origem.

O Brasil, como outros países durante o século XIX, foi alvo da intensa irradiação cultural francesa. As relações entre o Brasil e a França se firmaram em 1808, quando a Família Real Portuguesa aqui se instalou, fugindo das tropas napoleônicas. Para satisfazer às necessidades da corte, vieram da França artistas que buscavam inspiração estética nos trópicos e fundaram na capital do império, em 1816, a Academia Imperial de Belas Artes, dando início à relação de intercâmbio cultural entre a colônia e a pátria de Voltaire. Tudo passou a ser copiado de Paris: a cultura, a elegância, o vestuário.

Antonio Candido (1977, p.12) afirma que já no século XVIII, a língua francesa era a “[...] língua universal das pessoas cultas”. Um século mais tarde, estava no “[...] clímax de seu prestígio e de sua função civilizadora”, tornando-se “[...] ensino obrigatório e indispensável”.

A independência do Brasil e o Romantismo tornaram urgente a afirmação da nossa nacionalidade e a ex-colônia passou a nutrir uma espécie de desprezo por toda e qualquer forma de vínculo que pudesse colocar a literatura brasileira em situação de submissão à portuguesa. A França, grande centro irradiador de cultura da época, passou a ser a fonte de

Pascal, de Frédéric Gabriel (2006); *Pascal e o amor-próprio*, de Jean-Robert Armogathe (2006); *A dívida de Hume com Pascal*, de Plínio Junqueira Smith (2006); *Observações sobre a segunda antropologia: o pensamento como alienação*, de Vincent Carraud (2006) e *Blaise Pascal: os limites do método geométrico e a noção de “coração”*, de João Emiliano Fortaleza de Aquino (2008). Há algumas Dissertações de Mestrado: *Paradoxos do homem: um estudo sobre a condição humana em Pascal*, de Juçara dos Santos Nascimento (2006); *Contigência e imaginação em Blaise Pascal*, de Andrei Venturini Martins (2006); *Divertimento pascalino: a agitada busca pelo repouso*, de Anderson Augusto dos Anjos (2011) e *O sentido da fé em Pascal*, de Carlos Frederico Lauer Garcia (2012) e, finalmente, as Teses de Doutorado: *A noção de perspectivismo na filosofia de Blaise Pascal*, de Rodrigo Hayashi Pinto (2006) e *Um estudo sobre a relação entre matemática e religião na obra de Blaise Pascal*, de Severino Barros de Melo (2009)

⁵ O intuito de elencar os trabalhos sobre as obras de Cyro dos Anjos e Blaise Pascal não foi o de esgotar todas as pesquisas realizadas até o momento, mas de mostrar o quanto vem sendo realizadas pesquisas sobre suas obras, no entanto, nenhuma delas contempla a vertente do presente estudo.

inspiração para os escritores que liam e admiravam as obras de Balzac, Victor Hugo e Dumas Fils.

A forte presença francesa proporcionou ao Brasil o contato com outras culturas, como aquelas da Europa e da América Latina, além da importação da cultura francesa nas mais diversas áreas do conhecimento, como na literatura, nas peças teatrais, nas correntes filosóficas, ou simplesmente, pelo idioma, falado pela alta sociedade carioca e pelos intelectuais que desejavam seguir os modelos estrangeiros e forçar uma adaptação aos costumes nacionais: “[...] nas últimas décadas do segundo Reinado, era quase um imperativo copiar as idéias e os costumes das modernas capitais européias, incorporando os requintes da vida burguesa à nossa realidade doméstica.” (TRIGO, 2001, p.50).

No século XX, a França continua, de modo diverso, é claro, a ser um polo irradiador de cultura e os escritores brasileiros não poderiam deixar de acompanhar as tendências literárias e filosóficas discutidas naquele país. Para Antonio Candido (1977, p.15), não poderia ser diferente:

Educadora das classes dominantes, educadora das classes dominadas, - a cultura francesa, é forçoso convir, ocupa um lugar único no universo moral e intelectual das nações latino-americanas. [...] Graças à sua flexibilidade e à sua universalidade, as influências francesas puderam responder mais que qualquer outra às verdadeiras necessidades de nossos países.

Em seu *Destinos Mistos* (1998), Heloísa Pontes descreve a vinda de uma missão francesa ao Brasil, composta por, entre outros, Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide. Esses intelectuais se integraram à Universidade de São Paulo na década de 1930, e contribuíram não apenas para “[...] o modelo e a concepção da universidade, como conferiram maior legitimidade e força às reivindicações dos educadores.” (LIMONGI apud PONTES, 1998, p. 90).

Outro fato importante foi a criação do Liceu Franco-Brasileiro, em 1921, fundado com o objetivo de oferecer a São Paulo um colégio modelo, e colaborar para a expansão da cultura francesa, mantendo aqui um núcleo de “civilização latina”.

A contribuição dos franceses, principalmente de Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide, foi decisiva na formação intelectual de alguns escritores e críticos como Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza, Décio de Almeida Prado.

O novo modo com que a França irradia suas ideias a partir do século XX não diminui sua importância: “[...] não há propriamente diminuição de influência francesa, e sim engrandecimento do Brasil.” (ANDRADE, 1993, p.3). Devido a este engrandecimento do

país, em termos de cultura e de nação criou-se, segundo Mário de Andrade, uma grande preocupação e necessidade de saber e conhecer outras línguas e outras culturas.

Portanto, a presença francesa era sentida no século XX no Brasil, em menores proporções que outrora, mas ainda se via. E na obra de Cyro dos Anjos esta presença é revelada de modo expressivo, pela quantidade de autores franceses aí inseridos. A intertextualidade ajuda a compreender de que modo esta presença contribui para a composição da obra, visto que nenhuma citação ou referência é gratuita.

Dentre tantos autores, o filósofo francês Blaise Pascal é quem mais se sobressai em termos de referências e alusões na obra de Cyro. Nascido em 1623, Blaise Pascal demonstrou uma genialidade precoce e inquieta:

Torna-se a criança precoce, hipersensível, fazendo questões surpreendentes a todos “sobre a natureza das coisas”, e pegando subitamente, na primeira vez por intuição ou sentimento espontâneo e pela razão, ideias essenciais, conexões, nós de relações.⁶ (LEFEBVRE, 1949, p.157, tradução nossa).

A saúde frágil obrigou-o a afastar-se do convívio humano e a cercar-se de livros. Após um “extase mystique” em 1654, ele se dedica ao estudo da religião e da filosofia, buscando respostas para dois problemas capitais: o enigma de nossa natureza e de nosso destino, chegando à conclusão de que a única felicidade possível seria aquela proporcionada por Deus e pela verdade da religião, que para ele é a religião católica (BAUDIN, 1947). Os estudos continuados e infatigáveis, contudo, não lhe trazem todas as respostas; ao contrário, asseguram-lhe a constatação da impossibilidade de tal conhecimento (GOLDMAN, 1955). Morre em 1662, deixando manuscritos inéditos que sua família organizou e publicou em 1670, sob o título de *Pensées*.

A partir desta breve introdução da vida de Blaise Pascal, pode-se partir enfim para a explanação de alguns indícios que a obra do autor mineiro revela sobre a filosofia, bem como o próprio filósofo francês. Logo no início da narrativa o protagonista, Belmiro, confessa apreciar a filosofia: “[...] adquiri, neste escritório da Rua Erê, o hábito de filosofar e fico horas e horas a pensar em certos fenômenos.” (ANJOS, 1975, p. 25). Nota-se ainda que o capítulo 71, intitulado “Onde aparece o ‘Doutor Angélico’” é dedicado inteiramente às discussões entre Silviano e Jerônimo a respeito de Pascal.

Enquanto os amigos discutem, Belmiro confessa:

⁶ “On devient l’enfant precoce, hypersensible, posant à tout propôs des questions surprenantes ‘sur la nature des choses’, et saisissant subitement, à la fois par intuition ou sentiment spontané et par raison, des idées essentielles, des connexions, de noeuds de rapports.”

E ali cochilei, tendo nas mãos um volume dos Pensamentos que o Jerônimo deixara nelas [cadeiras]. Tive a impressão de que se passara um tempo considerável quando despertei, com o barulho de livros que desabavam de uma prateleira. [...] Voltei e fiquei a folhear o livro, origem de tamanhas querelas. A certa altura, encontrei palavras que pareciam adequadas a mim e, interessado, ia prosseguir no capítulo, quando os dois sutis doutores vieram buscar-me. (IDEM, p.155).

No capítulo 81, o narrador demonstra inquietar-se acerca do sentido da existência e, mais uma vez, cita Pascal: “Deveria conformar-me com isto, mas o caniço pensante, inquieto, quis explicar-se.” (IDEM, p. 168). Sabe-se que “caniço pensante”, citação famosa, pertence a *Pensées*. No artigo terceiro, intitulado “La Grandeur de l’homme” [a grandeza do homem], o filósofo afirma: “O homem é somente um caniço pensante, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante⁷” (PASCAL, 2004, p.161).

Pascal, portanto, tem uma presença marcante no romance *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos. Analisar esta presença pode contribuir para uma compreensão mais aprofundada da obra do escritor mineiro.

Observa-se que, em geral, as citações de Pascal são inequívocas na obra, deixando clara sua visualização para o leitor; no entanto, outras vezes os pensamentos do filósofo francês são desenvolvidos sem nenhuma marca que os diferencie no texto como, por exemplo, a ausência do nome do filósofo após a citação. Portanto, para um leitor distraído, ou que não conhece a filosofia pascaliana e se mantém alheio ao assunto, a intertextualidade algumas vezes passará despercebida.

A intertextualidade preserva de certo modo a memória da literatura, pois a obra repleta de referências suscita tudo aquilo que já foi pensado e escrito anteriormente, além de acrescentar novos sentidos ao conteúdo: é “[...] relançar constantemente as obras antigas num novo circuito de sentido” (BOUILLAGUET apud SAMOYAUULT, 2008, p.124). É fundamental observar este aspecto, já que ao retirar uma frase de seu conteúdo original e transcrevê-la para outro contexto haverá um novo sentido e cabe ao leitor um olhar atento e curioso para decifrar este novo sentido atribuído, o que nem sempre é fácil, pois a heterogeneidade do texto não se faz presente.

Tiphaine Samoyault, em sua obra *A intertextualidade*, apresenta um panorama de todos os estudos feitos sobre a intertextualidade. De acordo com sua obra, são inúmeras as práticas intertextuais podendo dialogar de modo diferente, atribuindo um novo sentido, seja ele qual for: desde a paródia até a exaltação ao texto citado. Em seu estudo, Samoyault (2008, p.47) pensa a intertextualidade voltada para a memória, afinal toda obra retomada, todo empréstimo

⁷ “L’homme n’est qu’un roseau, le plus faible de la nature; mais c’est un roseau pensant.”

requer algo produzido anteriormente, portanto a memória seria o instrumento no qual tornaria possível fazer este diálogo, a intertextualidade seria concebida como a própria memória: “Fazendo da intertextualidade a memória da literatura, propõe-se uma poética inseparável de uma hermenêutica: trata-se de ver e de compreender do que ela procede, sem separar esse aspecto das modalidades de sua inscrição”.

Ainda, a respeito da intertextualidade, um dos pontos fundamentais de como, e o que estudar na presença de textos emprestados, a autora revela que há três competências a serem analisadas, são elas:

[...] inventorial, funcional – a fim de estudar o modo como a montagem opera – e semântica – a fim de analisar não só as modificações do enunciado emprestado com também, mais ainda, as transformações que este enunciado opera na forma e no conteúdo do texto de acolhida. (IDEM, p.125).

Sabe-se que um autor, ao citar ou fazer referência a outro, estabelece com ele um diálogo, e não ocupa uma posição de “inferioridade” em relação ao escritor citado. Atualmente, rejeita-se o termo “influência”, por causa da noção de “superioridade” que ele carrega consigo. Prefere-se falar, por exemplo, em “presença francesa” e não em “influência francesa” na obra de Machado de Assis ou Cyro dos Anjos. Também é importante observar, que o estudo das semelhanças é relevante, mas o estudo das diferenças também precisa ser feito; do contrário, chega-se à conclusão de que o autor nada criou de novo, apenas copiou o elemento estrangeiro. Desse modo, interessam a transformação, as absorções e as integrações operadas, como uma “superação” das influências e da dependência cultural: “Porque aí não se trata de uma atitude passiva do colonizado cultural, mas de uma atitude ao mesmo tempo de receptividade e de escolha crítica.” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 98).

As citações e as referências de Pascal presentes na obra permitem um estudo temático-comparatista, visto que ambos os escritores desenvolvem algumas questões filosóficas no que dizem respeito ao homem, ao mundo e à vida com e sem Deus. Este estudo, portanto permitirá descobrir que novo sentido Cyro atribui aos pensamentos de Pascal e o quanto estas referências são importantes na obra.

No primeiro capítulo desta Dissertação, intitulado “O homem face ao mundo”, propõe-se um estudo sobre a importância de cada personagem para a composição da obra, bem como a do próprio protagonista, visto que cada um dos personagens incide em sua vida fazendo com que apareça um novo aspecto, uma nova faceta de sua personalidade. Além disto, o posicionamento dos personagens principais é abordado, principalmente no que diz respeito às questões metafísicas, ao comportamento face ao mundo e às questões humanas.

Já no segundo capítulo, “A Paródia: elemento chave para a compreensão da filosofia, na obra de Cyro dos Anjos”, constata-se a presença da paródia, por meio de alguns personagens, bem como de seus posicionamentos e seus questionamentos, sendo estes que incitam e promovem a discussão deste tema dentro da obra.

Finalmente, no terceiro capítulo denominado “O homem e Deus”, revela-se a reflexão dos personagens diante do tema da religião, bem como o posicionamento de alguns personagens em relação à vida com e sem Deus.

CAPÍTULO I

O HOMEM FACE AO MUNDO

1. *Gêneros literários: diferentes modos de expressão do homem*

Percorreu-se um longo caminho até que hoje se tenha a noção dos diferentes gêneros literários. Primeiramente, prevaleciam três grandes gêneros: a epopeia, a tragédia e a comédia. Bakhtin (1998) aponta a existência de romances na Antiguidade, que teriam influenciado o moderno romance europeu, como o romance de aventuras e proações, o romance de aventuras e de costumes e o romance biográfico, mas somente a partir do Setecentos é que a originalidade passou a ser valorizada e novas maneiras de expressão foram surgindo e com elas seus respectivos estudos.

Na obra *Gêneros literários* (2007), de Angélica Soares, a autora percorre um caminho desde Platão até o século XIX para mostrar o percurso tanto dos gêneros literários, como dos estudos sobre eles. Nota-se, que ao longo dos séculos a quantidade de gêneros aumentou, bem como seus estudos e seus aprofundamentos.

O romance, como é conhecido, é relativamente recente se comparado à epopeia. Apesar de não ter relação com ela, é tido como uma versão moderna desta e marca uma trajetória da sociedade, sendo que a epopeia exaltava um período heroico, mítico, um período de grandes feitos marcados pelas histórias de grandes heróis. Para Georg Lukács, em seu estudo intitulado “O romance como epopeia burguesa” (1999), o romance está diretamente relacionado à burguesia, já que este surge com esta nova classe social e, a princípio, desenvolve-se sem preocupações estéticas e independente de uma teoria geral da literatura. Estes aspectos só começaram a ser estudados com a filosofia clássica alemã, principalmente com Hegel.

Portanto, para Georg Lukács este novo gênero surgiu com a nova classe social, a burguesia e suas contradições: se antes, na epopeia havia grandes feitos do homem e uma visão poética do mundo, agora há inúmeros conflitos, principalmente os sociais, visto que é uma classe construída sobre as bases do capitalismo: possuidores *versus* não possuidores de bens.

Além destas questões, Lukács afirma que por meio do romance tem-se a busca do sentido universal da vida humana, ou seja, busca-se uma harmonia do “eu” com o mundo, porém esta harmonia nunca ocorre devido à desproporção “[...] que existe entre os desejos da alma e a objetividade da organização social” (p.183). O autor ainda aponta a grande diferença

que há entre a epopeia e o romance: na primeira, os conflitos são coletivos, tem-se a luta entre sociedades, já no segundo, os conflitos são individuais e a luta ocorre dentro da sociedade.

Já para Ian Watt (2010), o romance “[...] longe de ser a única expressão literária da sociedade moderna, é essencialmente uma continuação de uma tradição narrativa muito antiga.” (p.254). Portanto, este ao contrário de Lukács não afirma que o romance continua sendo a expressão da burguesia, mas propõe a reflexão do homem como um indivíduo inserido em uma sociedade. Deste modo, o romance traria este retrato da experiência individual.

Ele ainda afirma que, a característica principal deste gênero é a originalidade, além disso, aponta que:

Dois [...] aspectos são de especial importância para o romance: caracterização e apresentação do ambiente; certamente o romance se diferencia dos outros gêneros e de formas anteriores de ficção pelo grau de atenção que dispensa à individualização das personagens e à detalhada apresentação de seu ambiente. (WATT, 2010, p.18)

Portanto, Ian Watt em seu estudo aborda as características do romance: gênero tão complexo e de muitas facetas. Ele afirma que diferente da epopeia o romance retrata a experiência individual na sociedade e, sobretudo construído com base na originalidade: “Assim, o romance é o veículo literário lógico de uma cultura que, nos últimos séculos, conferiu um valor sem precedentes à originalidade, à novidade.” (IDEM, p.13).

Pode-se observar por meio dos inúmeros estudos sobre o romance, que este gênero está longe de possuir uma definição exata, fechada. Porém, o que se observa é que ele possui uma estrutura capaz de abarcar todos os outros gêneros literários, mostrando-se o quanto é complexo e o quanto ainda é capaz de gerar inúmeras discussões a respeito.

Importante abordar estas questões sobre o gênero romance, visto que a obra analisada é um romance, além disso, *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos possui características diversas da obra de Blaise Pascal, autor de *Pensées*, que é composta de pensamentos sobre aspectos tanto da religião, quanto do homem e de sua posição perante a sociedade. De acordo com os estudos apresentados na obra *Gêneros literários* (2007, p.21-2), de Angélica Soares, e por meio de suas análises, a autora conclui que, cada gênero possui características próprias e, que, estas estão em constante mudança, por isso uma questão imprescindível para autora é a de levar em consideração também sua recepção, visto que

[...] é tão relevante termos consciência de que diferentes leituras possam ser feitas por diferentes comunidades de receptores, quando considerarmos que, no âmbito de nossa tradição cultural, mesmo apresentando-se a obra como uma desestruturação total dos gêneros ou como dissolução da própria idéia de gênero, essa desestruturação ou a dissolução se processam a partir da existência de um conjunto de obras, que vieram contribuindo para a formação do nosso horizonte de expectativas e do próprio poeta.

Sobre o romance, como abordado inicialmente, pode-se dizer que ele surge a partir da “necessidade” do homem retratar a vida humana. O romance, com suas características próprias, apresenta diversos conflitos e contrariedades do homem em relação tanto à sociedade, quanto ao mundo. Neste momento, importante retomar a questão da gênese de *O amanuense Belmiro*, visto que foi originado de crônicas publicadas em jornal. Keila Mara Sant’Ana Málaque (2008), em seu estudo, analisa uma importante questão: a transição crônica-romance. Por meio desta reflexão ela observa que há algo de romanesco nas crônicas e, conseqüentemente, procura compreender o que falta de romanesco nas crônicas. A partir de suas análises a autora conclui: “[...] o que as crônicas tinham de romanesco era o personagem (e as idéias relativas a ele), ao passo que o componente inexistente (ou existente em níveis mínimos) era o enredo.” (p.17). Portanto, a principal ligação entre as crônicas e o romance ocorre por meio do protagonista Belmiro Borba. Deste modo, revela mais uma vez o processo circular da obra de estreia de Cyro, comprovando o trabalho minucioso de anos, visto que as crônicas deram início a outras crônicas que por sua vez deram início ao romance.

Este trabalho minucioso de escrita foi acompanhado de perto pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, amigo e confidente de Cyro. Na obra intitulada *Cyro e Drummond* (2012) são apresentadas as correspondências dos dois amigos. Nela é possível encontrar uma carta de agosto de 1936 na qual Drummond revela seu entusiasmo pela obra de seu amigo:

Ainda não pedi notícias do seu romance, que me interessa muito. É da maior necessidade que você o conclua e publique, contribuindo para que se retifique o conceito atual do romance entre nós. A mim não me satisfaz nem a transcrição imediata e anticrítica de aspectos de uma vida regional, como fazem os rapazes do Norte. (p.84)

Nesta mesma carta Drummond ainda revela sua esperança nesta obra e crê na originalidade do trabalho de Cyro: “[...] é preciso ir marcando as diferenças, trabalhando numa direção nova, de que aparentemente não há nada igual no quadro literário brasileiro no momento. Tenho muita esperança no *Amanuense* e o exorto, civicamente, a pô-lo na rua.” (p.84).

Portanto, a forma como Cyro construiu seu romance, como foi revelado por Drummond, apresenta uma originalidade. E um dos pontos em que se encontra esta originalidade é que além de conter em sua gênese o gênero da crônica, há também uma mistura de outros gêneros dentro do romance.

Antes de aprofundar nestes outros gêneros que compõe a obra do autor mineiro, é preciso falar um pouco mais sobre a crônica: gênero tão peculiar. Para Antonio Candido, em seu ensaio *A vida ao rés-do-chão* (1987) a crônica moderna é composta por um fato do dia a dia, podendo ser da própria vida do cronista, enriquecido com um toque de humor e outro de poesia. A crônica moderna já não está mais ligada às notícias do jornal, mas aos fatos do cotidiano, ela possui uma linguagem leve, coloquial e despreocupada, de modo a se aproximar mais do leitor. Ela é capaz de chegar aos leitores com simplicidade, é por isso que sua forma humaniza, pois se de um lado há a simplicidade das palavras; de outro, há a profundidade do significado.

É importante ressaltar que a característica principal da crônica é comentar os assuntos ocorridos durante a semana, os fatos que mais chamaram a atenção, podendo ser questões políticas, econômicas ou ainda revelar costumes e pensamentos da época. Como fez Machado de Assis em seus textos jornalísticos, abordando temas da sociedade da época, como a criação de bondes elétricos, a abolição da escravatura, a proclamação da República.

A crônica para muitos autores foi um meio de experimentação para outros gêneros, como o romance, e não foi diferente para Cyro dos Anjos que iniciou sua carreira literária como cronista. Como já mencionado, Cyro colaborou de 1933 a 1935 para os jornais *A Tribuna* e *O Estado de Minas*, respectivamente. Suas crônicas revelam um cronista ora lírico, ora irônico, e que apresenta algumas vezes a tendência para o ensaio e para a poesia. Cyro também faz de suas próprias crônicas um meio de experimentação, pois utiliza algumas vezes o recurso da narração em primeira pessoa, e outras vezes, com menor frequência, a narração em terceira pessoa.

Diferentemente de seus predecessores, Cyro dos Anjos apresenta em suas crônicas questões subjetivas do ser-humano, como a amizade, o amor e a vida. Em uma das crônicas, ao descrever uma situação na rua com seu amigo, relata como é importante o cultivo das amizades e que há níveis de amizades diferentes. Em um determinado momento, o cronista interrompe sua narrativa para falar diretamente com o leitor:

(Que tem o leitor com isso? É provável que se irrite ao ver-me assim discursando a meu respeito. Fique o leitor certo de que assim procedo, não

porque me julgue um espetáculo curioso, mas porque sou um homem tão comum, tão da rua, que falando de mim, é como se falasse da humanidade.) (*Política da amizade*, 28 de outubro de 1934).

Assim, o cronista pretende tratar de questões comuns, questões universais, partindo de suas próprias experiências. Além disso, ele também é um *flâneur* que busca outras experiências, que observa atentamente as pessoas nas ruas. Nota-se esta característica em uma crônica de 1934, chamada *Cosme Velho e Mata-Cavalos*, em que o cronista se propõe a fazer um passeio pelas ruas do Rio de Janeiro, e refaz os caminhos dos personagens de Machado de Assis.

Portanto, constata-se que Cyro carrega toda esta experiência obtida pela composição das crônicas para seu primeiro romance, visto que nele são encontrados estes mesmos temas só que de um modo mais expandido. Os temas abordados no romance vão desde assuntos ordinários até questões mais complexas de ordem existencial e filosófica. A partir desta análise, observa-se também que o autor mineiro se sentiu muito à vontade para misturar diversos gêneros narrativos em sua obra de estreia.

O amanuense Belmiro evidencia esta mistura de gêneros tanto na intenção do narrador, quanto na estrutura da obra. Logo no início da narrativa, percebe-se por meio do narrador que ele, a princípio, tem o objetivo de escrever as memórias de sua vida, mas o romance toma forma de diário, que não contém, entretanto, as características esperadas, como por exemplo, a presença de data em todos os capítulos e nem a escrita diária. Primeiramente, em relação ao desejo de escrever um livro de memórias o narrador afirma que: “Meu desejo não é, porém, cuidar do presente: gostaria apenas de reviver o pequeno mundo caraibano, que hoje avulta a meus olhos.” (ANJOS, 1975, p.15). Ainda sobre isto ele confessa ao refletir sobre suas “notas” que: “Examinando-as, hoje, em conjunto, noto que, já de início, se compromete meu plano de ir registrando lembranças de uma época longínqua e recompor o pequeno mundo de Vila Caraíbas, tão sugestivo para um livro de memórias.” (IDEM, p.21).

Depois, o leitor observa que a escrita de seu diário não é feita todos os dias: “Que tenho eu com os dias que a folhinha assinala? Há dois meses comecei a registrar, no papel, alguns fragmentos de minha vida e noto agora que apenas o faço em datas especiais.” (IDEM, p.17), e por fim, no que diz respeito às datas, elas são raras: o leitor só toma conhecimento delas no decorrer de alguns capítulos e ainda assim somente o mês e o ano. Ao contrário do que se esperaria em um diário, os títulos não apresentam datas, mas um indicativo do que será tratado. Exemplo disto é o capítulo 18 intitulado “Um baile das moças em flor”, o narrador escreve sua ida a uma festa na casa de um senador, festa da alta sociedade mineira, em que

Belmiro se sente deslocado e infeliz, não por sua classe social inferior, mas pelas donzelas que passeavam e dançavam pelo salão e sua impossibilidade de desposar alguma, ou no mínimo, sentir-se mais jovem em meio a elas. Outro exemplo de capítulo é o 35, denominado “Francisquinha piora”, no qual é relatado o quadro de saúde de sua irmã:

Com grande pesar, fui forçado hoje, pela manhã, a levar Francisquinha para o Instituto de Alienados. É medida extrema, que não tenho empregado muitas vezes no curso destes doze anos, desde que as velhas se acham comigo. Passa, ali, uma temporada, alimenta-se melhor, torna-se mais calma e volta para casa. (IDEM, p.75).

Concluindo esta questão, nota-se que o narrador primeiramente tem a intenção de produzir um livro de memórias, mas este só fica na intenção, já que logo de início o que se apresenta é uma narrativa dos fatos presentes; no entanto, após sua tentativa frustrada em relação às memórias, o narrador revela escrever um diário, porém este não assume todas as características de um diário, não só por não ser escrito diariamente, ou por não conter datas, mas por não relatar fatos exclusivamente do narrador, mas de todos que o cercam, principalmente de seus amigos.

Outro fato importante é que quem escreve um diário não espera um leitor, pois as confissões são íntimas, no entanto, não é isto que acontece com Belmiro. Este várias vezes revela pensar em um possível leitor para seu diário: “Por que continuar tais confidências, já destruídas de intimidade, pois me dirijo sempre a um leitor imaginário?” (IDEM, p.152). Esta confissão revela seu interesse desde o início em escrever uma obra, não importando assim o gênero narrativo.

Além destas mudanças de gêneros anunciadas abertamente pelo narrador-personagem, há também, como dito anteriormente, a mistura de outros gêneros na própria composição do romance, como a presença de crônicas, de poemas, de memória e a dicção ensaística. A estrutura da crônica estaria presente tanto nos assuntos ordinários do cotidiano quanto na própria continuidade dos capítulos, pois estes não são necessariamente continuação um do outro, além disso, esta descontinuidade é também característica do diário. Um exemplo desta ocorrência está nos capítulos 19 e 20, no capítulo 19 intitulado “Idiota, Idiota, Idiota”, o narrador revela sua irritação para com seu amigo Glicério, pois este está de partida para o Rio de Janeiro. Belmiro não fica feliz ao saber desta viagem visto que, é este amigo quem possibilita o contato com Carmélia, sua paixão platônica; e Glicério ficando fora alguns dias seu contato com Carmélia será inexistente. Já no capítulo seguinte, denominado “Silviano e o Problema Fáustico”, o tema tratado já não é mais a respeito de Glicério e muito menos de

Carmélia, mas de outro amigo: Silviano. Belmiro vai até a casa de Silviano e encontra um diário, dentre as diversas anotações Belmiro toma nota de um trecho específico, no qual seu amigo descreve qual seria o eterno problema da vida.

Portanto, a partir destes exemplos observa-se que cada capítulo tem a sua independência dentro da obra, o que revela a característica ainda existente da crônica. Já os poemas não são muitos, mas são importantes para a obra, pois complementam o tom lírico da mesma. Os poemas citados se misturam entre os de autoria desconhecida, como por exemplo, o poema popular: “Pirolito que bate, bate, / Pirolito que já bateu, / Quem gosta de mim é ela / Quem gosta dela sou eu...” (ANJOS, 1975, p.187); e os de célebres poetas como Molière e Drummond: “Stop. / A vida parou / ou foi o automóvel?” (IDEM, p.12). Além dos poemas, o próprio movimento do narrador de voltar-se para si gera esta dicção lírica tão presente na obra. Este mergulho em si mesmo muitas vezes tem como consequência a rememoração de antigas paisagens, é justamente neste momento, portanto, que o lirismo se sobressai:

Certo São João de Vila Caraíbas é um fenômeno que não se reproduzirá jamais. As moças de tranças e bandós não mais lerão sortes no copo d’água nem saberão mais qual delas terá a grinalda, qual delas se cobrirá de flores e de perfumes e arrastará um véu comprido no pavimento da velha Matriz, onde jazem os restos mortais de Dona Ana de Freitas e Ataíde, que deixou um legado para a freguesia de Caraíbas.

Naquele tempo a fogueira crepitava até horas mortas, e até horas mortas um aroma brando de batatas assadas me mantinha, rente do braseiro, a pensar nas terras impossíveis e no destino trágico da Nau Catarineta. (IDEM, p.39).

Já em relação à memória, ela está presente na dualidade temporal em que vive o protagonista, ou seja, quando o passado incide no presente, além da vontade de Belmiro revivê-lo integralmente. No excerto a seguir, Belmiro ao ouvir um sanfoneiro imediatamente retorna ao passado:

Eu ia, atento e presente, em busca de um bonde e de Jandira. Foi só ouvir uma sanfona, perdi o bonde, perdi o rumo, e perdi Jandira. Fiquei rente do cego da sanfona, não sei se ouvindo as suas valsas ou se ouvindo outras valsas que elas foram acordar na minha escassa memória musical. Depois, o cego mudou de esquina, e continuei a pé o caminho, mas bem percebi que os passos me levavam, não para o cotidiano, mas para tempos mortos. (IDEM, p.15)

E, por fim, sobre o ensaio observa-se que este está presente como um todo na obra, pois ao longo da narrativa alguns temas de ordem metafísica são analisados, principalmente o amor e o conhecimento. Um trecho que evidencia claramente esta questão está no capítulo 20

intitulado “Silviano e o Problema Fáustico”, neste capítulo Belmiro encontra o diário de seu amigo Silviano e dentre as notações do amigo encontra um trecho que tem o seguinte título: “Termometria de um estado psicológico” e no qual está escrito: “Problema: O eterno, o Fáustico – O amor (vida) estrangulado pelo conhecimento.” (IDEM, p.45). A partir desta revelação não há dúvida que o tema a ser discutido em toda a obra será este, além disso, este será abordado não só por meio das discussões filosóficas entre os personagens, mas, sobretudo, na própria vida “prática” do protagonista.

Portanto, ainda sem adentrar neste aspecto temático da obra, é importante retomar a questão dos gêneros literários presentes em *O amanuense Belmiro*, visto que é evidente por meio destas amostras que este romance abrange diversos gêneros. Para aprofundar mais a questão dos gêneros literários foi importante a leitura de *Gêneros literários*, de Angélica Soares (2007), a partir desta leitura pode-se afirmar que a obra do autor mineiro se caracteriza como um romance, pois apresenta traços marcantes deste gênero, como a presença de enredo, de tempo, de espaço, de foco narrativo, de personagens e de um narrador.

Além desta obra, outra foi necessária para contrapor e analisar de modo mais aprofundado a obra de Cyro, a de Umberto Eco, intitulada *Seis passeios pelos bosques da ficção* (1994). O autor retoma rapidamente o conceito de história e de enredo, distinguindo-os. Para ele, a história é o conjunto de ações desenvolvidas ao longo da narrativa, já o enredo é o modo como estas ações são apresentadas na obra, seja por meio da linguagem empregada, da presença de digressões, do estilo, da alternância temporal, entre outros.

Portanto, a partir destes conceitos, pode-se dizer que a obra de Cyro apresenta a história da vida de Belmiro Borba, contada por ele mesmo. Em relação às ações da obra não são muitas, pois a vida do protagonista não possui grandes feitos e a maioria das ações narradas são pequenas incidências da vida de seus amigos na sua. Se fosse resumir em poucas linhas a história de Belmiro seria: um solteiro que vive com suas duas irmãs mais velhas, possuidor de poucos amigos e que não apresenta nenhuma realização, a não ser – em parte – pela escrita de seu romance e que tem um amor platônico por uma jovem noiva. Já o enredo desta obra apresenta algumas oscilações entre passado e presente, proporcionando para a obra as misturas temporais. Além disto, outra característica importante do enredo de *O amanuense Belmiro* é a linguagem leve que transita por diversos tons, entre eles o poético.

O tempo da narrativa ocorre entre a véspera de natal de 1934 e o ano de 1936; o espaço é a capital mineira, especificamente a Rua Erê e seus arredores, portanto tem-se um espaço urbano; a obra apresenta uma focalização homodiegética, pois o narrador-personagem é quem narra os acontecimentos, tanto dele próprio, como dos demais personagens, e por fim, há a

presença dos personagens principais, sendo as irmãs de Belmiro, Francisquinha e Emília e seus amigos Silviano, Florêncio, Redelvim, Glicério, Jerônimo e Jandira, além do mito encarnado Carmélia.

Em contrapartida, a obra de Blaise Pascal não apresenta as características de um romance, mas de um ensaio. Angélica Soares (2007, p.65) afirma que “[...] uma das marcas do ensaio era a impressão de que nele se traduzia diretamente o pensamento em palavras, sem qualquer artifício de expressão. Deveria ser breve, compactando o pensamento, a experiência e a observação”.

Montaigne foi o pioneiro em conceituar o gênero, pois deu o nome a este tipo de texto, denominando sua própria obra como seus *Essais*, em 1596, a qual tem como característica fundamental a de literalmente ensaiar, de “[...] tentar ou experimentar uma interpretação da realidade por meio de exposições pessoais do escritor, sobre assuntos de seu domínio.” (SOARES, p.65). É justamente isso que Pascal faz em *Pensées*, pois expõe seu pensamento a partir de experiências próprias, vividas, sobretudo, a partir de sua conversão. A princípio, Pascal começa seus estudos matemáticos, mas passados alguns anos ele os abandona e começa a dedicar-se exclusivamente à filosofia e à religião.

Em *Pensées*, Pascal escreve em forma de notas e de parágrafos, em primeira pessoa e aborda temas como a busca da religião, a conduta do ser humano, e afirma, sobretudo, que é preciso que este assuma suas fraquezas para então buscar a Deus, uma vez que somente pela atitude de humilhação seria possível o encontro verdadeiro com Deus. Em contrapartida reflete que o orgulho seria um dos males que separa o ser humano de Deus:

É em vão, ó homens, que procurais em vós mesmos o remédio para as vossas misérias. Todas as vossas luzes só podem chegar a conhecer que não é em vós mesmos que descobrireis a verdade e o bem. Os filósofos prometeram-no, mas não puderam fazê-lo. Não sabem qual é o vosso verdadeiro bem, ou qual o vosso verdadeiro estado. Como poderiam dar remédio aos vossos males, se nem ao menos os conheceram? Vossas enfermidades principais são o orgulho, que vos subtrai de Deus⁸ (PASCAL, 2004, p.131-2).

Além destas questões, o filósofo escreve sobre a busca pela verdade: uma forma verdadeira de conhecer a vida, bem como conhecer a verdadeira religião (para ele é a católica)

⁸ “C’est en vain, ô hommes, que vous cherchez dans vous-mêmes le remède à vos misères. Toutes vos lumières ne peuvent arriver qu’à connaître que ce n’est point dans vous-mêmes que vous trouverez ni la vérité ni le bien. Les philosophes vous l’ont promis et ils n’ont pu le faire. Ils ne savent ni quel est votre véritable bien ni quel est votre véritable état. Comment auraient-ils donné des remèdes à vos maux qu’ils n’ont pas seulement connus? Vos maladies principales sont l’orgueil qui vous soustrait de Dieu”

e com isto ele busca provar a existência tanto de Deus, como de Jesus Cristo, por meio dos milagres e da Bíblia.

Apesar de pertencerem a gêneros distintos, *O amanuense Belmiro* e *Pensées* dialogam entre si abordando os mesmos temas intrínsecos ao homem. Fica evidente, a partir desta análise que a escrita é a expressão do homem, é um meio de compreender o mundo (realidade), bem como sua própria realidade: a de ser humano, como um ser limitado, e que, não importa o gênero que o autor utilize, seu intuito é o mesmo: mostrar esta limitação própria do homem, as inúmeras contrariedades que o cercam.

1.1. Incidência dos personagens na vida de Belmiro

Ao longo da obra de Cyro dos Anjos, observa-se que algumas questões profundas e essenciais ao homem são abordadas, em geral acompanhadas de referências a Pascal e citações de sua obra. As questões mais recorrentes são “a conduta católica”, a vaidade, a realidade, o ceticismo, a luta interior, as contradições da vida e a própria filosofia.

Sabe-se que a obra de Pascal aborda questões relativas ao homem e a Deus. A questão principal e que permeia toda a obra é a busca pela verdade; ou seja, a busca pela verdade do homem e pela verdadeira religião. A questão do posicionamento do homem face ao mundo é recorrente em ambas as obras, permitindo assim, o estudo comparatista que possibilitará um aprofundamento do tema.

Belmiro Borba, personagem de Cyro, apresenta uma vida medíocre, está rodeado por amizades rasas, e não vê na vida nada de interessante. É um solteiro convicto, burocrata, amante da literatura, e que mora com suas duas irmãs também solteiras na capital mineira. Seu passatempo se resume a idas aos bares da cidade com seus amigos, a escrita de seu diário e a leitura. Sua própria vida é uma contradição daquilo que poderia ser e não é, já que a literatura e a filosofia lhes dão condição de mudança, no entanto isto não acontece. É um ser estagnado em seus próprios pensamentos: pensa demais e não age.

Encontram-se na obra alguns personagens importantes para a composição do protagonista; embora sejam personagens lineares, eles contribuem para a “montagem” de Belmiro, como em um quebra-cabeça no qual cada peça tem sua importância no todo. Os personagens que mostram cada um com suas características, as múltiplas facetas de Belmiro são: Francisquinha, Emília, Jandira, Carmélia, Redelvim, Glicério, Florêncio, Jerônimo e Silviano.

As mulheres, cada uma com suas características, suscitam atitudes, pensamentos e comportamentos diversos em Belmiro. Francisquinha e Emília, suas irmãs, recuperam a imagem da antiga vida na fazenda, no interior de Minas Gerais. Francisquinha tem seu nome no diminutivo, o que não é gratuito, pois este a relaciona aos seus traços emocionais e psicológicos, visto que apresenta um desequilíbrio, a loucura desde nascença, e em vários momentos revela um comportamento infantil: o nome no diminutivo confirma esta significação. Já Emília, apresenta características fortes dos Borbas: “Emília é, nesta casa, uma presença vigorosa e viril, que restabelece a atmosfera moral da fazenda.” (ANJOS, 1975, p.09). Portanto, ela ainda representa a figura paterna de Belmiro, que não o deixa se esquecer da moral aplicada por seu pai.

Francisquinha é um personagem alheio ao mundo, vive totalmente alienada e Emília exerce a função do pai, aquele que impõe respeito e autoridade. Belmiro, único homem da casa, ainda agiria como um filho e assumiria esse comportamento, já que convive com a presença moral de seu pai representado na figura de sua irmã. Sobre este aspecto ele revela:

A aspereza dos Borbas, que é antes couraça, para defender um coração mole tem, na Emília, sua expressão integral. Ao ouvi-la resmungar, franzir os sobrolhos, penso, com uma ternura que me umedece os olhos, nesse velho que foi o último da raça. Toda sua força, sua dureza de metal nobre, transferiu-se à mana. Para mim não restaram senão vagos reflexos e, ainda assim, bem no fundo, bem no fundo. (IDEM, p.93).

Nota-se pela repetição da frase “bem no fundo”, que há o desejo de salientar que realmente não há quase nenhuma característica de seu pai que resida em Belmiro, o que faz com que não se sinta pertencente, de algum modo, à família. Em um trecho ele afirma que do “[...] consórcio de Maias com Borbas foi que surgiu o amanuense, sem a virilidade destes e sem a polidez daqueles”. (IDEM, p.93). Portanto, por meio das irmãs pode-se saber um pouco mais sobre a identidade do protagonista e sua não-identificação com suas raízes genealógicas.

Já as outras mulheres, Jandira e Carmélia revelam o conflito que há em Belmiro. Há a dualidade entre o carnal e o espiritual, a realidade e a encarnação do mito. Jandira, por mais que seja sua amiga, desperta nele o desejo e a atração; além disso, Belmiro não esconde que se pudesse teria algo com ela, até mesmo se casaria com ela, sendo o único impedimento para ele a questão de sua idade, sobre seu desejo por ela, Belmiro revela: “Dias houve em que ela me perturbava profundamente, e por pouco não lhe teria dito as palavras de desejo, que são as mesmas, em todas as línguas e em todas as épocas.” (IDEM, p.27).

A relação com Carmélia acontece somente no plano espiritual, do mito e da ilusão. Carmélia é na verdade, para o protagonista, o mito encarnado de um amor infantil. É o espectro que o atormenta e o faz reviver um antigo amor, portanto, traz à tona um Belmiro lírico, saudosista e conseqüentemente sem esperança e apático. Tudo começa em uma noite de carnaval, após o protagonista ser envolvido por um ambiente repleto de éter e de álcool:

Uma noite de carnaval, cheia de sortilégios, fez-me encarná-lo [o mito infantil] nessa donzela Carmélia, que não tem culpa de coisa alguma. E criei um ser fantástico, onde só entram tênues traços da moça [...] Pura imaginação: tudo se resume nisso e nada há além disso. A Carmélia que amei não existe. (IDEM, p.55-56).

Redelvim, homem revolucionário até certo ponto, somente na medida em que seus interesses próprios são beneficiados, desperta em Belmiro seu posicionamento político diante da sociedade, é por meio de suas discussões com ele, que o leitor se depara com um Belmiro neutro, sem posicionamento efetivo: “Enquanto Glicério e Silviano se inclinam para o fascismo, Redelvim e Jandira tendem para a esquerda só eu e Florêncio ficamos calados à margem.” (IDEM, p.33). E ainda em outra passagem fica ainda mais clara a posição do protagonista: “E se eu não for coisa alguma, ou for tudo, ao mesmo tempo?” (IDEM, p.36). Além deste aspecto político presente na discussão com seus amigos, por meio desta fala é possível observar também sua situação diante da vida, afinal como agir diante dela? Que caminhos tomar? Estes questionamentos, tanto Cyro, como Pascal abordam em suas obras.

Glicério é o personagem que possibilita o trânsito de Belmiro na alta sociedade mineira, e, conseqüentemente, acarreta na volta do antigo mito, da Donzela Arabela, mito de sua infância. Portanto, Glicério suscita um Belmiro lírico, romântico que tem a ilusão de casar-se com o mito encarnado. No excerto a seguir, percebe-se a clara intenção de Belmiro para com Glicério, sua amizade é nutrida somente pelo desejo de obter informações a respeito de Carmélia: “O certo é que, inconscientemente, desenvolvo uma tática complicada, procurando atingir Carmélia por via do Glicério” (IDEM, p.40) e ainda revela:

Glicério comunicou-me hoje, na Seção, seu propósito de ir ao Rio, por uma semana. Achei péssimo. Noutra ocasião, isso me seria indiferente, mas, nesta altura dos acontecimentos, a viagem me aborrece. Será uma semana de atraso nas minhas tentativas para dele obter, não digo uma aproximação – com que já não sonho – mas pelo menos referências ou informações a respeito de Carmélia. (IDEM, p.43).

Sobre a questão da encarnação do mito, o próprio protagonista demonstra seu lapso: “Desde a reunião em casa de Jandira, eu não pensava mais em Arabela (Carmélia, quero

dizer)” (IDEM, p.37) e mais uma vez o leitor percebe a ilusão criada pelo protagonista em relação ao personagem Carmélia, não é desprovido de intenção o registro deste lapso.

Já Florêncio, é um homem raso: “Viva Florêncio, o homem sem abismos.” (IDEM, p.17). É um personagem, assim como todos os outros, sem complexidade, mas que apresenta a simplicidade do homem; é aquele que não se preocupa em pensar, não se preocupa com a questão do homem, diferente de Belmiro. “Excelente e repousante camarada. Não tem problemas: é o homem sem abismos – o homem linear – na expressão do Silviano.” (IDEM, p.90). Sua amizade não requer muito esforço por parte do protagonista, além de ser companheiro nas horas de distração e uma espécie de anestésico: “Quando o espírito se me torna, assim, leve, procuro o Florêncio” (IDEM, p.104), ou seja, Florêncio não é um amigo para horas de conflitos, de complexidade, mas de calma, quando tudo aparentemente está em seu devido lugar: “Florêncio divertiu-me bastante com suas anedotas. Está sempre provido das melhores e mais recentes. Excelente e repousante camarada.” (IDEM, p.90).

Os personagens mais importantes, além do protagonista, e que conduzem para uma discussão filosófica são Jerônimo e Silviano. Jerônimo aparece somente nas discussões filosóficas com Silviano, não se sabe muita coisa a seu respeito, somente sua posição religiosa: “Embora tomista, Jerônimo é um pascalizante, segundo me informa o Silviano, que, de há muito, sustenta com ele interminável discussão sobre a posição de Pascal perante a Igreja.” (IDEM, p.153).

Nota-se, neste excerto, que Jerônimo não faz parte da roda de amigos de Belmiro, pois quem revela seu posicionamento é Silviano. Outra evidência deste não conhecimento aprofundado e desta “não-amizade”, está no trecho a seguir, em que características de cada amigo de Belmiro são citadas, exceto a de Jerônimo: “Redelvim – anarquista; Jandira, socialista; Silviano, o homem da hierarquia e da torre de marfim; Glicério, com tendências aristocráticas; Florêncio, tranqüilo pequeno burguês, de alma simples, que não opina.” (IDEM, p.147).

A partir desta constatação, fica clara a função de Jerônimo na obra: a de permear as discussões com Silviano, visto que Belmiro não discute, é apenas um espectador. Jerônimo tenta ser um catequizador de suas ideias perante o grupo de amigos, no entanto, Silviano sempre o impede travando longas discussões com ele.

Por meio da análise da obra, observa-se que Silviano é um personagem de grande importância dentro da trama, pois é ele quem aborda questões metafísicas e filosóficas, sobretudo a respeito do homem e da religião.

Silviano é, ainda, o interlocutor de Belmiro, que está sempre voltado para o “filósofo”, como é tratado por seus amigos. Sabe-se pela leitura, que Silviano é professor universitário, é casado e tem como característica principal filosofar e acender longas e acaloradas discussões entre os amigos, principalmente, com Redelvim e com Jerônimo. Ele é o personagem que faz transparecer ainda mais o lado filosófico e metafísico de Belmiro. Por meio dele, o leitor fica sabendo de alguns posicionamentos de Belmiro perante a vida e perante a sociedade. No excerto seguir há um exemplo disto:

A humanidade se transfigura de súbito, neste dia extraordinário. [...] As árvores se fazem mais verdes, e os pardais, como cantam! Será o poder de criar e de transfigurar, que possui a alma humana, ou haverá uma efetiva transformação no tecido íntimo das coisas? Afinal, pouco importa. A realidade é a aparência, e o que é – no fundo – não é o é para nós, como diz Silviano (IDEM, p.7).

Este trecho mostra claramente a “influência” do pensamento de Silviano em Belmiro, visto que este olhar diferente perante a realidade surge após a conversa dos amigos no bar e a exposição da reflexão de Silviano. Para Silviano, o olhar interno diante das coisas é que faz a diferença, modifica a paisagem externa, e Belmiro introjeta tanto este pensamento que, ao sair do bar e se distanciar dos amigos imediatamente assume este olhar interno e começa a ver as coisas modificadas, com mais vida.

E, finalmente, o protagonista Belmiro, com seus múltiplos “eus” revelados e suscitados a partir da incidência dos outros personagens. Este, ao contrário dos demais, não é um personagem raso, no entanto, apresenta uma vida medíocre, uma incompletude crônica. Não há na obra a presença efetiva das características físicas que o possam delinear, existe somente as características emocionais, psicológicas. Interessante observar que no capítulo *Analgésico, Etc.*, Belmiro aponta como alguns de seus amigos o veem, primeiramente Jandira o caracteriza com o adjetivo analgésico, que dá nome ao capítulo:

Relendo a página escrita ontem, volto a remoer o adjetivo analgésico, com que Jandira me brindou. Ela o emprega com o sentido de sedativo, no seu calão. E não é, positivamente, um elogio atribuir-me a função de calmante; como qualquer um, eu preferiria a de excitante. (IDEM, p.36).

O narrador seria um anestésico, alguém capaz de tirar a dor, nem que seja por algum tempo, mas que é capaz disto. Nota-se a contradição perante sua própria vida, ele é capaz de remover a dor alheia, menos a sua. Outro amigo, Redelvim o chama de “[...] céptico pequeno burguês que, não por ação, mas por omissão, serve o sistema capitalista”, e por fim, para

Silviano ele é “[...] um homem fraco, que não tem senso de hierarquia e tende para um igualitarismo dissolvente.” (IDEM, p.36). Portanto, o amanuense na visão de seus amigos é frágil e cômodo. É um ser apático, que não tem nenhuma perspectiva de mudança ou evolução em sua vida.

1.2. *Contrariedades e a posição de Belmiro face ao mundo*

Retomando os dois últimos personagens retratados anteriormente a Belmiro, observa-se que, se por um lado Jerônimo é “tomista”, “pascalizante” e consequentemente católico; por outro lado, Silviano apresenta uma “inclinação para o fascismo”, além de ser ateu: “Silviano me disse que fora à missa, na capela do colégio Santa Maria. A explicação complicou mais ainda o caso porque sei que não é dessas devoções.” (ANJOS, 1975, p.79).

Portanto, Jerônimo e Silviano são personagens que expressam opiniões diferentes, acerca dos mesmos assuntos, representariam a própria contrariedade, em relação à posição religiosa a ser seguida e até mesmo a filosófica.

Já o posicionamento do protagonista, Belmiro, não é bem delineado na obra, tem-se a impressão que ele não segue nenhuma ideologia. Porém, nota-se que é alguém que apresenta aspirações elevadas e uma vida medíocre. Aspirações elevadas no que diz respeito a sua lucidez diante dos problemas e das próprias contrariedades da vida: “Não é possível ser-se tudo, ao mesmo tempo? E, se sentimos que a verdade e a contradição foram semeadas em todos os campos, como poderemos definir-nos?” (IDEM, p.86).

O protagonista tem consciência dos efeitos causados pela vida. No ensaio de Silviano Santiago, intitulado *A vida como literatura* (2006, p.19), o autor afirma que, Belmiro existe “[...] a partir do trauma que lhe é imposto pelos fatos da vida” e emprega um termo forte, mas que para o autor vai ao encontro da realidade vivenciada pelo protagonista, ele afirma que Belmiro foi “estuprado pela vida”, e que tem total consciência deste estupro. Este “estupro”, então traumatizaria Belmiro, por causa da “[...] violenta transformação liberada pela penetração do real” (IDEM, p.14). Portanto, o contato com o real é uma forma de violência e, por isso, muitas vezes o protagonista prefere evadir-se de uma vida cheia de análises:

Há muito que ando em estado de entrega. Entregar-se a gente às puras e melhores emoções, renunciar aos rumos da inteligência e viver simplesmente pela sensibilidade – descendo de novo, cautelosamente, à margem do caminho, o véu que cobre a face real das coisas e que foi, aqui e ali,

descerrado por mão imprudente – parece-me a única estrada possível. Onde houver claridade, converta-se em fraca luz de crepúsculo, para que as coisas se tornem indefinidas e possamos gerar nossos fantasmas. Seria uma forma de reconciliarmos com o mundo. (ANJOS, 1975, p.21).

Apesar da constatação do estado de entrega de Belmiro, a utilização do termo “estuprado pela vida” torna-se forte demais para ser empregado em relação ao protagonista, pois a “penetração do real” também serve para Belmiro analisar sua vida. Ele muitas vezes transita nas vias de ora se entregar completamente, ora de retomar seu caminho, mas o faz de modo consciente. Observa-se que algumas vezes por ele pensar demais nos acontecimentos e analisá-los minuciosamente faz com que muitas vezes não realize seus desejos pensando logo em alguma consequência. Por isso o fato de entregar-se às emoções sem ficar preso à razão traria até certo ponto uma liberdade para Belmiro.

Este estado de entrega, escrito em tom poético, revela que a visão nítida das coisas, para o protagonista, nem sempre é benéfica para uma reconciliação com o mundo, ou seja, esta visão nítida das coisas seria uma análise demasiada de tudo, e isto não traria nenhuma solução para o protagonista. No ensaio “À sombra das moças em flor: uma leitura do romance *O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos*”, Lafetá (2004, p.36) observando esta questão na obra, confirma que a vida “[...] só pode ser plenamente fruída por aqueles que não tentaram decifrar seu mistério”. Ora, se Belmiro tem a total consciência de que a vida e a realidade o afetam, nada mais sensato que buscar soluções para mudanças; no entanto, não é isso que ocorre. Ele prefere seguir outro caminho mas não tem condições para isto, a única solução que encontra é desfocar esta realidade. A contradição novamente se faz presente, visto que o indivíduo estando lúcido perante a vida, não consegue fruí-la; já, ao não tentar “decifrar o mistério” ele conseguiria fruí-la, ou seja, seria feliz. Entretanto, por mais que Belmiro possua aspirações elevadas para sua vida e tendo consciência das dificuldades dela e até mesmo a desfocando, nenhuma destas alternativas é capaz de fazê-lo viver efetivamente, de ter fruição.

A presença da contrariedade também está na obra *Pensées*, de Pascal (2004): para ele, a contradição é “[...] uma marca ruim da verdade⁹” (p.145), e toda verdade possui suas contradições. Ele também afirma que a inconstância é uma das condições humanas: “Condição do homem: inconstância, tédio, inquietação¹⁰” (IDEM, p.145) e por fim, a “[...] contradição, menosprezo de nosso ser, morrer por nada, ódio de nosso ser [...] Contrariedades:

⁹ Todas as traduções são de Sérgio Milliet / “une mauvaise marque de verité”

¹⁰ “Condition de l’homme. Inconstance, ennui, inquietude”

o homem é naturalmente, crédulo, incrédulo, tímido, temerário¹¹ (IDEM, p.110). Portanto, a contradição não seria algo pertencente somente à vida e à realidade, ela estaria também no íntimo do ser humano, e estaria presente em todos os aspectos. Basta o homem se por a pensar que as contradições surgem. A mesma reflexão é encontrada n' *O amanuense Belmiro*: “Elas [as ideias] não são, aliás, muito claras e comumente se manifestam contraditórias.”, e ainda, “Sempre que começo a meditar: perco-me num labirinto de antinomias.” (ANJOS, 1975, p.53).

Portanto, a contrariedade é uma marca do narrador-personagem, nota-se a luta interna e a presença do bem e do mal. A presença do mal neste caso compreende-se como as contradições e as dificuldades:

Tais solicitações contrárias, em luta constante, levam-me às vezes a tão subitâneas mudanças de plano, que minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, intermináveis e sucessivos, tornando-se ficção, mera ficção, que se confunde no tempo e no espaço. (IDEM, p.15).

Sobre a presença do bem e do mal, Pascal (2004, p.358) afirma que: “A concupiscência nos tornou natural e fez nossa segunda natureza. Assim há duas naturezas em nós, uma boa, outra ruim¹²”. Para o filósofo, então, o ser humano é composto tanto pelas contradições naturais da vida, quanto pela dualidade bem/mal. Na obra de Cyro esta dualidade aparece de modo sutil no personagem Silviano: ele, o “filósofo” possui inúmeras contradições, além de um posicionamento um tanto quanto duvidoso para alguém que se denomina e se apresenta aos amigos como um filósofo.

Além desta dualidade presente, há também a questão da dúvida, que aparece em algumas discussões entre Belmiro, Jerônimo e Silviano, tendo como base as reflexões de Pascal. Em umas destas discussões, Silviano – em defesa de Belmiro – alega que este não possui dúvidas sobre nada. Jerônimo se opõe e declara que se trata de “[...] uma atitude impossível, pois que o espírito é ativo; foi feito para afirmar e não pode estar inerte...” (ANJOS, 1975, p.156). Esta declaração possui elementos das reflexões realizadas por Pascal, pois além de revelar que é preciso duvidar, ele afirma que é do ser humano se questionar e duvidar. Na verdade: “Negar, crer, duvidar estão para o homem o que o galopar está para o cavalo¹³” (PASCAL, 2004, p.326) e

¹¹ “Contradiction, mépris de notre être, mourir pour rien, haine de notre être [...] Contrariétés: L’homme est naturellement crédule, incrédule, timide, téméraire”

¹² “La concupiscence nous est devenue naturelle et a fait notre seconde nature. Ainsi il y a deux natures en nous, l’une bonne, l’autre mauvaise”

¹³ “Nier, croire, douter sont à l’homme ce que le courir est au cheval”

É um grande mal, portanto, ficar na dúvida, mas é pelo menos um dever indispensável procurar a verdade quando se está nessa dúvida; e assim, quem duvida e não procura, é ao mesmo tempo bem infeliz e bem injusto; e se, além disso, está tranquilo e satisfeito, se disso se vangloria, e disso tira vaidade, e se neste estado, encontra um motivo para alegria, não tenho palavras para qualificar tão extravagante criatura.¹⁴ (IDEM, p.265).

Portanto, mais que duvidar é saber lidar e utilizar a dúvida em prol do conhecimento e do aprofundamento das questões. Permanecer inerte diante da dúvida não leva o indivíduo ao desenvolvimento das ideias. Esta questão não é desenvolvida propriamente pelo protagonista, pois Belmiro diante de seus amigos permanece em silêncio:

Talvez por gentileza, para mostrar-me que notava minha presença, Jerônimo procurou diagnosticar o meu caso, dizendo que vivo em dúvida e isso não é possível. Teremos de duvidar da própria dúvida e, então, a dúvida não subsiste. Por outro lado, se acreditamos na dúvida, já não duvidamos... (ANJOS, 1975, p.155-6).

E ficando ainda calado, mesmo depois de Jerônimo assumir sua opinião sobre ele, Belmiro não manifesta seu ponto de vista, e quem toma seu posicionamento agora é Silviano: “Tendo eu ficado quieto, a braços com a minha incapacidade de debater o assunto, Silviano tomou-me a defesa, dizendo ao Jerônimo que não declaro dúvida. Minha situação é de não negar, nem afirmar.” (IDEM, p.156).

Portanto, o que se nota é a incapacidade de Belmiro de expressar seus pensamentos, e fica-se na dúvida se Belmiro apresenta realmente uma neutralidade, no que diz respeito a não negar e nem afirmar: seria esta uma forma de manter-se neutro ou uma forma de manter-se omissa diante das situações e não tomar partido de nada? No decorrer da narrativa percebe-se este posicionamento neutro, que pende mais para uma forma de não se decidir diante das situações, um exemplo disto é o caso do mito encarnado da Donzela Arabela, no qual o protagonista projeta este mito na jovem Carmélia e não tem coragem de fazer uma aproximação real, já que o que lhe interessa são apenas o mito, o místico e a ilusão. Sobre o mito construído ele revela: “Mito tocado é mito morto, e a imaginação busca outros, sentindo-se ludibriada. Fique Arabela no seu nicho.” (IDEM, p.93).

¹⁴ “C’est donc un malheur que de douter, mais c’est un devoir indispensable de chercher dans le doute ; et ainsi celui qui doute et qui ne cherche pas est tout ensemble malheureux et injuste ; que s’il est avec cela gai et présomptueux, je n’ai point de terme pour qualifier une si extravagante créature.”

O mito advindo da imaginação de Belmiro lhe causa grande sofrimento, pois está apenas no plano da imaginação, é algo inatingível. A imaginação também interessa a Pascal, que afirma:

Imaginação. É essa parte enganadora no homem, essa senhora de erro e falsidade, tanto mais velhaca quanto não o é sempre, pois seria regra infalível da verdade, se o fosse infalível da mentira. Mas sendo o mais das vezes falsa, não dá nenhuma marca de sua qualidade, emprestando o mesmo caráter ao verdadeiro e ao falso.¹⁵ (PASCAL, 2004, p.76).

Portanto, para Pascal a imaginação é extremamente ardilosa e enganadora, pois conduz o homem ao erro. Então, no caso de Belmiro este mito, edificado nas bases da imaginação, leva-o ao erro, visto que constrói seus sonhos e suas vontades a partir dele. E, conseqüentemente o leva a viver somente no plano das idealizações evadindo-se do real. Pois “[...] sob o ponto de vista da psicologia existencial é mais apazível orientar-se pela imaginação, uma vez que ela possibilita a criação de um modo de felicidade e satisfação que a razão não poderia oferecer.” (NASCIMENTO, 2006, p.28).

Ao retomar ainda a citação na qual Belmiro permanece em silêncio e seus amigos, Jerônimo e Silviano, tomam partido para o enquadrarem em algum tipo de ideologia, é importante observar que o pensamento de Jerônimo assemelha-se ao de Pascal, já que este afirma não ser possível apenas duvidar, mas questionar a própria dúvida como forma de desenvolver os questionamentos; por outro lado, Silviano é aquele quem afirma a posição passiva de Belmiro, visto ser aquele que não assume uma posição, pois não nega e nem afirma, ou seja, não desenvolve seus questionamentos.

A neutralidade, a passividade e o ceticismo do protagonista são revelados a partir da análise de outros personagens: é interessante observar o que diz o delegado, por exemplo, importante salientar que é alguém de fora do círculo de amigos do protagonista, portanto alguém com uma visão distanciada dos fatos. Após a leitura do diário, ele conclui que Belmiro é

[...] um céptico. Por isso, prefere os regimes brandos, em que as transformações se possam operar sem que sejam necessárias as revoluções. Acha que viveremos sempre de erro em erro e que, portanto, nada justifica o sacrifício de sangue... (ANJOS, 1975, p.120).

¹⁵ “Imagination. C’est cette partie dominante dans l’homme, cette maîtresse d’erreur et de fausseté, et d’autant plus fourbe qu’elle ne l’est pas toujours, car elle serait règle infaillible de vérité si elle l’était infaillible du mensonge. Mais étant le plus souvent fausse, elle ne donne aucune marque de sa qualité, marquant du même caractère le vrai et le faux”

A neutralidade se faz presente o tempo todo, e mostra que Belmiro não escolhe nenhuma posição efetiva: está no meio, não é uma coisa nem outra. Vive diante das dúvidas e das incertezas. É um ser que duvida e que se questiona, mas este questionamento não apresenta tal força para mudar sua atitude. Porém, isto não deve ser levado como uma característica negativa do personagem. É alguém que traça seus próprios caminhos sem defender nenhuma ideologia, ao contrário de seus amigos.

Ainda a respeito da neutralidade, para Belmiro ela também seria o resultado total da liberdade do ser humano, ou seja, seria a ausência de algum poder autoritário por detrás do pensamento: “Bem agem aqueles que acorrentam os homens e lhes dão um duro trabalho. Deixem-no folgado, e teremos o anarquista, o poeta, o céptico e outros seres que perturbam a vida do rebanho.” (IDEM, p.45). Observa-se neste excerto irônico que há a ideologia do protagonista: a preservação da liberdade plena, pois se o homem estiver sob um regime opressor e se não for possível desenvolver o pensamento, estes ficariam “acorrentados” e não poderiam escolher outras opções livremente.

Já a respeito dos questionamentos, o que é retomado algumas vezes é sobre o objetivo de sua existência na Terra. “Volto a preocupar-me com a velha questão: que vim fazer neste mundo?” (IDEM, p.180). Belmiro busca um sentido para sua vida, por meio da literatura, da filosofia e da própria escrita do diário: “Fali na vida, por não ter encontrado rumos. Este Diário, ou coisa que o valha, não é sintoma disso?” (IDEM, p.157). A escrita do diário torna-se então, a única saída para sua vida medíocre e restrita. A escrita seria a sua libertação, seu refúgio, seu abrigo, no entanto, ela só tem sentido quando a vida de seus amigos incide na sua e lhe permite vivenciar algumas coisas deixadas no passado. Como, o mito infantil da Donzela Arabela, que ressurgido num dia de carnaval traz de volta a faceta do Belmiro lírico e saudosista, que tem o desejo de aventurar-se e de tornar-se jovem de novo.

Com esta atitude de Belmiro, a de mergulhar em seus mitos e em suas análises profundas, surge um Belmiro passivo diante da realidade. Nota-se que ele é um ser amedrontado e pacato, possuidor de sonhos, de lirismo, de aspirações elevadas, mas que no caminhar da vida não se desenvolveu. A própria narrativa revela este aspecto tão marcante do protagonista, esta paralisia se faz presente na própria construção do narrador-personagem e na construção do romance. Percebe-se este aspecto tanto na múltipla faceta de Belmiro, quanto na própria narrativa com a mistura temporal e consequentemente na linguagem.

Sobre a construção da narrativa e enverando também para a questão temporal da obra, Fernando Gil (1999, p.55) aponta que o personagem estabelece três formas de interagir com o presente; o primeiro seria por meio do lirismo, o segundo por meio da racionalidade e o

último por meio da reflexão. Estes três níveis se entrecruzariam dando forma à narrativa; o primeiro traria leveza a ela, e assumiria um lugar na narrativa que não se encontra nem no passado nem no presente. Portanto, este lugar à parte seria a reflexão, que é o resultado da junção do lirismo com a racionalidade. Assim, mesmo com a racionalidade presente “[...] a prosa não perde a leveza da dicção lírica, mas ela se redimensiona uma vez que se afasta dos fatos presentes ou passados, para reinseri-los numa outra esfera, digamos mais abstrata de compreensão das coisas.” (IDEM, p.55).

Este é de fato o movimento da narrativa do autor mineiro, pois a todo o momento Belmiro se depara com situações do cotidiano, ou uma lembrança que o faz trilhar os caminhos poéticos; quando percebe este fato, ele racionaliza e reflete a respeito. No entanto, apesar de suas reflexões serem complexas não o leva à mudança, mas o leva à paralisia. Portanto, é a constatação dos fatos e a elevada racionalização que não lhe permite viver de acordo com seus desejos e imaginação.

Deste modo, a narrativa não se desenvolve em relação à história, especificamente a vida de Belmiro. Ele apresenta uma vida pobre de amizades e de ação, algumas vezes o protagonista até procura novas experiências, mas seu comportamento não muda. Há um claro exemplo disto no capítulo “Um Baile das Moças em Flor”, nele o amanuense relata que foi convidado para ir a um baile, e que lá não se sentiu à vontade:

Minhas moças em flor de Vila Caraíbas, hoje outoniças, tinham vestidos brancos que modelavam seios morenos castos. Cantavam, ao luar, velhas, inefáveis modinhas. Moças proustianas em flor, que andavam aos bandos e formavam grupos indemarcáveis onde se operava a translação contínua de uma beleza fluida, coletiva e móvel, tal a das virgens das praias de Balbec. O baile me deixou miserável, pela sensação de aposentadoria. O serviço público não jubilo, ainda, este burocrata mestre. Mas a vida está me encostando, nem há dúvida. [...] Meu lugar é outro e meu clima é bem diverso do desses salões a que ele me transporta. Meu lugar é nesta Rua Erê, entre Emília, Francisquinha, Tomé, Prudêncio Gouveia e o velho Giovanni. (ANJOS, 1975, p.42-3).

Esta citação ilustra dois pontos importantes a serem tratados. O primeiro é a questão de seu encolhimento perante a vida, no sentido dele não se sentir à vontade em meio aos jovens e constatar que o tempo que ele poderia desfrutar dos prazeres da juventude já se foi. Nota-se que ele tem a oportunidade de aproveitar o baile, mas não consegue, se sente deslocado e velho. Não tem forças para mudar esta questão e fica claro que o fato de Belmiro ser/estar paralisado diante da vida, não é um fato exterior a ele, mas interior, resultado da análise dos fatos. Belmiro apresenta uma vida social, mas ela não basta para fazê-lo mudar interiormente.

Ainda sobre a questão dos três níveis da narrativa, como aponta Fernando Gil, nesta passagem em que Belmiro se encontra em um baile há na narrativa a presença do lirismo, da racionalidade e da reflexão. Observa-se na primeira parte do excerto o tom lírico e de rememoração que se juntam às referências de Proust. E, logo em seguida, a racionalidade e a reflexão tomam conta do personagem e o puxam para seu mundo fechado interiormente, no qual parece não haver saída.

Portanto, a partir destas reflexões constata-se também que a questão temporal na obra é importante, visto que Belmiro inicia sua narrativa relembrando antigas paisagens pertencentes ao mundo de Vila Caraíbas. A utilização da memória é um traço característico na obra de Cyro, observa-se que o passado é despertado por um perfume, uma música ou um lugar. O passado para Belmiro torna-se uma espécie de fuga, um refúgio onde ele pode se abrigar diante das vicissitudes da vida “[...] minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, intermináveis e sucessivos, tornando-se ficção, mera ficção, que se confunde no tempo e no espaço.” (IDEM, p.15). Importante observar que a rememoração do passado ocorre por meio do mesmo mecanismo utilizado por Marcel Proust, ou seja, pela memória involuntária.

Marcel Proust em sua extensa obra constrói um novo modo de narrar, a começar pela própria estrutura do romance, onde passado e presente se fundem, e pela sensibilidade de narrar o mundo vivido por ele. Diferentemente dos romances onde a realidade é totalmente transcrita por meio da observação pura e simplesmente, Proust recriou “[...] o mundo do romance do ponto de vista da relatividade; forneceu pela primeira vez em literatura, um equivalente, em toda linha, da nova teoria da física moderna” (WILSON, 1983, p. 113).

A memória para o narrador proustiano se apresenta de modo peculiar, ela o conduz para sua vocação, sua essência, e sua verdade. Verdade esta que só existe na busca pelo passado, libertando-o: “Amarrado às exigências do tempo presente, o eu só se liberta quando refaz a caminhada de volta para se rever, reviver e se gratificar com a visão mais abrangente de si e dos seres que compartilham sua vida” (SAVIETTO, 2002, p.147). Portanto, para o narrador francês rememorar seu passado é uma forma de libertação e de encontro com sua vocação.

Além disso, a necessidade do narrador de compor suas memórias não nasce de um desejo de relatar sua vida, mas sim “[...] de um desejo de escrever” (BARTHES, 2002, p.459). Essa necessidade do narrador combina-se ao desejo do escritor francês de criar um romance dogmático, aquele que leva o leitor a encontrar a verdade:

O dogmatismo é uma crença na possibilidade para o espírito chegar até uma verdade. A arte consistente, segundo Proust, liberar as leis da vida, todo

romance deve conduzir à aquisição de uma verdade. (FRAISSE, 1995, p.98, tradução nossa) ¹⁶.

Belmiro também apresenta este desejo de escrever, mas diferentemente do narrador francês ele deseja escrever sua vida; deste modo a busca pelo passado é necessária: “Às vezes ainda me vem a necessidade angustiosa de rever antigas paisagens, evadir-me para uma região que realmente já não se acha no espaço, e sim no tempo.” (ANJOS, 1975, p.71). Mas há uma questão importante, muitas vezes Belmiro não consegue se deter plenamente em seu passado, mesmo com seu desejo ardente de fazê-lo. Sobre isto, o narrador de Proust ao analisar a memória compreende que, para uma rememoração plena, a inteligência não é suficiente:

É assim nosso passado. Esta pena perdida que nós buscávamos para evocar, todos os esforços de nossa inteligência são inúteis. Está escondido fora de seu domínio e de seu acesso, em algum objeto material (na sensação que nos daria este objeto material), que nós não temos ideia. Este objeto, depende do acaso que nós reencontrássemos antes de morrer, ou que nós não o reencontrássemos. (PROUST, 1987, p.142, tradução nossa) ¹⁷.

Observa-se que para o narrador proustiano só a inteligência não basta, neste momento se faz necessária a presença da memória. Ele ao descrever seu passado tanto faz uso da memória voluntária, quanto da memória involuntária. Importante observar nesta análise sobre a memória é que na obra de Cyro encontra-se somente a memória involuntária, ou seja, aquela que é capaz de ser despertada por um cheiro, uma música ou qualquer elemento que faça a ligação do presente com o passado. Nota-se que Belmiro tem sua memória despertada pela audição, pela visão ou pelo olfato. Seus sentidos são como uma espécie de fio condutor que têm como função ligar o presente ao passado; são eles os responsáveis pelo acionamento das imagens do passado.

A esse respeito, Éclea Bosi (1979) comenta: “O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança.” (p.15). E a rememoração só é possível pela percepção, no caso de Belmiro, por meio dos sentidos, como na passagem

O que hoje me sucedeu é bem um sinal de luta interior. Eu ia, atento e presente, em

¹⁶ “Le dogmatisme est une croyance en la possibilité pour l’esprit d’accéder à une vérité. L’art consistant, selon Proust, à dégager les lois de la vie, tout roman doit conduire à l’acquisition d’une vérité”

¹⁷ “Il est ainsi de notre passé. C’est peine perdue que nous cherchions à l’évoquer, tous les efforts de notre intelligence sont inutiles. Il est caché hors de son domaine et de sa portée, en quelque objet matériel (en la sensation que nous donnerait cet objet matériel), que nous ne soupçonnons pas. Cet objet, il dépend du hasard que nous le recontrions avant de mourir, ou que nous ne le recontrions pas”

busca de um bonde e de Jandira. Foi só ouvir uma sanfona, perdi o bonde, perdi o rumo, e perdi Jandira. Fiquei rente do cego da sanfona, não sei se ouvindo as suas valsas ou se ouvindo outras valsas que elas foram acordar na minha escassa memória musical. (ANJOS, 1975, p. 15).

Outro aspecto que aproxima as duas obras, a de Cyro e a de Proust, é que ambas buscam, por meio da utilização da memória, resgatar o passado e compreender sua vocação. E assim, curiosamente, afastam-se da realidade do presente, do contexto histórico conturbado que os cerca e procuram o tempo perdido. Entretanto, o afastamento da realidade não impede que elementos externos surjam em seus romances, por meio da descrição de objetos, do espaço em que se movem as personagens, da linguagem com que se comunicam. Para retratar a vida e as reflexões de Marcel ou Belmiro, inserem em suas obras elementos da realidade e da ficção, elementos imaginados ou vividos, agindo como memorialistas.

Nesse sentido, aproximam-se da concepção de Georges Gusdorf, que define o memorialista não como historiador, mas como “uma testemunha da história” pois “[...] memórias propõem-se a ser crônica pessoal do acontecimento histórico” (GUSDORF, 1991, p. 251). Portanto, não é exigida a objetividade do memorialista e o texto é organizado segundo uma perspectiva própria. Deste modo, a diferença principal entre o escritor de memórias e o historiador é que o primeiro “[...] toma a direção e organiza as coisas segundo a perspectiva própria de um indivíduo particular. Já o historiador está determinado pela abstração do seu ponto de vista próprio e reivindica uma objetividade da qual o memorialista está dispensado” (IDEM, p. 251).

Cyro dos Anjos, em 1937, retoma em *O amanuense Belmiro*, o tema da memória e da recordação, inserindo-se em uma tradição literária que já havia realizado tal procedimento: Baudelaire, Machado de Assis, Proust escreveram sobre a necessidade de reviver momentos do passado. Desse modo, o escritor mineiro segue o mesmo processo de seus antecessores, como se “[...] os fragmentos e os tons de outras escrituras” (PIGLIA, 1990, p. 60) voltassem como recordações pessoais. Durante o caminho, porém, ocorre a necessidade de se refletir acerca dos mecanismos da memória e de se explicar como memorialista. Nesse processo de rememoração, acontece também uma escolha daquilo que será contado. Mesmo que se concorde que haja uma memória involuntária, que não depende da inteligência, o narrador escolhe o que será descrito, acrescenta, retira, modifica, recria o que de fato se passou.

Estas reflexões confirmam ainda mais o caráter híbrido da obra de Cyro, pois, como já mencionado, mistura vários gêneros. Ainda sobre a questão da memória, constata-se que assim como o narrador proustiano Belmiro utiliza a memória para buscar algo mais, para buscar um encontro consigo mesmo. Além do recurso da memória, Belmiro se vale também

da reflexão dos acontecimentos de sua vida e dos acontecimentos em torno de si. No entanto, a reflexão e a constatação dos fatos que o protagonista faz é um pouco destrutiva, pois não o faz realizar seus desejos e estes só restam em seu íntimo.

Nota-se que Belmiro, mesmo refletindo acerca de suas situações vividas, não passa por mudanças. É uma reflexão que não tem como objetivo transformar, mas apenas constatar os fatos. É a plena resignação do personagem perante sua vida, e esta resignação se faz presente em todos os aspectos de sua vida: tanto no lado profissional, visto que sua carreira não lhe traz nenhuma realização, a não ser, como ele mesmo afirma a questão da aposentadoria como sendo seu único benefício; e no lado afetivo, emocional ao cultivar um amor platônico por uma jovem noiva. De fato, tem-se o tempo todo a não-realização das coisas e a inadaptação de Belmiro perante a vida.

O único meio, então, que o personagem encontra para salvar-se de si mesmo, de sua estagnação e da submersão em seus pensamentos e em sua imaginação é a literatura, bem como sua composição. Acerca disso, ele mesmo revela, após se dar conta de que está sofrendo de amores por uma moça que em breve se casará com outro, que a única saída é escrever, Belmiro, portanto, encontra na escrita uma forma de libertar-se, e até mesmo uma maneira de viver mais intensamente seus sentimentos e de esgotá-los: “Pelo sim, pelo não, melhor será não sabotar o Belmiro flautista. Deixá-lo esparramar-se no papel, reduzi-lo a coisa escrita é o meio mais eficaz de liquidá-lo e, com ele, a donzela. Esta literatura íntima é a minha salvação.” (ANJOS, 1975, p.138). Este Belmiro flautista que o protagonista menciona é aquele lírico e sonhador que vive envolto pelo passado e com o desejo constante de revisitá-lo. E que, por sua vez, causa os transtornos e contradições, visto que se pudesse Belmiro reviveria alguns fatos do passado, mas não podendo encontra na literatura uma forma de conciliar os dois mundos: passado e presente.

1.3. *Ato de filosofar: uma posição diante da vida*

Além do desejo de escrever e o gosto por isso, outro modo que o narrador-personagem encontra para evadir-se é por meio da reflexão. Como ele mesmo afirma: “[...] adquirir, neste escritório da Rua Erê, o hábito de filosofar e fico horas e horas a pensar em certos fenômenos.” (ANJOS, 1975, p.25). Sobre o fato da reflexão e do pensamento, Pascal afirma que: “Toda a dignidade do homem está no pensamento” ¹⁸ (PASCAL, 2004, p.391). Portanto,

¹⁸ “Toute la dignité de l’homme est en la pensée”

para Pascal, o pensamento é algo grandioso presente no ser humano, capaz de fazer compreender sua miséria e somente por meio desta o ser humano se salvaria.

Os “certos fenômenos” que o protagonista comenta soam, a princípio, como incógnitas para o leitor, mas, depois aos poucos, são revelados: estes referem-se às questões da vida, sobretudo ao sentido dela. Como analisado no capítulo anterior, Belmiro não encontra o sentido de sua vida. Ele busca constantemente respostas para sua existência, mas não as encontra. Ele, ainda, faz uma comparação de sua vida com uma árvore:

Por que procurar um sentido individual de existência? Há, nas intermináveis chapadas do sertão, pequenas árvores que não dão frutos, nem sombra, nem possuem raízes medicinais. Ali estão, talvez, apenas para compor a paisagem. Não estarei aqui somente para integrar o vasto painel humano – ponto de luz ou de sombra, molécula puramente pictórica, sem outro destino? Deveria conformar-me com isto, mas *o caniço pensante, inquieto, quis explicar-se*. (ANJOS, 1975, p.168, grifo nosso).

Neste excerto rico em análise, reflexão e filosofia observa-se o posicionamento de Belmiro diante da vida: ele se compara a uma árvore, não qualquer árvore, mas uma do sertão, àquela que não dá frutos, que compõe a paisagem, àquela que não espalha sua semente e que não germina. É um indivíduo que pensa, reflete a respeito de sua função no mundo, questiona-se, porém, não age para experimentar quais seriam suas opções, ou ainda, que outro tipo de “árvore” poderia ser. Ao final de sua reflexão, ele se vale de uma expressão célebre de Pascal: “[...] o caniço pensante, inquieto quis explicar-se”. Com esta expressão reveladora, ele, primeiramente, mostra de forma inequívoca a presença do pensamento de Pascal na obra, o que não ficaria muito claro se houvesse um leitor desatento ou que não conhecesse a expressão e não pudesse fazer a ligação com o filósofo francês. E o segundo ponto sobre a expressão é que ela revela dois aspectos da condição humana:

[...] o homem é materialmente limitado por um corpo finito e, nessa medida, é compreendido pelo espaço. Mas embora a razão seja incapaz de compreender a infinitude do espaço, ao menos conhece a existência do infinito. Enfim, um aspecto ressalta a finitude do corpo e outro a amplitude da razão. (NASCIMENTO, 2006, p.8).

Mais uma vez, nota-se a presença das limitações do ser humano, o caniço, a “vara”, metáfora tão bem pensada por Pascal, e que revela nesta imagem o quanto o homem é um ser limitado e finito. Este caniço, então, representaria o homem também como instrumento para a razão, vinda consequentemente do pensamento poder se manifestar. Eis o conflito novamente instalado: a finitude do homem *versus* a grandeza de seu pensamento. Pascal, em sua obra,

sempre reitera esta questão do pensamento, como algo valioso e grande: “Toda nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. Daí é que é preciso nos elevarmos, e não do espaço e da duração, que nós não poderíamos preencher. Trabalhem, pois, para bem pensar: eis o princípio da moral.”¹⁹ (PASCAL, 2004, p.161).

A obra *Pensées* de Pascal busca constantemente refletir acerca das questões do homem, principalmente suas fraquezas e suas contrariedades diante da vida, além de procurar provar o quanto a religião é importante para o homem, bem como a existência de Deus. Para o autor francês, o homem é vítima de inúmeras misérias e somente poderia tornar-se um ser melhor quando obtivesse consciência desta sua condição.

Para ele: “As grandezas e as misérias do homem são tão visíveis [...] É preciso ainda que ela nos traga estas tocantes contrariedades”²⁰ (IDEM, p. 134). Nota-se que as misérias são importantes para o encontro profundo do indivíduo consigo mesmo. Belmiro apresenta esta característica, a de se recolher em sua essência, todavia, só este movimento não é capaz de mudar os rumos de sua história, como se além deste movimento outra ação fosse necessária. Em Pascal, este algo a mais “motivador”, que impulsiona o indivíduo é a existência de um ser maior, Deus. Em contraposição, sabe-se que Belmiro é ateu e talvez o grande questionamento do narrador-personagem seja como preencher uma vida sem sentido, ou ainda, como fazê-la ter sentido.

O ateísmo de Belmiro fica subentendido em algumas passagens, como no excerto a seguir: “Penso nos gestos serenos e simples de Emília. Onde lhe virá tanta força? Talvez de seu Deus que tudo explica.” (ANJOS, 1975 p.113). Ou ainda, quando revela: “[...] eu pertencia ao número daqueles ‘infelizes e razoáveis’, de Pascal; porfiem em procurar a Deus, sem o terem ainda encontrado.” (IDEM, p.156). Por meio destas passagens, fica claro que Belmiro não apresenta, ou pelo menos não fornece indícios, de uma crença religiosa. Já Pascal, é um filósofo que acredita na existência de um ser superior, e a partir desta crença pôde compreender melhor a natureza humana. Esta, para ele, seria composta por dois elementos: a grandeza e a miséria, estes elementos seriam inerentes ao homem e caberia a ele tentar não se entregar às paixões: “Grandeza e miséria [...] à medida que os homens se esclarecem, tanto acham grandeza como miséria no homem. Numa palavra, o homem sabe que é miserável. Ele é, pois, miserável, de vez que o é; mas é bem grande, de vez que o sabe.”

¹⁹ “Toute notre dignité consiste donc en la pensée. C’est de là qu’il faut nous relever et non de l’espace et la durée, que nous ne saurions remplir. Travaillons donc à bien penser : voilà le principe de la morale.”

²⁰ “Les grandeurs et les misères de l’homme sont tellement visibles [...] Il faut encore qu’elle nous rende de ces étonnantes contrariétés.”

(PASCAL, 2004, p.129-130).²¹ Ou seja, à medida que o ser humano passa a ter conhecimento de sua essência, ele observa que há uma dualidade presente em si: a miséria e a grandeza.

Portanto, o filósofo francês reflete que o homem apresenta tanto as baixezas (misérias e paixões), quanto a grandeza (advinda da razão), e que não é possível separar estas duas “naturezas”:

É perigoso fazer ver demais ao homem quanto ele é igual aos animais, sem lhe mostrar a sua grandeza. É ainda perigoso fazer-lhe ver demais a sua grandeza sem a sua baixaza. É ainda mais perigoso deixá-lo ignorar uma e outra. Mas é muito vantajoso representar-lhes ambas. Não é preciso que o homem creia que é igual aos animais, nem aos anjos, nem que ignore ambos, mas que os conheça.²² (IDEM, p.130).

E, por fim, Pascal discorre sobre a luta interna entre as paixões (misérias do homem) e a razão, que estariam tão presentes no homem que seria muito difícil anular totalmente uma delas: há, portanto, uma verdadeira guerra interna:

Essa guerra interior da razão contra as paixões fez que os que quiseram ter a paz se dividissem em duas seitas: uns quiseram renunciar às paixões e tornar-se deuses; outros quiseram renunciar à razão e tornar-se brutos. Nem uns nem outros, porém, o conseguiram; e a razão subsiste e acusa a baixaza e a injustiça das paixões e perturba o repouso dos que a elas se abandonam; e as paixões estão sempre vivas nos que querem renunciar a elas.²³ (IDEM, p.129).

Na obra de Cyro, o personagem que representaria bem esta dualidade, razão *versus* paixões, é Silviano. Primeiramente pela presença da grandeza, pelo fato de apresentar razão e inteligência, como ser humano que possui estas faculdades, mas também por ser um intelectual, conhecedor de literatura e filosofia. Estas características lhe permitem compreender melhor os aspectos da vida por diferentes ângulos. E, por fim a presença das paixões, mesmo tendo este lado racional e intelectualizado ele não está imune a elas; no entanto, ele não se esforça em manter-se distanciado delas:

²¹ “Grandeur et misère [...] à mesure que les hommes ont de lumière, ils trouvent la grandeur et la misère en l’homme. En un mot l’homme connaît qu’il est misérable. Il est donc misérable puisqu’il l’est, mais il est bien grand puisqu’il le connaît.”

²² “Il est dangereux de trop faire croire à l’homme combien il est égal aux bêtes, sans lui montrer sa grandeur. Il est encore dangereux de lui trop faire voir sa grandeur sans sa bassesse. Il est encore plus dangereux de lui laisser ignorer l’un et l’autre, mais il est très avantageux de lui représenter l’un et l’autre. Il ne faut pas que l’homme croie qu’il est égal aux bêtes, ni aux anges, ni qu’il ignore l’un et l’autre, mais qu’il sache l’un et l’autre.”

²³ “Cette guerre intérieure de la raison contre les passions a fait que ceux qui ont voulu avoir la paix se sont partagés en deux sectes. Les uns ont voulu renoncer aux passions et devenir dieux, les autres ont voulu renoncer à la raison et devenir bête brute. [...] Mais ils ne l’ont pu ni les uns ni les autres, et la raison demeure toujours, qui accuse la bassesse et l’injustice des passions et qui trouble le repos de ceux qui s’y abandonnent. Et les passions sont toujours vivantes dans ceux qui y veulent renoncer”

A carne é profundamente triste, desgostante. Foi um momento de fraqueza do Pensador (aludia a si próprio).

- Mas o Pensador já fraqueou mais de uma vez, objetei-lhe. Não é a primeira queda...

- Mas sempre se purificou, depois, diante de si mesmo! Disse, com soberba inflexão de voz. Será a última concessão à Besta! (ANJOS, 1975, p.128).

Portanto, nota-se claramente que este fraquejar da carne está diretamente relacionado às paixões, no caso de Silviano elas são materializadas pelo adultério. Importante salientar que o adultério praticado por Silviano não diminui seu lado filósofo; no entanto, esta característica representa seu lado baixo como ser humano, finito e limitado.

Esta dualidade está muito presente e não sendo a primeira vez que ocorre, há o duelo constante entre a razão e as paixões, e conseqüentemente a “concessão à Besta”. Pascal também discorre acerca da dualidade humana e afirma que é uma

Guerra intestina do homem entre a razão e as paixões. Se só tivesse a razão sem as paixões... Se só tivesse as paixões sem a razão... Mas, tendo ambas, não pode ficar sem guerra, não podendo estar em paz com uma, senão entrando em guerra com a outra; assim está sempre dividido e contrário a si mesmo.²⁴ (PASCAL, 2004, p.360).

Pascal, portanto, afirma que é uma verdadeira guerra viver sob os desejos das paixões e a presença da razão. E que é impossível viver com apenas uma destas: é uma contradição de desejos e de pensamentos. Deste modo, analisando a fala e a atitude de Silviano, nota-se que ele representa a filosofia pascaliana, pois carrega em sua vida prática as contradições apontadas pelo filósofo francês, visto que sede às paixões da vida.

Antes de aprofundar as características de Silviano, é preciso retomar um tema muito recorrente na obra de Cyro: a supressão da vida. A esse respeito, Belmiro revela: “Hoje reajo, amanhã me abandono (perguntando-me se a vida vale tantas renúncias), e afinal me desloco.” (ANJOS, 2004, p.40). Esta reflexão ocorre depois do episódio de uma noite de carnaval, quando Belmiro se depara novamente com seu mito infantil, da Donzela Arabela. O protagonista se vê diante de uma nova situação: a oportunidade de viver com mais intensidade, como por exemplo, frequentar a alta sociedade junto de seu amigo Glicério, que lhe dá acesso a este mundo; portanto, Belmiro encontra uma forma de não suprimir sua vida, embora temporariamente.

²⁴ “Guerre intestine de l’homme entre la raison et les passions. S’il n’avait que la raison sans passions... S’il n’avait que les passions sans raison... Mais ayant l’un et l’autre il ne peut être sans guerre, ne pouvant avoir paix avec l’un qu’ayant guerre avec l’autre; aussi il est toujours divisé et contraire à lui-même”

Outra questão recorrente na fala de Belmiro, que também se encontra naquela de Pascal é a presença do homem e seus abismos: “[...] a variação violenta dos quadros, [...] leva-nos a um mergulho mais profundo nos nossos abismos” (IDEM, p.18). Enquanto Pascal se interroga “O que é o homem no infinito? [...] Eu quero lhe fazer ver lá dentro um novo abismo” (PASCAL, 2004, p.154).²⁵ A figura do abismo está bastante presente em ambas as obras e entende-se como sendo um vazio presente no homem. O abismo a que Pascal se refere nesta citação está relacionado à imensidão do mundo e do universo e o quanto o homem é pequeno diante disto tudo. Além disso, mostra mais uma vez a finitude do homem diante do infinito. Outro sentido que Pascal refere ao abismo diz respeito à posição do homem repleto de misérias: “Nós desejamos ardentemente encontrar um assento firme e uma última base constante para edificar uma torre que se eleva ao infinito, mas todo nosso fundamento range e a terra se abre até aos abismos.”²⁶ (IDEM, p.158).

Portanto, o homem busca algo para se firmar, mas não encontra, ele então se depara com seus abismos internos, suas fraquezas, limitações, paixões, imperfeições e finitude. A variação da vida, bem como sua inconstância, é algo incômodo para o homem que, se pudesse, firmaria sua vida em alguma base sólida; no entanto, isto não é possível, visto que o homem é um ser mutável. Esta mutabilidade das coisas e do ser humano está presente em uma reflexão que Belmiro faz a respeito de suas amizades, ele percebe que a relação de amizades do seu círculo, já não é mais a mesma do início: “Procuramos inutilmente fixar um círculo, uma paisagem em que nosso espírito se compraz, mas a vida é terrivelmente móvel. Os quadros se vão sucedendo, os amigos se deslocam, as perspectivas se transformam.” (ANJOS, 1975, p.133).

Para Belmiro esta variação da vida e das pessoas lhe causa uma sensação de abismo também, pois é a sensação de vazio presente, bem como a falta de controle absoluto que se tem na vida. Além disso, este abismo também pode ser interpretado de uma maneira geral como sendo a própria miséria humana - Pascal traz à luz inúmeras vezes este pensamento - e sobre isto ele afirma: “Eu digo frequentemente que toda a infelicidade dos homens vem de uma única coisa, que é de não saber ficar em repouso em um quarto.”²⁷ (PASCAL, 2004, p.118). Este “ficar em repouso” a que Pascal se refere é estar consigo mesmo, fazer uma introspecção, pois só assim o homem entraria em contato consigo mesmo e,

²⁵ “Qu’est-ce qu’ un homme dans l’infini ? [...] Je veux lui faire voir là-dedans un abîme nouveau”

²⁶ “Nous brûlons du désir de trouver une assiette ferme, et une dernière base constante pour y édifier une tour qui s’élève à l’infini, mais tout notre fondement craque et la terre s’ouvre jusqu’aux abîmes.”

²⁷ “J’ai dit souvent que tout le malheur des hommes vient d’une seule chose, qui est de ne savoir pas demeurer en repos dans une chambre”

consequentemente, com suas misérias, com as misérias mais profundas da alma: “Deixe um rei sozinho sem nenhuma satisfação dos sentidos, sem nenhum cuidado no espírito, sem companhias, pensar nele todo no ócio e verá que um rei sem divertimento é um homem cheio de misérias.” (IDEM, p.123) ²⁸. Nesta reflexão, Pascal se utiliza da figura de um rei, para dar exemplo do contato com suas misérias, pois esta seria a figura mais elevada da época e possuidora das mais diversas regalias e diversão a qualquer hora. O filósofo francês defende a ideia de que o ser humano busca diversão como meio de não entrar em contato com suas misérias, com seu nada.

Há inúmeras passagens em que Belmiro encontra-se sozinho, mergulhado em seus pensamentos, o que resulta em angústia e solidão, entretanto, ao mesmo tempo, estar junto à multidão não lhe faz bem:

Os dias de festa coletiva, introduzindo o elemento multidão na minha esfera e propondo-me novos espetáculos ou novas sugestões, interrompem o equilíbrio do meu pequeno mundo e nele vêm produzir desnivelamentos que suscitam mais fundos movimentos interiores. (ANJOS, 1975, p.16).

Ele observa que o “elemento multidão” interfere em seu espírito, trazendo-lhe incômodo: “Habituei-me a uma paisagem confinada e a um horizonte quase doméstico [...]. E se tal vida é melancólica, trata-se de uma sorte de melancolia a que meu espírito se adaptou e que, portanto, não desperta novas reações.” (IDEM, p.18). Fica muito claro neste excerto que Belmiro é um indivíduo melancólico e que isto se tornou algo tão natural que lhe trouxe a passividade. E a presença da multidão poderia atrapalhar este movimento interno tão bem estruturado, causando-lhe assim, este desequilíbrio que o próprio protagonista revela.

O encontro com sua miséria o deixa ainda mais inconsolável e consciente de sua situação. Ele diz para si mesmo: “[...] você é um pobre flautista. Seu destino é sonhar, na Rua Erê, impraticáveis donzelas. E morrerá donzel. Dom Donzel da Rua Erê.” (IDEM, p.159).

Portanto, esse encontro consigo mesmo que Pascal propõe, Belmiro o faz, e o resultado deste encontro é a consciência de suas misérias, ou seja, a impossibilidade de viver um tempo que já se foi. De uma maneira geral, observa-se que tanto a obra de Cyro dos Anjos, como a de Pascal discutem os mesmo temas, apesar de se tratar de épocas, tons e gêneros diferentes. Pascal aborda sistematicamente o homem como um todo, um ser que contém grandezas e misérias e que está inserido em uma sociedade. Deste modo, o filósofo francês analisa e reflete os costumes humanos e os pensamentos, em relação à sociedade e à religião. Já na obra

²⁸ “[...]qu’on laisse un roi tout seul sans aucune satisfaction des sens, sans aucun soin dans l’esprit, sans compagnies, penser à lui tout à loisir, et l’on verra qu’un roi sans divertissement est un homme plein de misères”

de Cyro, os abismos, as contrariedades e os conflitos são apresentados de uma forma leve, tanto nas características e construção de cada personagem, como na presença de uma linguagem muitas vezes poética, bem como na própria estrutura do romance, pois se vale das características do diário e da crônica, em que são tratados assuntos do cotidiano.

CAPÍTULO II

PARÓDIA: Elemento chave para a compreensão da filosofia na obra de Cyro dos Anjos.

2.1. Paródia e Carnavalização

De acordo com a obra *A Intertextualidade*, de Tiphaine Samoyault (2008) há vários tipos de práticas intertextuais. Ela afirma, com base nos estudos de *Palimpsestes*, de Gérard Genette, que há dois tipos principais de prática textual, o primeiro é a relação de co-presença, ou seja, um texto anterior está presente em um texto posterior, e o segundo tipo é a relação de derivação: um texto anterior é retomado e modificado no texto “atual”. Portanto, por meio destes dois tipos de prática intertextual, é possível analisar outros tipos de intertextualidade.

Ainda de acordo com Samoyault, a citação, a alusão e a referência estariam na prática de co-presença, pois estabelecem uma relação de um texto anterior com um atual. Este uso implicaria em um ganho para o texto atual ou “eventualmente sua dissimulação” (p.48), ou seja, a utilização de um texto anterior pode exaltá-lo ou rebaixá-lo: tudo dependerá do novo sentido que o autor queira dar ao seu texto.

Na obra de Cyro dos Anjos, há a presença de citações, alusões e de referências em relação ao autor francês Blaise Pascal. É por meio delas que fica claro ao leitor, principalmente pelas citações, que são utilizados pensamentos de Pascal. Dentre as três tipologias intertextuais, a citação é a mais evidente, visto que o conteúdo citado está presente junto ao nome do autor referido. Já a alusão e a referência não evidenciam, tanto quanto a citação, o texto citado, apenas algumas marcas fazem com que o leitor estabeleça a ligação com o nome do autor ou obra.

Estas três tipologias “beneficiariam” o texto anterior, visto que retomam conceitos e ideias, além de contribuir para o enriquecimento da obra atual. No entanto, estas práticas não são as únicas presentes na obra do autor mineiro, outra forma mais “acobertada”, sutil, não tão escancarada para o leitor, se faz presente: a paródia. Em relação à paródia, Samoyault (2008, p.53) afirma que ela “[...] transforma uma obra precedente, seja para caricaturá-la, seja para reutilizá-la, transpondo-a. Mas qualquer que seja a transformação ou a deformação, ela exhibe sempre um liame direto com a literatura existente”.

Portanto, a paródia pode se apresentar no texto como caricaturização ou como reutilização dos conceitos da obra anterior. Para Linda Hutcheon, em sua obra intitulada *Uma teoria da paródia* (1989, p.58), a paródia não se restringe só ao ridículo, à ridicularização: “[...] tanto o burlesco como a farsa envolvem necessariamente ao ridículo; a paródia não. Esta

diferença no *ethos* requerido é certamente uma das coisas que distingue estas formas, pelo menos segundo o que a arte moderna ensina”. (IDEM).

Linda Hutcheon, em sua obra já mencionada, faz uma compilação na qual aborda diversos estudos de vários autores, desde a literatura, passando pela música até a pintura. Neste estudo abrangente, ela observa que a presença da paródia em uma obra traria um novo sentido à obra citada, dentro deste novo contexto. E que, tanto a ironia, como a paródia “[...] tornam-se os meios mais importantes de criar novos níveis de sentido - e ilusão” (p.46); portanto, por meio da paródia é possível agregar novos sentidos, trazer um conteúdo já explorado anteriormente para um novo contexto, trazendo à tona novas discussões. Deste modo, torna-se imprescindível saber qual é este novo sentido trabalhado e exposto na obra presente. Lembrando que as citações, referências, alusões e a própria paródia não são esvaziadas de intenção, esta questão relaciona-se diretamente com este novo sentido que o autor quer dar a sua obra.

No caso de *O amanuense Belmiro*, a obra que é inserida em um novo contexto é *Pensées*, de Pascal: como referido anteriormente, o autor francês é mencionado inúmeras vezes na obra do autor mineiro. Muitas delas por meio de citações, alusões e referências. A princípio, a paródia não é percebida na obra, até o leitor atento deparar-se com o personagem Silviano e analisá-lo com atenção. Silviano, personagem tido como filósofo dentre os amigos de Belmiro, não apresenta características persuasivas, visto que sua conduta moral difere da conduta esperada para um filósofo com grandes aspirações. Professor universitário e casado tem como diversão se fazer passar por outro, por meio do fingimento: ele altera sua identidade e seu estado civil, para que assim possa sair com moças. Além disso, diz ser um amante da literatura e da filosofia e tem como objetivo escrever um livro de memórias, contando sua vida desde a infância até a fase adulta e este percurso da escrita durará dez anos, por isso o personagem o denomina como “plano decenal” (ANJOS, 1975, p.178).

Na obra de Cyro, três personagens aparecem com seus “posicionamentos” bem definidos, são eles: Jerônimo, Belmiro e Silviano. Estes três elementos sustentam, cada um a seu modo, as discussões filosóficas. Jerônimo, apresentado como “tomista” e “pascalizante” é alguém que defende a religião católica, com argumentos tanto de Santo Tomás de Aquino, como de Pascal: “Embora tomista, Jerônimo é um pascalizante, segundo me informa o Silviano.” (IDEM, p.153); Belmiro é ateu e o tempo todo revela seu posicionamento neutro, pois em momento algum toma partido; é aquele que reflete, pensa, mas não age e, por fim, Silviano ora revela defender Pascal, ora apresenta elementos contra o filósofo francês, contrastando com Montaigne, que possui muitas ideias divergentes daquelas de Pascal.

O primeiro capítulo, com seu tom leve e descontraído de uma véspera de natal, já revela algumas discussões que permearão toda a obra: “Ali pelo oitavo chope, chegamos à conclusão que todos os problemas eram insolúveis” (IDEM, p.5). Belmiro, rodeado por seus amigos em uma mesa de bar, discute com eles de modo descontraído e descompromissado a respeito da vida, e Silviano de modo “[...] meio vago, como que atendendo a uma ordem interior de reflexões, que não era bem a de nossa conversação” (IDEM, p.5) responde que “A solução é a conduta católica” (IDEM, p.5). Portanto, já na primeira página do romance uma questão filosófica é suscitada: o modo pelo qual se deve viver. E é suscitada por Silviano que, logo no início da narrativa já se mostra um filósofo. O leitor ainda ingênuo, recém-iniciado na leitura não ficará surpreso com a resposta de Silviano, visto que ainda não percorreu os demais capítulos, para constatar de quem realmente se trata. No entanto, no decorrer da narrativa, o leitor ficará sabendo que este personagem não é católico: “Silviano me disse que fora à missa, na capela do colégio Santa Maria. A explicação complicou ainda mais o caso porque sei que não é dessas devoções” (IDEM, p.79). Ora, como afirmar que a “conduta católica” é a solução para tudo se ele mesmo não acredita nela e não a vivencia? Este discurso, no mínimo, apresenta um tom irônico, pois sua fala não condiz com seus atos. Por esta primeira questão, pode-se ter uma ideia do tipo de filósofo que é Silviano.

Ainda sobre a questão discutida no primeiro capítulo, a conversa inicial do bar, ela só será encerrada no capítulo 60, intitulado “O que Silviano me falou”, quando Silviano retoma a discussão sobre a “conduta católica”.

– A solução é a conduta católica, disse tal como se continuasse, sem o intervalo de doze meses, a frase interrompida em 1934. – Precisamos meditar sobre as palavras de Paulo: andai pelo Espírito e não satisfareis a cobiça da carne. Porque a carne luta contra o Espírito e o Espírito contra a carne, pois estes são opostos um ao outro. (IDEM, p.129-130).

Esta passagem comprova a reincidência no assunto, bem como o interesse por parte de Silviano em querer retomá-lo. Mais uma vez, Silviano declara os preceitos do catolicismo, com tal entendimento, pois cita um trecho da bíblia, referindo-se ao que o apóstolo Paulo prega. Esta seria uma forma de convencer a respeito de suas crenças? Ou uma fala repleta de uma ironia sutil, camuflada por sua eloquência dissimulada? Retomando a discussão entre Silviano e Belmiro, sobre a conduta católica ser a solução, ela se estende no âmbito geral, quando Silviano afirma que é preciso suprimir a vida terrena e não gozar dos prazeres que ela oferece aos seres humanos.

A partir desta afirmação de Silviano, constata-se a contradição presente na vida do filósofo, visto que ele afirma ser preciso renunciar aos prazeres da carne, mas, no entanto, trai sua esposa: “Jandira, que de tudo sabe, contou-me que o filósofo, já à beira dos quarenta, retrocedeu aos vinte: está amando as moças em flor. O pior é que a mulher em vez de irritar-se, vive a ridicularizá-lo”. (IDEM, p.6). Por este excerto, obtém-se a resposta para os questionamentos feitos há pouco; Silviano é um ser contraditório em relação ao seu comportamento e às suas ações. Ainda referente ao trecho anterior, Silviano termina sua reflexão filosófica nervoso, pois diz estar perdendo sua fluência no latim: “- Estou perdendo meu latim! Disse irritado, cortando-me a palavra. Você é um pateta, um pacóvio.” (IDEM, p.130). Ou seja, a reflexão em si não é mais importante que seu latim. Sobre este aspecto tão peculiar de Silviano, Santiago, em sua obra *A vida como literatura O amanuense Belmiro* (2006, p.20) apresenta a seguinte reflexão:

Silviano é duplamente um *rhéteur* e *poseur*. Não só o é no plano da fala *mentirosa*, sempre enxertada por mil e uma citações eruditas, como também no plano das relações humanas, onde age – em particular com as mocinhas do subúrbio – como *mistificador*.

Em outro trecho, o narrador revela um Silviano que mente para sua esposa, a fim de estar na presença de seus amigos. Ele responde como conseguiu que sua esposa o deixasse ir até a casa de Jandira, sua amiga: “- Mentindo! respondeu nosso filósofo. Para todos os efeitos, estou na *Gazeta de Minas* fazendo revisão de um artigo que dei para o Suplemento. A mentira, Porfírio, é a base da ordem doméstica...” (ANJOS, 1975, p.31).

Nota-se, portanto uma contradição, um desvio daquilo que se expõe e daquilo que se vive. A partir desta constatação, são observados alguns elementos que se integram para a composição do personagem Silviano, dentre eles estão a mentira e a enganação tanto em relação à sua mulher, quanto em relação às jovens “moças em flor”. O estudo de Mikhail Bakhtin (1996) sobre a obra de François Rabelais pode ajudar na compreensão deste personagem tão peculiar de Cyro dos Anjos.

Embora *O amanuense Belmiro* não apresente traços do realismo grotesco, como a obra de Rabelais, há um elemento importante que ilumina as características de Silviano: a presença do elevado e do baixo. O rebaixamento no realismo grotesco é a “[...] transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato” (BAKHTIN, 1996, p.17). Ou seja, o que é elevado é rebaixado e o que é rebaixado é elevado. Portanto, o que se observa na figura de Silviano é justamente a presença de alguns elementos elevados convivendo com alguns elementos do “baixo”. Na

análise de Bakhtin, estão situados nos elementos do baixo corporal a bebida, a comida e a vida sexual. Um aspecto importante que deve ser mencionado é a diferença da paródia feita na obra de Rabelais, a medieval, da paródia de nossa época: “[...] a paródia medieval não se parece nada com a paródia literária puramente formal de nossa época” (IDEM, p.19), pois ao mesmo tempo em que há na paródia medieval, elementos que degradam, há também os que elevam: é a presença simultânea da morte e do renascimento. É diferente da paródia de nossa época, que degrada, apresentando somente este lado negativo e não a polaridade negativo/positivo como visto na paródia medieval.

Apesar disso, as características de Silviano não deixam de ser paródicas, principalmente por seu constante conflito que evidencia aspectos elevados e baixos. Iniciando a análise de Silviano, observa-se que os aspectos elevados se apresentam como sendo a sua própria figura de filósofo e intelectual. Ao longo da narrativa, Silviano se mostra um erudito e leitor de grandes autores, além disso, é ele quem abastece os amigos com seus livros. Em uma passagem, Belmiro recusa a oferta de Glicério em emprestar-lhe algumas obras e se justifica: “Respondi-lhe, que por ora, não. Preciso debulhar, primeiro, outros livros que Silviano também me emprestou e já está cobrando.” (ANJOS, 1975, p.103) e, ainda: “[...] Silviano tem-me suprido do bom e do melhor, no que toca a livros.” (IDEM, p.93).

Silviano é também professor universitário e filósofo, em vários trechos é possível identificar as questões principais as quais reflete. A questão principal e mais recorrente é sobre suprimir ou não os prazeres da carne, a qual remete à “questão da conduta católica” mencionada várias vezes ao longo da narrativa. Ou seja, há uma necessidade de o filósofo compreender se está ou não de acordo com aquilo em que acredita, bem como à sua filosofia. Pois esta questão da supressão dos prazeres está diretamente ligada à conduta que ele assume algumas vezes, como a traição de sua esposa.

O último aspecto elevado que Silviano apresenta é seu discurso rebuscado, repleto de citações de autores clássicos, de inúmeras expressões latinas, bem como a utilização de uma linguagem erudita. Resultado também de seu intelectualismo:

REM MEDITARE – O homem é ordenado para um fim que lhe transcende o entendimento! Daí o ser impossível, sem a outra ciência, a revelada, conhecermos e atingirmos o nosso fim. Defeituoso, na essência, todo conhecimento que repousa na autoridade humana. O homem nasceu para uma condição limitada. (IDEM, p.145).

No excerto apresentado, tem-se uma amostra tanto do pensamento de Silviano, quanto de sua linguagem, apesar deste discurso não ser oral, mas escrito - são anotações para um

artigo - percebe-se a profundidade do tema refletido: a consciência da finitude do homem. Outra característica importante em todos os discursos do filósofo é a inserção de palavras ou expressões latinas, como se isto desse mais autoridade e passasse a impressão de maior conhecimento para os ouvintes, ou leitores.

A partir destas características, constata-se que Silviano é um intelectual e um filósofo, pois além de ser um leitor de autores clássicos e de filósofos também é um propagador de suas teorias. Portanto, estas características revelam seu lado elevado em contraposição ao seu lado “baixo” também revelado por alguns indícios ao longo da narrativa.

O primeiro aspecto do lado “baixo” de Silviano é a mentira: por meio dela, o leitor descobre que algumas ações do filósofo são recorrentes. Esta mentira constante também é revelada por seus amigos: “As mentiras deixadas em casa de Jandira são daquelas que pertencem ao processo de recriação de Silviano” (IDEM, p.47). Esta fala é de Belmiro que comprova que a mentira é algo muito interno de Silviano e que faz parte de sua vida. A questão da mentira não fica evidente só para Belmiro, outro amigo Florêncio declara que seu amigo é “mitomaniaco” (IDEM, p.32). Além disso, o próprio Silviano confessa esta inclinação em mentir e afirma que é uma espécie de monstro que apresenta múltiplas facetas: “Sou triplo, sou múltiplo, mas Joana só conhece uma face do monstro” (IDEM, p.32).

O segundo aspecto que Silviano apresenta é a questão do adultério. Ele trai sua esposa com as chamadas “moças em flor”, e isto é bem recorrente: “Agora, é uma pequena de outro estilo. O nosso filósofo varia sempre.” (IDEM, p.127). Importante salientar que o objetivo de evidenciar o comportamento adúltero de Silviano não é fazer um julgamento moral, mas indicar um aspecto importante que se relaciona ao “baixo” analisado por Bakhtin. O adultério está diretamente ligado aos aspectos do corpo, ou seja, à necessidade corporal, como a vida sexual.

E, por fim, a presença do egocentrismo e da vaidade que compõem Silviano. Estes elementos são observados em seu discurso e no modo como trata seus amigos. Em relação ao discurso, nota-se sempre uma superioridade, como se tivesse toda a sabedoria existente do mundo. Na passagem que se segue, há a revelação que Silviano está escrevendo suas memórias:

Há dois meses, declarou [Silviano], com solenidade, resolvi escrever a minha vida. Fá-lo-ei em **Memorabilia**, isto é, em forma de memórias. Não me sendo possível escrever, como desejaria, todo o texto em latim, apenas os títulos dos capítulos e o da obra serão no idioma de meu diletto Sêneca. Não o Velho, o Retórico, mas o autor de **De constantia sapientes** e **De**

tranquillitate animi. Tenho um Diário, que remonta aos longes de minha infância, e nele encontro material abundantíssimo. (IDEM, p.176).

Durante toda a explanação de seu projeto a Belmiro, Silviano demonstra sua vaidade tanto ao escrever um livro de memórias de sua vida, quanto ao sentir-se habilitado para refletir acerca de inúmeras questões, dentre elas o amor e a sabedoria. Além disso, se autodenomina “herói”: “Surge, de novo, o **aeternus hostis**, o Amor, em grande retorno. O herói ataca, então, num supremo esforço, as grandes meditações sobre a **Libido sentiendi**, isto é, a gana de sentir, de gozar ‘em’ ou ‘com’ todos os sentidos.” (IDEM, p.177).

Já com relação aos seus amigos, a mesma superioridade é demonstrada, no excerto a seguir há uma demonstração disso na fala de Belmiro: “[...] Silviano se coloca em plano de superioridade tal, que não lhe permite ressentir-se com pilhérias. Diz-me sempre: ‘Seus motejos me deixam na mais divina indiferença’...” (IDEM, p.127). Logo, observa-se que os aspectos que compõem o “baixo” são de âmbito corporal do personagem e estão ligados ao seu comportamento; em contrapartida, os aspectos elevados se relacionam ao discurso de Silviano.

Há, portanto, a junção de aspectos elevados com aspectos do “baixo” em um mesmo personagem, isto caracterizaria a paródia em Silviano. Estas características do “baixo” caberiam sem problema em qualquer personagem na obra, mas o que “incomoda” é o fato de pertencer a um personagem que possui um discurso tão levado e rebuscado, além de ser a figura de um filósofo. É como se estes dois universos, o da filosofia, da vaidade, entre outras coisas, não dialogassem.

Assim como há elementos do alto e do baixo em Silviano, há também em Belmiro. No entanto, há uma diferença em relação ao amanuense, visto que estes elementos não estão propriamente ligados a ele, mas estão em um ambiente explícito: na festa de carnaval.

No capítulo intitulado “A Donzela Arabela” Belmiro narra sua experiência em uma noite de carnaval. Ele, a princípio, não se entrega às brincadeiras dos foliões, mas depois é envolvido pela massa carnavalesca. Bakhtin (1996), em sua análise a respeito de Rabelais e as festas populares, afirma que o carnaval se situa entre a arte e a vida e que nele todas as pessoas são iguais. Para ele o carnaval também possui “[...] uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis de sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar.” (p.9).

Neste capítulo, é possível observar os aspectos do baixo, por meio das imagens que o carnaval oferece, como por exemplo, as fantasias. Bakhtin afirma que o carnaval

[...] celebra o aniquilamento do velho mundo e o nascimento do novo, do novo ano [...] O velho mundo aniquilado é apresentado juntamente com o novo, representado com ele como a parte agonizante do mundo bicorporal único. É por essa razão que as imagens do carnaval oferecem tantas coisas ao avesso [...] Isso se manifesta sobretudo nas vestimentas das pessoas: homens fantasiados de mulheres e vice-versa, roupas vestidas do avesso, roupas do alto postas no lugar das de baixo, etc. (IDEM, p.360).

Portanto este mundo apresentado com as “coisas ao avesso” também é encontrado no capítulo do carnaval, sobretudo por meio da presença das fantasias, da bebida e do éter. Nos excertos que se seguem estão dispostas, respectivamente, as imagens das fantasias de carnaval, a presença do éter e da bebida: “Um máscara-de-macaco deu-me o braço e mandou-me cantar”; “Uma gargalhada espantosa explodiu em torno de mim. Deram-me uma corrida e, depois de me terem atirado confete à boca, abandonaram-me ao meio da rua embriagado de éter [...] Um jacto de perfume me atingia às vezes”. E por fim, “Bebendo aqui, bebendo ali, acabei presa de grande excitação. Correndo atrás de choros, de blocos e cordões.” (ANJOS, 1975, p.19).

Assim, no dia do carnaval, Belmiro junta-se à massa carnavalesca e se abandona à música e à dança. O amanuense experimenta fundir-se à multidão e viver este momento sem tantas reflexões. Ele, um burocrata, que tem uma vida tão restrita e minguada, se deixa conduzir pelo fluxo dos foliões e sente estar conectado a esta massa humana. Sentimento este bem escasso em seu dia-a-dia, por causa de sua rotina isenta de emoções e da pequena roda de amigos, que nem sempre estão disponíveis.

Observa-se que este acontecimento “extraordinário”, como o próprio Belmiro afirma, de fundir-se na multidão e, sobretudo, o contato com a atmosfera carnavalesca, produzem algo em seu espírito, como o “encontro” com a Donzela Arabela, ou seja, o amanuense se transporta para outro tempo e outro lugar e vive seu mito infantil de modo muito intenso. Desta maneira, constata-se aquilo que Bakhtin afirma sobre o carnaval: ele é “[...] uma fuga provisória dos moldes da vida ordinária.” (BAKHTIN, 1996, p.06), além disso, “Durante o carnaval é a própria vida que representa [...] e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real.” (IDEM, p.07). Logo, graças ao carnaval, Belmiro recupera seu antigo mito e o transporta para a vida real na qual ele pode vivê-lo com mais entusiasmo, nem que seja por pouco tempo.

Observa-se, então, por meio destes aspectos, que o baixo também está presente na atmosfera que envolve Belmiro, mesmo sendo em um contexto particular e pontual. Mas que, no entanto, demonstra ser esta presença, tanto em Belmiro quanto em Silviano, importante

para a composição de ambos os personagens, bem como para a estrutura da obra, principalmente em relação a Silviano.

Finda a análise dos elementos presentes nos dois personagens principais, em relação aos aspectos do elevado e do baixo, é preciso retomar a questão da paródia. Por meio dos indícios e das características de Silviano, é possível afirmar que é parodiada na obra de Cyro dos Anjos a figura do filósofo, pois há um verdadeiro paradoxo entre aquilo que ele prega e aquilo que ele faz. Um aspecto que evidencia bem este paradoxo é a questão da supressão da vida, ou seja, o personagem revela ser necessário suprimir as paixões, viver de modo a não satisfazer os prazeres carnavais.

Importante destacar que esta questão é um ponto de incidência nas reflexões feitas por Pascal, para ele, o homem busca a diversão como meio de evadir-se de seus problemas, bem como de suas misérias e de seus conflitos internos:

A única coisa que nos consola das nossas misérias é o divertimento e, no entanto, essa é a maior das nossas misérias. Com efeito, é isso que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos perde insensivelmente. Sem isso, ficaríamos desgostosos, e esse desgosto nos levaria a procurar um meio mais sólido de sair dele. Mas o divertimento alegra-nos e leva-nos insensivelmente à morte.²⁹ (PASCAL, 2004, p.243).

Silviano também prega isto: “Nosso problema – entende? – é repudiar a vida, em forma definitiva, eliminando todos os seus atrativos, todos os seus excitantes. Não vê o Jerônimo? Engolfou-se nos doutores. Sublimou-se. É o que nós precisamos fazer. Rechaçar a Besta, isso é que é.” (ANJOS, 1975, p.130).

Belmiro ainda o indaga a respeito deste posicionamento perante a vida:

- Não tenho tamanha aversão à vida, objetei.
- É porque está, ainda, rastejando; não chegou ao alto da montanha, para ver o espetáculo. Ela é ardilosa e inesgotável em astúcia. Atrai-nos sempre e nos deixa sempre insatisfeitos. Impossível dominá-la, impossível sorvê-la. E o grande caminho é ascese. (Deu vigoroso acento à palavra “ascese”.) Precisamos renunciar de uma vez, violentamente, isso é que é. (IDEM, p.130).

O pensamento de Silviano comunga com o de Pascal, exceto em um detalhe: Silviano, ao dizer que é preciso renunciar aos prazeres terrenos, coloca-se em um lugar de superioridade em relação a Belmiro: o excerto acima dá a entender que Silviano já atingiu a

²⁹ “La seule chose qui nous console de nos misères est le divertissement. Et cependant c’est la plus grande de nos misères. Car c’est cela qui nous empêche principalement de songer à nous, et qui nous fait perdre insensiblement. Sans cela nous serions dans l’ennui, et cet ennui nous pousserait à chercher un moyen plus solide d’en sortir, mais le divertissement nous amuse et nous fait arriver insensiblement à la mort.”

difícil tarefa de suprimir as paixões da vida e se coloca no “alto da montanha”; em contrapartida Belmiro que ainda estaria “rastejando”. Há a soberba e a vaidade do filósofo ciriano expressas claramente. Para Pascal, é necessária a humildade para então reconhecer a verdadeira miséria e o verdadeiro vazio presente no homem, portanto, a vaidade, sendo o oposto da humildade seria um dos grandes problemas do homem: “A vaidade desta pretensão vos jogou em outro precipício vos fazendo perceber que vossa natureza fosse parecida com aquelas dos tolos e vos pôs a procurar vosso bem nas concupiscências que são partilha dos animais.”³⁰ (PASCAL, 2004, p.132).

É preciso lembrar que a conduta de Silviano contradiz aquilo que ele prega tão veementemente. Neste ponto, cabe outra questão abordada por Pascal: para ele, a vaidade funcionaria como uma máscara que encobre o verdadeiro ser, principalmente as falhas, para que assim possa ser aceito pelos outros e admirado:

O homem não passa, portanto, de disfarce, mentira e hipocrisia, tanto em face de si próprio como em relação aos outros. Não quer que lhe digam verdades e evita dizê-las aos outros; e todos esses propósitos, tão alheios à justiça e à razão, têm em seu coração raízes naturais.³¹ (IDEM, p.502).

Silviano se “disfarça” diante de seus amigos, por meio da figura de um filósofo, mas por detrás de sua máscara há um homem repleto de fraquezas que se entrega facilmente às paixões da vida. Portanto,

[...] ao negar-se a reconhecer as suas imperfeições o homem, soma às mesmas uma ilusão voluntária que resulta de sua aversão à verdade. A aversão à verdade é inseparável no homem do amor-próprio, pois é preciso encobrir sua verdade de miséria para se forjar no olhar do outro com uma aparente grandeza que o torne um objeto passível de ser amado pelos outros. (NASCIMENTO, 2006, p. 39).

Não que Silviano não seja realmente um homem intelectual e sabedor dos conceitos de filosofia, mas há nele uma vaidade que não condiz com sua sabedoria. Silviano, ao denominar-se filósofo, faz presumir que ele tenha conhecimento de filosofia - e isto é provado na narrativa por meio de suas inúmeras discussões filosóficas - bem como o conhecimento da

³⁰ “[...] la vanité de cette prétention vous a jetés dans l’autre précipice en vous faisant entendre que votre nature était pareille à celle des bêtes et vous ont portés à chercher votre bien dans les concupiscences qui sont le partage des animaux.”

³¹ “L’homme n’est donc que déguisement, que mensonge et hypocrisie, et en soi-même et à l’égard des autres. Il ne veut donc pas qu’on lui dise la vérité. Il évite de la dire aux autres ; et toutes ces dispositions, si éloignées de la justice et de la raison, ont une racine naturelle dans son cœur.”

condição humana, isto é, da miséria que compõe o ser humano. Com isto, sua vaidade não deveria transparecer em seu discurso, pois ele mais do que ninguém, pela sua condição de filósofo, sabe de sua condição humana: ser limitado e repleto de fraquezas. Mais uma vez, tem-se o incômodo discurso de Silviano por meio do qual prevalece sua vaidade. No excerto a seguir, nota-se claramente esta questão, além disso, tem-se a impressão que a eloquência de seu discurso é mais importante do que aquilo que está sendo discutido:

Foi pena que você não assistisse à última fase dos debates. Veio para mim com as delgadezas e impertinências da Escolástica! Mas apanhei-o numa *ignorantia elenchi*, numa *fallacia consequentis* e num abuso de *fallacia plurium interrogationum*... Não pode comigo! Não pode comigo! (ANJOS, 1975, p.156).

Nota-se que Silviano é um personagem contraditório e que suscita questões filosóficas na obra. É um personagem contrário a Jerônimo, que assume um posicionamento simples e tranquilo, defendendo sempre o pensamento pascaliano. Já Silviano gosta de se exhibir, principalmente para Belmiro: “Quero que venha. Você vai testemunhar um espetáculo soberbo! respondeu-me.” (IDEM, p.153). Esta fala representa bem a atitude de Silviano, que convida Belmiro para ser expectador de sua discussão filosófica com Jerônimo. Portanto, há um interesse por parte de Silviano de ser notado e visto por alguém, no caso por Belmiro, como se precisasse de reconhecimento por aquilo que ele é, ou por aquilo que construiu. Belmiro, então, neste caso, seria seu *eu imaginário*, no dizer de Pascal. Ou seja, uma “construção” de Silviano, para que assim possa satisfazer sua vaidade de ser ouvido.

Tendo um posicionamento ora a favor do catolicismo e dos pensamentos de Pascal, ora contrários a estes, tanto nas discussões filosóficas, quanto na prática, pode-se dizer que Silviano é o elemento que traz a paródia para a obra de Cyro. No entanto, não se tem a paródia nem do pensamento e nem a da filosofia de Pascal, mas a paródia da figura do filósofo em si, pois Silviano é aquele que apresenta muito conhecimento em relação à vida e ao homem, mas que em contato com o mundo entra em conflito, ou seja, não consegue estabelecer a ligação entre a teoria (conhecimento) e a prática.

Assim como Silviano não consegue fazer a ligação entre vida prática e pensamento, Belmiro também não a faz. Lembrando que, Belmiro não segue nenhuma filosofia, mas mesmo assim, apresenta inúmeras reflexões de ordem filosófica que englobam, principalmente, questões metafísicas. O protagonista, por diversas razões, não consegue conciliar seus pensamentos com sua realidade, apresentando assim alguns “choques”, bem como sua paralisia diante da vida.

Portanto, tanto Silviano quanto Belmiro divergem do comportamento de Pascal face ao mundo neste aspecto, pois o filósofo francês apresenta um “alinhamento” entre seu pensamento e sua realidade. Ou seja, Pascal observa a realidade, o comportamento e os costumes dos quais está rodeado, e a partir disto elabora e conclui seu pensamento. Para ele não há contradição daquilo que ele observa, pensa e reflete de sua vida, ao contrário de Belmiro que apresenta inúmeras contradições, principalmente pela dualidade temporal que o cerca. Passado e presente são elementos muito presentes em sua vida e que compõem a marca da contrariedade.

2.2 A relação entre a paródia e os temas filosóficos recorrentes na obra de Cyro

No capítulo anterior, as características dos personagens Silviano e Belmiro foram analisadas, sobretudo no que diz respeito aos aspectos elevados e baixos dos personagens, bem como a paródia. A partir disto, observa-se o quanto a paródia é fundamental para a compreensão de alguns aspectos da obra. Além disso, é preciso lembrar também que a paródia, como afirma Samoyault, é capaz de trazer à tona novas discussões: no caso da obra do autor mineiro, a discussão revisitada é a filosofia, bem como questões relativas ao melhor modo de se viver. Portanto, pela paródia este assunto é debatido, mas de uma forma irônica por meio da figura do personagem Silviano: o filósofo ciriano.

A ironia se faz presente no comportamento contraditório de Silviano:

Assim, o humor paródico ora se liga à sátira, com seu ataque bastante explícito ao estabelecido, ridicularizando-o, ora de transmite sutilmente pela ironia. No segundo caso, o paradoxo que se estabelece pela simultaneidade de afirmação e aceitação da realidade parodiada se intensifica, pois a ironia é uma construção circular que jamais nos permite concluir. (SOARES, 2007, p.73).

Portanto, a ironia que se tem presente no comportamento de Silviano é também um elemento da paródia, pode-se observar que a ironia sutil, como revelado no excerto acima, se une ao humor paródico. Observa-se que o humor encontrado em Silviano, por meio de seu comportamento contraditório com seu pensamento, não é um humor satírico; ou seja, quando há uma crítica por meio do riso depreciativo, mas apresenta o humor irônico muito mais sutil. E esta ironia se mostra tanto no discurso de Silviano, nas suas aventuras amorosas, quanto na apropriação de uma identidade fictícia como, o de Aristóteles de Estagira: “[Zizi] (acredita ingenuamente que Silviano se chame assim, pois este teve a precaução de mandar imprimir

cartões de visita com o nome do seu venerado mestre, para encobrir a identidade, em aventuras de subúrbio...)." (ANJOS, 1975, p.128).

Retomando a questão dos temas abordados, um que se destaca pela sua recorrência é a questão da supressão da vida, ou seja, a supressão dos prazeres carnavais. É justamente este tema que mostra mais claramente a contradição do comportamento de Silviano em relação ao seu pensamento. Este tema é muito defendido por Pascal, e na obra de Cyro torna-se um elemento importante para a paródia da figura do filósofo Silviano, visto que ele também prega isto e vive de modo totalmente contrário a este pensamento.

A inserção deste tema ocorre logo no primeiro capítulo e Silviano de modo aleatório, como se tivesse que afirmar para si mesmo, declara que a solução para os problemas da vida se encontra na "conduta católica" (IDEM, p.5), e depois quando Belmiro o incita a continuar seu pensamento ele revela que "[...] ainda que fosse uma supressão, por que não haveríamos de realizá-la para encontrar a tranqüilidade? A grande estupidez é vivermos num conflito constante. Já que não se possui a vida com plenitude, o melhor é renunciar de vez". (IDEM, p.6). Interessante que esta conversa só será retomada mais adiante no capítulo 60, intitulado "O que Silviano me falou":

E atacou a questão que denomina "atitude católica em face da besta". Noto que nas primeiras páginas deste caderno registrei, por alto, palavras que trocamos no Parque, no último Natal. Hoje, quase um ano depois, retomou ele o fio da conversação, então cortado. (IDEM, p.129).

Ao longo desse período, muitos meses – e capítulos – depois, são revelados para o leitor indícios e provas claras que mostram a verdadeira atitude de Silviano. Primeiramente, que ele não é católico: "Silviano me disse que fora à missa, na capela do Colégio Santa Maria. A explicação complicou mais ainda o caso, porque sei que é dessas devoções" (IDEM, p.79) e, segundo, sua conduta adúltera, já no primeiro capítulo, é revelada: "[...] o pior é que a mulher, em vez de irritar-se, vive a ridicularizá-lo. Às voltas com os filhos, Joana diz não ter tempo para se ocupar dele." (IDEM, p.6). Mais adiante, fica-se sabendo que seus amores são comuns e bem variados: "Sem me dar, pois, maior atenção, foi contando o caso, assim que nos abancamos no bar. Não se trata mais da jovem da gota-serena, o "Perrexil". Agora, é uma pequena de outro estilo. O nosso filósofo varia sempre." (IDEM, p.127).

Por meio destas citações, é possível observar as contradições de Silviano e outro exemplo disto ocorre também no capítulo 60, quando Silviano revela para Belmiro que é preciso renunciar aos prazeres terrenos; no entanto, antes desta fala ele conta uma de suas

aventuras amorosas. Além de afirmar que é preciso renunciar aos prazeres da carne, Silviano acrescenta uma passagem bíblica referente a Paulo, que é preciso lutar contra a carne em favor do espírito.

Poder-se-ia afirmar que um momento de arrependimento fez com que o filósofo ciriano se entregasse então à filosofia e enfim a vivesse de fato, mas, ao findar o diálogo, percebe-se que isto não ocorre, pois seus atos não condizem com aquilo que prega. Tem-se, assim mais uma vez a demonstração da sabedoria (não vivida na prática) de Silviano e sua necessidade de demonstrá-la a Belmiro, bem como fazer parecer aquilo que não é.

Outro aspecto importante de se observar é a fala de Silviano: “- Estou perdendo o meu latim! disse, irritado, cortando-me a palavra.” (IDEM, p.130). Nesta fala há dois pontos interessantes. O primeiro é que a sua eloquência e seu latim são mais importantes do que aquilo que está sendo discutido e, o segundo ponto, é que ele nunca deixa Belmiro discorrer sobre o que pensa, pois suas discussões filosóficas com Belmiro são sempre unilaterais. Como se mais ninguém pudesse acrescentar algo ao seu pensamento.

Portanto, a partir destas evidências sobre Silviano, chega-se à conclusão de que ele é alguém que não vive o catolicismo, mas o prega; prega a supressão das paixões, mas não a vive. Ou seja, é um filósofo que não é muito confiável. Logo, por causa de seu comportamento, a ironia se faz presente. A ironia na obra também faz pensar, tanto sobre os preceitos católicos, quanto o pensamento de Pascal. Com relação a Pascal, Silviano em uma longa e calorosa discussão com Jerônimo quer provar que ele, na verdade, era um cético:

- Mas, deveras, você, Jerônimo, emprega argumentos dessa natureza? Eu me apóio nos próprios textos de Pascal! E em qualquer edição que você queira, entende? Ao seu Beurrier, respondo com Cousin, Michelet, Bréhier... Ou melhor, veja simplesmente a Enciclopédia Espasa, que é de Jesuítas... Pascal é arrolado entre os cépticos... (IDEM, p. 155).

A esse respeito, sabe-se que Pascal foi um cético, mas que depois se converteu ao catolicismo; logo após a ida de sua irmã Jacqueline para o convento de Port-Royal. Com isto, Pascal se isola da vida social e começa a se dedicar à leitura de algumas obras de religiosos e estudiosos da época. No entanto, Silviano detém-se somente no período da vida em que Pascal era um cético. Ou seja, detém-se naquilo que lhe convém, naquilo que poderá gerar mais discussões polêmicas para com seus amigos. E as discussões polêmicas são geradas principalmente pelo confronto entre Silviano e Jerônimo.

A partir destes confrontos, fica claro o quanto Silviano e Jerônimo são personagens que apresentam ideias e pensamentos opostos. Jerônimo é um personagem que não aparece muito

na obra, a não ser para duelar com Silviano, como se sua função principal fosse esta, para que assim Silviano possa mostrar suas ideias sobre Pascal. As discussões feitas entre os dois são de ordem tanto filosófica quanto teológica permitindo, portanto, discussões muito mais complexas. No debate mais longo que se tem, entre Silviano e Jerônimo, ora um parece se sobressair, ora outro, e não se tem uma conclusão bem definida de quem se saiu melhor diante das discussões.

Portanto, Silviano é um personagem de grande importância na obra, pois além de trazer elementos para serem discutidos, apesar de sua conduta contraditória, como questões referentes ao homem, é por meio dele que se tem a ironia na obra. E esta ironia se faz presente pelo uso de uma linguagem rebuscada, ou seja, pela utilização de vocábulos não muito usuais, de citações eruditas, bem como o emprego de expressões latinas e, sobretudo por seu próprio comportamento que contradiz algumas questões abordadas pelo filósofo francês e que são defendidas pelo próprio Silviano.

A constatação do diálogo entre Silviano e Pascal no âmbito filosófico só é possível por meio da intertextualidade, isto é, pela análise da presença do autor francês na obra do autor mineiro. A partir dela, também é possível refletir o que esta presença acarreta para obra, bem como os novos sentidos atribuídos neste contexto empregado. É justamente por meio da análise, principalmente de Silviano, que se pode compreender melhor aquilo que ele defende, baseado muitas vezes no pensamento de Pascal, bem como seu posicionamento contraditório.

Outro tema muito recorrente na obra de Cyro é composição de memórias ou de diários. Nota-se que, dentre os personagens, três apresentam alguma forma de composição sobre suas vidas. São eles: Belmiro, Redelvim e Silviano, cada um de modo peculiar e com objetivos diferentes escrevem suas vidas. O mais peculiar dentre eles é Silviano, visto que tem o objetivo de escrever um livro de memórias de sua vida a longo prazo. Sobre isto ele revela a Belmiro:

[...] devia mesmo prosseguir no trabalho, que poderia alcançar grandes proporções. O plano era notável. Quanto tempo gastaria para fazer o livro? – Talvez uns dez anos... É um plano decenal. Só para delineá-lo gastei dois anos de estudo. Pensou que fosse coisa para já? Como é ignorante, Porfírio... (IDEM, p.178-9).

A partir desta revelação, entende-se melhor o quanto Silviano é peculiar. Belmiro, depois de ter conhecimento das anotações de seu amigo, reflete a respeito de seu comportamento:

Elas [as anotações] me lembram um Silviano majestoso que certa noite, no Alto do Cruzeiro, olhando para as estrelas e erguendo os braços, proferiu esta prece: - Ó Inconcebível, ó Imensurável, ó Transfinito, condescende em que se prostre a teus pés este farrapo de um farrapo, este pobre verme, sopro dum instante, prestes a ser tragado no hausto universal! (IDEM, p.146).

Neste excerto, é possível encontrar a dualidade grandeza *versus* miséria e confirmar, uma vez mais a ironia do personagem, pois a vaidade presente é revelada tanto por Belmiro, quanto pelo comportamento de Silviano, pelo seu modo de falar e pelas palavras utilizadas em sua prece. A miséria, por sua vez, se liga à ideia da prece, pois alguém só faz uma prece quando se vê impotente diante de alguma situação, e esta impotência, esta fraqueza levaria ao encontro íntimo do ser com ele mesmo, portanto, a humilhação de si mesmo é o elemento base de uma prece.

No entanto, na prece feita por Silviano há mais elementos que o exaltam do que o humilham, prevalecendo assim a vaidade. Para Pascal, a vaidade funcionaria como uma máscara que encobre o verdadeiro ser, principalmente as falhas, para que assim este pudesse ser aceito pelos outros e admirado: “Nós somos somente mentira, duplicidade, contrariedade, e nos escondemos e nos disfarçamos de nós mesmos.”³² (PASCAL, 2004, p.367). Para o filósofo francês o homem também “[...] se recusa a enxergar a verdade de sua condição e vive num movimento incessante de dissimulá-la, forjando para si com o impulso da vaidade uma máscara que esconda a sua miséria inconfessável.” (NASCIMENTO, 2006, p.51).

Esta vaidade do personagem revelaria uma falsa grandeza por parte de Silviano, visto que o filósofo francês afirma que a verdadeira grandeza só é obtida por meio da miséria, do encontro verdadeiro consigo mesmo: “A grandeza do homem é grande na medida em que ele se conhece miserável. Uma árvore não sabe que é miserável. É, pois ser, miserável conhecer-se miserável; mas, é ser grande saber que se é miserável.”³³ (PASCAL, 2004, p.106).

Silviano, portanto, exhibe sua falsa grandeza sem modéstia, pois não está preocupado em realmente assumir para si mesmo suas misérias e fazer com que, a partir delas, possa, enfim, encontrar a verdadeira grandeza. Silviano traz consigo a presença constante da vaidade. No entanto, algo curioso de salientar é que ele não esconde sua fraqueza principal: a luxúria demonstrada logo no primeiro capítulo da narrativa. Ele não tem o menor interesse de encobrir este seu “pecado”, mas até se envaidece, pois ainda consegue conquistar as jovens

³² “[...] nous ne sommes que mensonge, duplicité, contrariété, et nous cachons et nous déguisons à nous-mêmes.”

³³ “La grandeur de l’homme est grande en ce qu’il se connaît misérable; un arbre ne se connaît pas misérable. C’est donc être misérable que de se connaître misérable, mais c’est être grand que de connaître qu’on est misérable.”

moças. Além disso, revela que tem sempre o “Perrexil”, ou seja, uma “musa” para inspirá-lo: “‘Perrexil’ é o estimulante do pensador. Perrexil é a Musa.” (ANJOS, 1975, p.81).

Pode-se dizer, então, que Silviano apresenta em seu comportamento alguns aspectos sobre os quais Pascal reflete em sua obra, como por exemplo, as fraquezas. No entanto, Silviano o faz “às avessas”, pois para o filósofo francês, ao assumir sua fraqueza o homem se redimiria, mas não é isto que ocorre em Silviano, já que ele assume uma posição superior, como se tivesse o controle de tudo. No trecho em que Belmiro indaga Silviano sobre suas “quedas”, dizendo que houve mais de uma, o filósofo ciriano rebate: “- Mas sempre se purificou, depois, diante de si mesmo! disse, com soberba inflexão de voz.” (IDEM, p.128). Nota-se, por esta fala, que Silviano não se importa em “cair” e que, por mais que isto aconteça ele sempre conserva sua vaidade.

Apesar de Silviano apresentar tantas contradições, Belmiro está sempre a pensar em suas teorias: “[...] fui ruminado a tese de Silviano” (IDEM, p.7), como se as reflexões de Silviano fizessem muito sentido para sua vida. Em outra passagem, percebe-se também que Belmiro o vê como alguém que pode auxiliá-lo: “Consultarei Silviano sobre este conceito” (IDEM, p.133), o assunto a ser consultado é sobre o conceito de “antifederativo do indivíduo” (IDEM, p.133), algo um tanto complexo, pois Belmiro refletia sobre Jandira e a questão da amizade. Por fim, outra citação revela ainda mais o quanto o pensamento de Silviano está presente em Belmiro:

O que nos deve preocupar são os problemas eternos! A exclamação que ouvi dentro de mim foi do Silviano. Às vezes estou a pensar e ouço um interlocutor. Olho em torno, não há nada. A voz veio de dentro. Entretanto, pelo timbre era idêntica à do amigo. Problemas eternos! A razão talvez esteja com Silviano. Não vale a pena pensar nas dificuldades da vida. Dedicar-te aos eternos problemas, Belmiro! (IDEM, p.78).

Nos excertos citados, pode-se observar a ligação que Belmiro tem com Silviano, o que também é evidenciado pela recorrência com que Silviano é citado em seu diário, portanto, parece que Belmiro tem uma grande identificação com ele:

A vida dos amigos apenas se me revelou quando incidiu na minha. Jamais entrei nos seus domínios íntimos, e, se mergulhei em Silviano, foi porque nele encontrei possíveis itinerários para as minhas incertezas. Só conhecemos, aliás, a vida alheia pelos seus pontos de incidência com a nossa: o mais é conjectura ou romance. Não tenciono escrever romance. (IDEM, p.171).

Esta identificação ocorre pelo fato de Belmiro também ser intelectual e filosofar diante das situações de sua vida. Ao longo da narrativa obtêm-se vários indícios a respeito da faceta leitora de Belmiro, que teve início em seu pai: “Mas ao cabo de contas, foi nele que começou o desvio da linhagem rural. Não citavas o teu Vergílio, pai Berlamino? Na verdade, estavas mais próximo dos clássicos (lembro-me de tua predileção tendenciosa, para o Horácio...)”. (IDEM, p.11). Além disso, na própria construção do diário de Belmiro são apresentados muitos autores, como Machado de Assis, Shakespeare, Molière, Goethe entre outros, que de alguma maneira, contribuem para caracterizar o personagem Belmiro, principalmente em seu aspecto intelectual.

Outra questão importante de Belmiro é seu lado filósofo, ele busca sempre pensar em suas incertezas e seus abismos, é por esta razão que ele se aproxima mais de Silviano, visto que este também está o tempo todo a pensar sobre vários aspectos do ser humano. Há várias passagens em que Belmiro reflete tanto sobre suas contradições, quanto sobre a questão temporal que o aflige.

Sobre as contradições de Belmiro há um excerto que revela sua principal contradição: o amor ao mito em detrimento da realidade:

Há cerca de vinte dias, cedendo a um impulso de revolta (?), tiro do altar o meu mito, faço com que, à luz do dia, se desvançam os espectros que, dentro de mim, compuseram uma Carmélia imaginária. Uma semana depois, julgo-me curado da fantasia, pilherio comigo mesmo, chego a relatar ao Glicério toda a história, supondo-a burlesca história do passado. Não são decorridos quinze dias, e... a mão esquerda terá de limpar o que a direita escreveu. (IDEM, p.77).

Nesta passagem, tem-se a clara contradição de Belmiro em relação aos seus sentimentos; ou melhor, em relação às suas fantasias com Carmélia. Belmiro ora diz que suas divagações não passam de fantasias, ora afirma estar apaixonado por Carmélia. Como se o cultivo desta paixão totalmente criada por sua imaginação lhe desse um pequeno impulso para continuar vivendo. Assim, por meio deste conflito, observa-se a presença de dois “Belmiros”: um lírico que ainda vive nas sombras do passado e outro sofisticado que reside no presente. O Belmiro sofisticado é aquele que sempre retifica os pensamentos do lírico. Uma demonstração deste Belmiro mais “racional” se encontra na passagem a seguir: “Reajo, com virilidade, contra esta ridícula história da noite de carnaval. Já era tempo de fazê-lo. Há solicitações graves, a que devemos atender, e um homem não se deve entregar, assim, a uma vida inútil, de vagabundo lírico.” (IDEM, p.55). Portanto, há uma constante luta interior em decorrência também das lembranças despertadas pelo passado.

Já em relação às questões temporais, Belmiro constata que suas lembranças do passado não residem no espaço, mas no tempo:

Não voltarei a Vila Caraíbas. As coisas não estão no espaço; as coisas estão é no tempo. Há nelas ilusória permanência de forma, que esconde uma desagregação constante, ainda que infinitesimal. Mas não me refiro à perda da matéria, no domínio físico, e quero apenas significar que, assim como a matéria se esvai, algo se desprende da coisa, a cada instante: é o espírito cotidiano, que lhe configura a imagem no tempo, pois lhe foge, cada dia, para dar lugar a outro, novo, que dela emerge. Esse espírito sutil representa a coisa, no momento preciso em que ela nos comunicamos. Em vão o procuramos depois; o que, então se nos depara é totalmente estranho. (IDEM, p.73).

Apesar de a passagem ser um tanto longa, vale a pena sua transcrição visto que nela se encontra um dos ápices de reflexão que Belmiro faz a respeito do tempo e das lembranças. Esta reflexão filosófica é o resultado da volta, após muitos anos, a Vila Caraíbas. Ao retornar, Belmiro não encontra mais as imagens presentes em suas lembranças, mas somente ruínas de um tempo que já se foi. Além disso, este excerto confirma o lado filosófico de Belmiro que busca constantemente respostas para seus conflitos e suas angústias. Entretanto, apesar de Belmiro estar sempre envolvido em questões filosóficas ele não defende nenhuma corrente filosófica nem ideológica, ao contrário de seus amigos, Silviano e Jerônimo, que apresentam posicionamentos bem definidos.

Talvez o único filósofo pelo qual Belmiro tenha uma certa predileção seja Montaigne. Ao longo da narrativa, Montaigne aparece em alguns trechos: “[...] lembrei-me de umas palavras do excelente Montaigne: ‘A alma descarrega suas paixões sobre objetos falsos, quando lhe faltam os verdadeiros’. ‘Parece que, abalada e comovida, se perde em si mesma se não lhe damos presa; cumpre fornecer-lhe sempre objeto em que possa aplicar-se e atuar.’” (IDEM, p.13). Constata-se que Belmiro se utiliza destes pensamentos não para criticá-lo ou confrontar suas ideias, mas para expressar sua admiração, bem como o compartilhamento de pensamentos comuns. Ou seja, parece haver uma comunhão de pensamentos com este filósofo francês.

Apesar de Belmiro querer mostrar sua neutralidade o tempo todo, observa-se que ele apresenta alguns pontos de incidência com Montaigne. O ponto principal é que ambos são céticos. Sabe-se que Montaigne era um cético, portanto apresenta um posicionamento contrário ao de Pascal. Este afirma que tanto a razão como a fé podem caminhar juntos, e que

há: “Dois excessos: excluir a razão, só admitir a razão.” ³⁴ (PASCAL, 2004, p.146), e ainda: “A fé diz bem o que não dizem os sentidos, mas não o contrário do que estes veem.” ³⁵ (IDEM, p.147). Assim, para Pascal é importante a presença da razão para a compreensão tanto do mundo, como também do homem e da religião. Ao contrário de Montaigne, que não une os elementos fé e razão.

O mais importante é observar o pensamento de Belmiro: para ele todo regime que impossibilita a liberdade de escolha ou de pensamento é ruim: “No fundo, a culpa é da Seção do Fomento, que não fomenta coisa alguma senão o meu lirismo. Bem agem aqueles que acorrentam os homens e lhes dão um duro trabalho. Deixem-no folgado, e teremos o anarquista, o poeta, o céptico e outros seres que perturbam a vida do rebanho.” (ANJOS, 1975, p.45). Neste excerto, fica evidente o posicionamento de Belmiro, pois de forma irônica ele se coloca na posição de poeta, de lírico e de céptico. Ele mostra ser alguém que quer viver longe das definições também:

Por que hão de classificar os homens em categorias ou segundo doutrinas? O grande erro é lhes oferecerem apenas caminhos radicais. Socialismo, individualismo, isso, aquilo. As idéias da gente podem não comportar-se dentro dessas divisões arbitrárias. (IDEM, p.85-6).

Portanto, Belmiro é um ser que deseja ser livre de rotulações ou definições, pois estas podem ser contraditórias, assim como o ser humano. Retomando a questão de Montaigne, é interessante observar como ele também está presente na obra *Pensées*, de Pascal. Na passagem a seguir: “À medida que se tem luz, se descobre mais grandeza e mais baixeza no homem.” ³⁶ (PASCAL, 2004, p.358). Pascal reflete sobre quanto mais conhecimento se tem sobre si mesmo e sobre as coisas, mais se descobre a baixeza. Vale observar que nesta citação, na edição de 2004, há uma nota que revela que esta reflexão foi feita com base em *Essais*, também do filósofo francês, Montaigne:

Esta variação e contradição que se vê em nós, tão suave, fez com que alguns imaginassem que tínhamos duas almas, outros duas potências, que nos acompanham e agitam, cada uma a seu modo, uma em direção ao bem, a outra em direção ao mal, uma diversidade tão brusca não poderia estar combinada em um sujeito simples. ³⁷ (IDEM, p.639, tradução nossa).

³⁴ “[...] deux excès: exclure la raison, n’admettre que la raison.”

³⁵ “La foi dit bien ce que les sens ne disent pas, mais non pas le contraire de ce qu’ils voient.”

³⁶ “A mesure qu’on a de lumière, on découvre plus de grandeur et plus de bassesse dans l’homme.”

³⁷ “Cette variation et contradiction qui se voit en nous, si souple, a fait qu’aucuns nous songent deux âmes, d’autres deux puissances, qui nous accompagnent et agitent, chacune à sa mode, vers le bien l’une, l’autre vers le mal, une si brusque diversité ne se pouvant bien assortir à un sujet simple.”

Assim, nota-se que Pascal comungava também de alguns pensamentos de Montaigne. É importante observar esse pensamento de Montaigne inserido no de Pascal, pois na obra de Cyro, como já mencionado, ele também está muito presente, servindo justamente para a contraposição de ideias. No entanto, apesar de Pascal apresentar alguns pontos comuns aos de Montaigne, ele o critica mais do que o exalta: “O que Montaigne tem de bom só dificilmente se adquire. O que tem de ruim, afora os costumes, ter-se-ia corrigido em um instante, se o houvessem advertido de que fazia muita história e que ele falava demais de si.” ³⁸ (IDEM, p.366). E ainda:

Os defeitos de Montaigne são grandes. Palavras lascívias; isso não tem valor [...] Como seu livro não foi feito para induzir à devoção, a esta não era obrigado; mas somos sempre obrigados a dela não desviar ninguém. Podemos desculpar-lhe os sentimentos um tanto livres e voluptuosos e em certos momentos de sua vida; mas não podemos desculpar-lhe os sentimentos pagãos sobre a morte; porque é preciso renunciar a toda devoção, se se quer, ao menos, morrer cristãmente; ora, ele só pensa em morrer covardemente, docemente, em todo o seu livro. ³⁹ (IDEM, p.370-1).

Pascal, apesar de se valer de algumas reflexões de Montaigne o critica abertamente em sua obra. Outra questão que deve ser abordada é o ponto de incidência que há tanto no pensamento de Montaigne, quanto no de Pascal e, que também aparece em algumas discussões em *O amanuense Belmiro*. Esta incidência ocorre por meio do ceticismo, no excerto a seguir tem-se uma declaração importante: “Silviano tomou-me a defesa, dizendo ao Jerônimo que não declaro dúvida. Minha situação é de não negar, nem afirmar.” (ANJOS, 1975, p.156). Sabe-se que este posicionamento de “nem negar e nem afirmar” provém do ceticismo pirrônico, muitas vezes criticado por Pascal, visto que tem como característica o indivíduo permanecer sempre em constante busca da verdade e, em nenhum momento de sua vida, não nega e nem afirma tê-la encontrado.

Pascal afirma que o conhecimento da verdade não somente ocorre por meio de provas:

Conhecemos a verdade, não só pela razão, mas também pelo coração; é desta última maneira que conhecemos os princípios, e é em vão que o raciocínio,

³⁸ “Ce que Montaigne a de bon ne peut être acquis que difficilement. Ce qu’il a de mauvais, j’entends hors les mœurs, pût être corrigé en un moment si ont l’eût averti qu’il faisait trop d’histoires et qu’il parlait trop de soi.”

³⁹ “Les défauts de Montaigne sont grands. Mots lascifs: cela ne vaut rien [...]. Son livre n’étant pas fait pour porter à la piété, il n’y était pas obligé, mais on est toujours obligé de n’en point détourner. On peut excuser ses sentiments un peu libres et voluptueux en quelques rencontres de la vie, mais on ne peut excuser ses sentiments tout païens sur la mort. Car il faut renoncer à toute piété si on ne veut au moins mourir chrétiennement. Or il ne pense qu’à mourir lâchement et mollement par tout son livre.”

que deles não participa, tenta combatê-los. Os pirrônicos, que só têm isso como objetivo, trabalham inutilmente.⁴⁰ (PASCAL, 2004, p.104).

Esta verdade, que é conhecida pelo coração, não ocorre pelos sentimentos, mas por uma capacidade da inteligência. Este seria uma espécie de intuição pela qual o ser humano faz uso também para se ter o conhecimento. Portanto, Pascal acredita que não é possível desconsiderar a razão, nem o coração, como os pirrônicos fazem.

A partir das análises feitas neste capítulo, observa-se que Belmiro e Silviano apresentam algumas características comuns no que diz respeito ao modo de pensar sobre o mundo e a vida, mas esta semelhança se restringe somente no campo da ideologia, visto que tanto Belmiro quanto Silviano são céticos. Belmiro também mostra claramente que ele não se iguala a Silviano ao responder que sua situação é bem diferente daquela de seu amigo:

-Minha situação em face de Paulo, respondi, no mesmo tom grave em que me falava, é outra, e não podemos deliberar juntos. Aos coríntios, ele disse que é melhor casar do que abraçar-se. Para os que, como eu, não se casaram, a meditação deve versar neste ponto. (ANJOS, 1975, p.130).

Já o personagem Jerônimo se apresenta na obra apenas para contrapor o pensamento de Silviano e deixar ainda mais em evidência o posicionamento contrário de Silviano em relação a Pascal.

Observa-se também que por meio, tanto do comportamento, quanto dos pensamentos de Silviano e Belmiro, há uma ironia sutil presente na obra do autor mineiro, e esta ironia traz um modo de refletir sobre como conduzir a vida, em que acreditar e, sobretudo a dúvida: em meio a tantas ideologias qual delas seguir?

Sobre estes questionamentos parece que Silviano encontrou uma resposta, pois, ao final da narrativa, Belmiro revela que Silviano se isolou: “Por falar em Silviano, soube que, durante o carnaval, andou a meditar na Serra do Cipó, a mil metros de altitude.” (IDEM, p.183-4). A partir deste breve trecho, Belmiro informa que seu amigo teve uma atitude inesperada: a do isolamento. Esta conduta se torna inesperada, pois ele, ao longo de toda a narrativa, mostrou-se ser alguém com a necessidade de ser visto pelos outros, e, de repente, no carnaval se recolhe para meditar.

Portanto, apesar de Silviano ser um personagem que prega uma coisa e faz outra, como por exemplo, toda a sua teoria sobre a renúncia dos prazeres terrenos, ou ainda a supressão da vida, e que, na prática não é bem isto que ele faz, é um personagem que apresenta uma busca

⁴⁰ “Nous connaissons la vérité non seulement par la raison mais encore par le coeur. C’est de cette dernière sorte que nous connaissons les premiers principes et c’est en vain que le raisonnement, qui n’y a point de part, essaie de les combattre. Les pyrrhoniens, qui n’ont que cela pour objet, y travaillent inutilement.”

por sua interioridade. É ele mesmo quem revela esta busca interior: “[...] agora o que nos importa é esse encontro diário com o mistério impenetrável: o sentido da vida e o destino do homem.” (IDEM, p.145), e por isso observa-se uma constante mudança de atitude, bem como de pensamentos e ideologias, pois ora reflete os pensamentos da doutrina cristã, como no trecho que cita um trecho do livro do Eclesiastes em seu livro de memórias: “[...] ao dinheiro obedecem todas as coisas” (IDEM, p.177), e ainda em outro trecho onde há o desenvolvimento de sua reflexão com base naquilo que escreve Paulo: “—Precisamos meditar sobre as palavras de Paulo: andai pelo Espírito e não satisfareis a cobiça da carne. Porque a carne luta contra o Espírito e o Espírito contra a carne, pois estes são opostos um ao outro.” (IDEM, p.129-130). Silviano apresenta características e indícios de ser um cético; entretanto, ele continua seu processo de desenvolvimento, ao contrário de Belmiro que assume sua paralisia.

Silviano, então, torna-se um personagem chave para a compreensão dos aspectos filosóficos na obra, além de se contrapor ao pensamento de Pascal. Além disso, por meio dele é possível notar o comportamento do protagonista: pelas diferenças que existem entre Silviano e Belmiro pode-se traçar, ou delinear o posicionamento, bem como a conduta de Belmiro perante sua vida. E a partir disto, descobre-se então um Belmiro irônico, principalmente em relação à filosofia e à vida. No excerto a seguir, depois de seus amigos Silviano e Jerônimo discutirem muito a respeito da filosofia e de suas ideologias, Belmiro conclui com ironia: “Instruíram-me bastante, e é possível que eu venha a tomar gosto por esse gênero de polêmica.” (IDEM, p.156). Além deste tom irônico, nota-se um certo grau de desinteresse no assunto, que é confirmado quando o narrador-personagem adormece: “Para repousar o espírito, aliviando-o da forte tensão a que os amigos o obrigaram, passei a um quarto contíguo, onde havia uma cadeira austríaca, própria para cochilos. E ali *cochilei* [...]”. (IDEM, p.155, grifo nosso). Portanto, a conversa entre seus amigos sobre filosofia, ou o modo como o fizeram não agradou Belmiro, que preferiu dormir. Outro indício deste incômodo é revelado na frase: “aliviando-o da forte tensão”, como se a discussão entre seus amigos tivesse gerado esta tensão, ou seja, ele não estava confortável diante da situação.

Estes fragmentos revelam as características do narrador-personagem que vai se formando e aparecendo, como em um quebra-cabeças, no qual cada peça tem sua importância, e é fundamental para a compreensão do todo. Portanto, Belmiro se apresenta sob inúmeras facetas, como pacifista, lírico, melancólico, cético e descrente de sua própria vida, ele crê que nada em sua vida mudará: “Aos sessenta anos, um Belmiro triste, céptico, mas pacificado, já não sofrerá donzelas, nem arabelas.” (IDEM, p.30).

Portanto, se, de um lado, tem-se a figura de Silviano, “o filósofo”, com sua exagerada eloquência, com seu discurso rebuscado, suas teorias complexas e ao mesmo tempo descabidas, sua busca pela interioridade, e sua vida que não condiz com aquilo que prega; de outro, tem-se a figura de Belmiro, cético e melancólico que se recolhe em sua própria vida pacata e se mostra totalmente descrente. São personagens diferentes, e esta diferença contribui para reafirmar a presença da paródia, já que ela estaria presente no próprio modo de agir dos personagens, pois eles, com seus modos de agir e de pensar contrastam com a teoria de Pascal, visto que ela é abordada na obra constantemente, e em várias situações, tanto nas falas de Belmiro, quanto nas de Silviano. E a teoria pascaliana é citada e envolta em várias discussões de modo não a ser elevada, nem reconhecida como a única ideologia verdadeira, mas é questionada, sobretudo, no aspecto da renúncia do homem a sua vida terrena e como conduzir sua vida, já que este tema é recorrente na obra do autor mineiro.

Em *O amanuense Belmiro*, não há uma resposta pronta de como se deve conduzir a vida, visto que os personagens estão em constante busca, principalmente Silviano, como já mencionado, que, durante o carnaval, se isola para meditação no alto de uma montanha. Mas, no entanto, não se sabe se ele obteve ou não respostas para sua vida. Belmiro também busca respostas para seus questionamentos e contradições, no entanto a alta reflexão o deixa ainda mais paralisado diante de sua vida e que não encontra nenhuma solução. Talvez esta seja a grande questão: como conduzir a vida de modo coerente sem pender demais para as paixões e nem para a razão.

Lembrando que Pascal afirma que a natureza humana é composta de fraquezas e de grandezas, então como viver em equilíbrio sem estar baseado na fé, como propõe Pascal? Esta questão é vivida e refletida de modo mais evidente em Silviano, mas ao terminar a narrativa não se observa uma solução para esta questão, ela termina de modo aberto, com Silviano isolado para meditar. Cada um, portanto, é livre para escolher sua ideologia: Florêncio escolheu viver sem se questionar, Jerônimo encontrou na doutrina cristã suas respostas, Silviano está em constante busca, apesar de suas constantes quedas e, por fim, Belmiro escolheu não buscar e simplesmente deixar-se conduzir pelos acontecimentos, sem esperança e sem fé na vida.

É preciso evidenciar, portanto, a partir destas reflexões, a diferença entre as duas obras estudadas. Na obra do autor francês tem-se a questão da crença muito presente, esta traria uma esperança para própria vida, já que Pascal acredita na imortalidade da alma. Ao contrário do protagonista de *Cyro*, que é totalmente descrente da vida, ele conduz sua vida como se fosse um grande fardo, visto que é alguém descrente de tudo, até das relações humanas.

As obras *Pensées* e *O amanuense Belmiro* apresentam pontos convergentes e pontos divergentes, como por exemplo, a fé, que está presente em Pascal e ausente no personagem Belmiro. Elas tocam no mesmo ponto: os questionamentos humanos, as incertezas, as fraquezas e, sobretudo, refletem como conduzir a vida de modo coerente, cada uma a seu modo.

CAPÍTULO III

ASPECTOS DO HOMEM

A religião está presente na obra de Pascal, principalmente a católica. No entanto, o intuito deste capítulo é observar o posicionamento de alguns personagens do romance *O amanuense Belmiro* - sem entrar no âmbito da religião - diante da questão Homem e Deus, fazendo o confronto com a obra do autor francês.

Importante lembrar que o presente estudo trabalha com dois gêneros diferentes: uma obra filosófica, a de Pascal, e um romance de Cyro dos Anjos. No entanto, eles apresentam questões comuns, como a existência do homem, a busca pelo sentido da vida e a vida com e sem Deus. Nesse sentido, a obra do autor mineiro poderia ser chamada de um romance híbrido, visto que engloba diversos gêneros narrativos, além disso, apresenta um caráter ensaístico, pois, inicialmente, o narrador afirma que vai escrever sobre seu passado, a fim de poder recuperá-lo e vivê-lo de novo, mas logo em seguida, as questões do cotidiano, bem como as ações de seus amigos invadem sua narrativa de tal forma, que o presente se torna mais atrativo e ele decide abandonar a narrativa do passado, para se entregar totalmente ao presente. E é por meio da narrativa do presente, que ele pode refletir sobre os aspectos mais filosóficos da vida e, por meio da própria escrita, buscar um sentido para ela.

Tomando-se como base *Os pensamentos* de Pascal, este capítulo será consagrado ao estudo de aspectos importantes para o filósofo francês, aspectos estes que foram abordados por ele no primeiro e no segundo capítulos de sua obra, divididos desta maneira: o conhecimento de si mesmo, os diferentes tipos do *eu*, o tédio, o divertimento e a felicidade do homem com Deus, o *reparador*. Portanto, esta mesma ordem será seguida neste capítulo, a fim de observar se esses aspectos são encontrados na obra *O amanuense Belmiro* por meio de um confronto entre os dois textos.

3. O conhecimento de si mesmo

Para o filósofo francês, a natureza humana é dual, ou seja, é constituída pela miséria ou baixaza e pela grandeza: dualidade paradoxal e intrínseca ao homem. Pascal, ao afirmar esta realidade humana, mostra “[...] a impotência das filosofias para explicar o homem e, conseqüentemente, liberar a única solução: a verdadeira religião” (CARRAUD, 2006, p.307).

Sabe-se que este é o principal objetivo de Pascal, portanto no primeiro capítulo de *Pensées* ele constata e afirma esta dualidade, que nenhuma filosofia antes apontara. E ainda observa que:

A grandeza do homem é grande na medida em que ele se conhece miserável. Uma árvore não sabe que é miserável. É, pois ser, miserável conhecer-se miserável; mas, é ser grande saber que se é miserável.⁴¹ (PASCAL, 2004, p.106).

Nota-se, portanto, que para ele é imprescindível ter a consciência de que se é miserável, para somente assim poder ver a grandeza que se tem. E esta consciência advém, sobretudo, da verdadeira religião (para ele a católica), principalmente do conhecimento de Deus:

As grandezas e as misérias do homem são tão visíveis que é absolutamente necessário que a verdadeira religião nos ensine tanto que existe um grande princípio de grandeza no homem quanto que há nele um grande princípio de miséria. É também necessário que ela nos explique a razão dessas espantosas contrariedades. (IDEM, p.134)⁴².

Assim, Pascal mostra o quanto o homem é um ser paradoxal, pois ele não é: “[...] nem anjo, nem besta, mas homem⁴³” (IDEM, p.332); ou seja, a natureza humana conserva ao mesmo tempo a miséria e a grandeza. A grandeza do homem está no fato de ele ser dotado de razão, e esta razão o torna pensante. A capacidade de pensar no mundo, pensar nas coisas exteriores, bem como em si próprio e nas questões interiores (emocionais, psíquicas) faz do homem um ser incomparável e grande. Para o filósofo francês, toda a grandeza do homem está no pensamento: “O pensamento faz a grandeza do homem⁴⁴” (IDEM, p.391). No entanto, toda esta grandeza e este poder de pensar em todas as coisas tocam na miséria humana, ou seja, na incapacidade, na finitude, na imperfeição. O homem é um ser finito que não tem a compreensão absoluta de tudo. Um exemplo desta incompreensão ou limitação humana está na questão da morte. Para Pascal este é um fato obscuro, já que todos os seres humanos sabem

⁴¹ “[...] la grandeur de l’homme est grande en ce qu’il se connaît misérable; un arbre ne se connaît pas misérable. C’est donc être misérable que de se connaître misérable, mais c’est être grand que de connaître qu’on est misérable.”

⁴² “Les grandeurs et les misères de l’homme sont tellement visibles qu’il faut nécessairement que la véritable religion nous enseigne et qu’il y a quelque grand principe de grandeur en l’homme et qu’il y a un grand principe de misère. Il faut encore qu’elle nous rende de ces étonnantes contrariétés.”

⁴³ “[...] ni ange, ni bete, mais homme.”

⁴⁴ “Pensée fait la grandeur de l’homme.”

que um dia vão morrer; no entanto, nenhum dos seres humanos vivos sabe como é de fato a morte e muito menos quando e como ela ocorrerá.

Estas questões também são abordadas na obra do autor mineiro: a dualidade razão *versus* coração e miséria *versus* grandeza aparece de modo sutil, e está muito mais ligada à dificuldade do protagonista em conduzir sua vida. Sabe-se que o conhecimento de si mesmo é algo fundamental para Pascal, visto que por meio dele é possível reconhecer-se grande e miserável ao mesmo tempo, e assim pode-se viver de modo mais coerente.

Belmiro faz este movimento de olhar para si e busca constantemente as respostas para suas contradições:

Afinal, são inúteis essas tentativas de análise e de interpretação de nós mesmos. Há, em nós, abismos insondáveis, que jamais exploraremos, onde se recolhem, pelo tempo que lhes apraz, as combinações múltiplas, várias, tantas vezes contraditórias, que compõem as formas sucessivas do nosso espírito. (ANJOS, 1975, p.76).

Apesar de afirmar ser impossível encontrar todas as respostas, bem como dissolver todas as contradições presentes em si, ele não cessa de autoanalisar-se e, ao longo de toda a narrativa, ele faz este movimento de voltar-se para si e de questionar-se:

Em alto estilo apocalíptico nela encontraremos resposta às nossas questões. Nossa alma se inclina sobre si mesma e procura, nos seus recônditos, o pensamento revelador. Por que o mar nos transporta às reflexões sobre o amor e a morte? O amor e a morte encerrarão o destino do homem? Por que, também, nos convida a romper nossas limitações? (IDEM, p.166).

Neste excerto, Belmiro está diante do mar e observa de modo muito compenetrado as ondas. A partir deste momento, ele se questiona sobre o destino do homem e suas limitações. Um ponto interessante é a utilização da primeira pessoa do plural, este uso faz com que estes questionamentos passem do âmbito individual para o coletivo. Ou seja, ele caracteriza seus conflitos como sendo universais, comuns a todos os seres humanos. Portanto, por meio deste fragmento é possível constatar os questionamentos de Belmiro, bem como o movimento de voltar para si mesmo em busca de respostas.

Pascal, em sua obra, também revela a importância deste movimento de voltar-se para dentro de si mesmo, pois é a partir deste autoconhecimento, que o ser humano tem a consciência de suas limitações.

A respeito das limitações e do autoconhecimento, Anderson Augusto dos Anjos (2011), baseado na filosofia de Pascal discorre:

Só podemos conhecer com limitação o mundo que nos cerca; os princípios das coisas são, quando muito, sentidos por nós. Compreende-se que esta ambiguidade é aplicável ao problema do conhecimento geral, bem como ao registro do autoconhecimento. Pois, o conhecimento que podemos ter de nós mesmos está sempre numa confusa agitação, que não nos permite, através de nossa razão, ter acesso ao todo daquilo que somos. Nossa capacidade de racionalizar se reduz apenas a uma parte daquilo que sabemos. (p.43).

Portanto, o autoconhecimento é algo imprescindível ao homem, mesmo que a capacidade humana de racionalizar seja limitada e se restrinja também ao conhecimento limitado que o ser humano tem das coisas. No entanto, esta é a única maneira de se ter consciência do “eu” e das coisas.

Belmiro, portanto, faz justamente este movimento de olhar para dentro de si e tem consciência disso, apesar deste movimento gerar sofrimento:

A variação violenta dos quadros, numa noite de carnaval em que fomos abandonados pelos amigos e em que nossa porção de espaço foi invadida por outros seres, leva-nos a um mergulho mais profundo nos nossos abismos. Novas melancolias são despertadas, o homem sofre, e o amanuense põe a alma no papel. (ANJOS, 1975, p.18).

E neste movimento de idas e vindas, de movimentos interiores e exteriores a narrativa vai se delineando em torno também das alterações temporais do protagonista, bem como dos diferentes conflitos e emoções que invadem Belmiro, a partir do contato que ele tem com uma lembrança do passado, com o contato com os outros e consigo mesmo.

Outro personagem que também faz este movimento de introspecção é Silviano. Este comportamento é revelado por Belmiro, portanto, por meio dele descobre-se que Silviano foi passar o carnaval sozinho no alto de uma montanha. Esta imagem de Silviano isolado em uma montanha faz pensar na questão da necessidade que ele apresenta em ficar sozinho e, conseqüentemente, de meditar. Portanto, tem-se a busca do encontro consigo mesmo, a fim de poder ter mais condições de compreender seus questionamentos e limitações.

Deste modo, observa-se que por meio do confronto das duas obras, a de Cyro e a de Pascal, ambos os personagens, Belmiro e Silviano, fazem o movimento de encontrar-se consigo mesmo que Pascal propõe em *Pensées*.

3.1. Os diferentes tipos do eu

Ao abordar a questão do *eu*, é preciso ressaltar que esta noção, para Blaise Pascal, está diretamente ligada à moral. Este assunto é tratado na dissertação de Anderson Augusto dos Anjos (2011), sob o título: *Divertimento pascaliano: a agitada busca pelo repouso*, o autor esclarece sobre a ideia do *eu* em Pascal:

[...] a ideia de um *eu* não pode ser pensada em outra base senão a moral, em que pese o fato de ser corrompido e odioso, e é assim que o *eu* ganha em Pascal um valor ético e não apenas o de fundamentador epistemológico, de modo que tem sua importância de se é ou não fonte de certeza, de verdade ou de conhecimento. (p.14).

Além de o *eu* estar ligado à moral, o filósofo francês ainda afirma que o ser humano possui múltiplos “eus”; um desses tipos seria a questão do *eu imaginário*, criado especialmente para satisfazer a si mesmo e aos outros, já que o homem não se contentaria apenas com sua vida:

Não nos contentamos com a vida que temos em nós e no nosso próprio ser: queremos viver na ideia dos outros uma vida imaginária, e, para isso, esforçamo-nos por fingir. Trabalhamos incessantemente para embelezar e conservar nosso ser imaginário, e negligenciamos o verdadeiro.⁴⁵ (PASCAL, 2004, p.407).

Portanto, para Pascal, o ser humano tem a necessidade de criar uma vida imaginária para si. Nota-se este comportamento no personagem Silviano que, ao contrário de Belmiro que assume uma paralisia crônica, consegue encontrar um meio muito próprio de viver sua vida, criando um personagem: o filósofo. Além disso, em determinadas situações, cria outros personagens para si mesmo, transformando sua vida em um teatro:

Já lhes disse que o nosso amigo não se deixa medir pela bitola comum: ora tem gestos soberbos, ora caprichos de criança; pela sua cabeça passam grandes coisas e coisas disparatadas. Não sei, além disso, até que ponto faz teatro para os outros e para si mesmo. (ANJOS, 1975, p.153).

Ainda sobre Silviano transformar sua vida em um teatro, Belmiro afirma:

⁴⁵ “Nous ne nous contentons pas de la vie que nous avons en nous et en notre propre être. Nous voulons vivre dans l’idée des autres d’une vie imaginaire, et nous nous efforçons pour cela de paraître. Nous travaillons incessamment à embellir et conserver notre être imaginaire, et négligeons le véritable.”

Descobri o segredo de Silviano: transferir os problemas para o Diário e realizar uma espécie de teatro interior. Parte de nós fica no palco enquanto outra parte vai para a platéia e assiste. O indivíduo que representa no palco nos fará rir, nos comoverá ou nos suscitará graves meditações. Mas é um indivíduo autônomo, e nada temos que ver com suas palhaçadas, suas mágoas, ou sua inquietação. Terminado o espetáculo da noite, tomamos o bonde e vamos para casa sossegados, depois de um chocolate. Durante o dia, o comediante se encarnará em nós e teremos de tolerá-lo. Mas à noite, com a pena entre os dedos, somos espectadores sem compromissos. (IDEM, p.161).

Nesta reflexão que Belmiro faz de seu amigo, ele aproveita para fazer uma revelação também, e complementa a ideia dos personagens assumidos. Para ele, portanto, quem escreve é um ser diferente daquele que vivencia os fatos do cotidiano. Deste modo, faz pensar que Belmiro também tem seus personagens de acordo com as situações apresentadas pelo enredo da vida. Esta questão da criação de personagens é bem evidente em Silviano:

Ia, pois, folheando autores prediletos, quando alguém me bateu à porta da casa, com alguma veemência.

- Quem é? perguntei, com preguiça de levantar-me. Talvez fosse algum extraviado, e, nesse caso, o equívoco se desfaria sem ser preciso abrir a porta.

- É o Conde de Revila y Gigedo, responderam.

Não tive tempo de assustar-me, pois reconheci logo a voz do Silviano e passou-me rapidamente pelo espírito a lembrança de um dia em que, andando a passos largos, no alpendre da casa, o amigo se referia, irritado, a uma de suas discussões com Redelvim [...] E expôs-me sua idéia de construir um castelo e comprar o título de Conde de Revila y Gigedo (nesse tempo amava Dolores Gigedo, o “Perrexil”). (IDEM, p.152).

Observa-se, então, como Silviano conduz sua vida: é alguém que literalmente assume múltiplos personagens e transforma sua própria existência em um teatro, concretizando nela, portanto, a vida imaginária que Pascal aborda em seu livro. Para o filósofo francês, o homem apresenta uma necessidade de criar uma vida imaginária tanto para si mesmo e, principalmente, para os outros, a fim de satisfazer sua vaidade.

E esta vaidade também está presente no desejo de Silviano querer se autoafirmar por meio dos outros e, sobretudo, de querer aparentar uma pessoa que na verdade não é.

Portanto, neste caso o parecer é mais importante do que ser: “[...] a construção imaginária desse *eu* não pode e não cria raízes profundas, uma vez que não há esforço algum no sentido de *ser*, mas no sentido de *parecer*.” (ANJOS, 2011, p.55, grifo do autor). Tem-se uma máscara diante da sociedade e o único objetivo deste *eu* imaginário é encobrir as próprias misérias.

Já em relação a Belmiro, a multiplicidade de “eus” ocorre por um motivo distinto daquele de Silviano, um exemplo desta multiplicidade de Belmiro é quando ele parte para o Rio de Janeiro e estando em alto mar um outro Belmiro é despertado dentro de si:

Eis que surgiu um Belmiro poderoso e elementar. Um Belmiro dominador, atlântico, ao pé do qual o pobre Belmiro, sufocado entre montanhas, era um verme a rastejar. Esse Belmiro avultava cada vez mais no espaço e percorria o tempo devassando todas as idades... (ANJOS, 1975, p. 167).

Em outras situações, ele assume o Belmiro “oceânico”, o “flautista”, o “lírico” e o “olímpico”. Todos estes outros “eus”, no entanto, são provenientes de dois: o lírico que reside nas lembranças do passado em Vila Caraíbas e o sofisticado do presente que retifica o “patético” do passado. Geralmente, estas modificações de espírito ocorrem quando ele escreve, ou recorda alguma imagem do passado. Portanto, esta multiplicidade ocorre devido ao seu deslocamento temporal ou espacial.

Apesar de Belmiro apresentar estas duas facetas principais ele tem o desejo de descobrir seu verdadeiro eu: “Afinal, todos, exceto eu, sabem o que sou... Achem indispensável classificar o indivíduo em determinada categoria. E se eu não for coisa alguma, ou for tudo, ao mesmo tempo?” (IDEM, p.36).

Portanto, observa-se uma maior aproximação daquilo que Pascal reflete a respeito da multiplicidade do “eu” em relação a Silviano do que a Belmiro. Pois, para o filósofo francês, o “eu” se relaciona diretamente no âmbito da moral. Além disso, para ele o “eu” é uma espécie de construção:

Que é o eu? Um homem que se põe à janela para ver os passantes, se eu estiver passando, posso dizer que se pôs à janela para ver-me? Não, pois não pensa em mim em particular. Quem gosta de uma pessoa por causa de sua beleza, gostará dela? Não, pois a varíola, que tirará a beleza sem matar a pessoa, fará que não goste mais; e, quando se gosta de mim por meu juízo, ou por minha memória, gosta de mim? Não; pois posso perder essas qualidades sem me perder. Onde está, pois, esse eu, se não se encontra no corpo nem na alma? ⁴⁶ (PASCAL, 2004, p.373-4).

E essa construção estaria baseada nas qualidades: “[...] o eu que Pascal nos apresenta só pode ser notado através das qualidades pelas quais ele se percebe e os outros percebem. Tais

⁴⁶ “Qu’est-ce que le moi? Un homme qui se met à la fenêtre pour voir les passants, si je passe par là, puis-je dire qu’il s’est mis là pour me voir? Non, car il ne pense pas à moi en particulier; mais celui qui aime quelqu’un à cause de sa beauté, l’aime t-il? Non, car la petite vérole, qui tuera la beauté sans tuer la personne, fera qu’il ne l’aimera plus. Et si on m’aime pour mon jugement, pour ma mémoire, m’aime t-on? Non, car je puis perdre ces qualités sans me perdre moi-même. Où est donc ce moi s’il n’est ni dans le corps ni dans l’âme?”

qualidades mutáveis são o que fazem as particularidades psíquicas do indivíduo” (NASCIMENTO, 2006, p.57-8).

Estas qualidades é que tornam cada indivíduo único. A característica peculiar de Silviano que o distingue de Belmiro é principalmente a recriação de outros “eus”, sobretudo para satisfazer sua vaidade e sempre sentir-se alguém elevado em relação aos seus amigos.

Portanto, a partir destas reflexões observa-se claramente a distinção entre Silviano e Belmiro, pois a multiplicidade de “eus” em Belmiro está diretamente ligada a sua contradição temporal e ao desejo de reviver antigas lembranças do passado, por isto, quando o protagonista reflete ou rememora algo do passado um Belmiro lírico surge imediatamente. Já ao refletir as questões que o afligem no presente, o Belmiro sofisticado e “racional” é quem surge: “A um Belmiro patético, que se expande, enorme, na atmosfera caraibana – contemplando a devastação de suas paisagens – sempre sucede um Belmiro sofisticado, que compensa o primeiro e o retifica, ajustando-o aos quadros cotidianos.” (ANJOS, 1975, p.74).

Deste modo, ao comparar a teoria de Pascal e a obra de Cyro constata-se a presença do pensamento do filósofo francês em Silviano. Por meio de Belmiro sabe-se que há vários Silvianos dentro de um só: “[...] se nos dá uma versão dupla, tripla, quádrupla de um fato, é porque realmente dois, três, cinco Silvianos presenciaram aquele fato, cada um a seu modo.” (IDEM, p.46). Pascal confirma esta multiplicidade dentro de uma única alma:

Essa duplicidade do homem é tão visível que houve quem pensasse que tínhamos duas almas. Um indivíduo simples parecia-lhe incapaz de tais e tão súbitas variações, de uma presunção desmedida a um horrível abatimento do coração.⁴⁷ (PASCAL, 2004, p.362).

Para o filósofo francês, de fato, há uma duplicidade presente no ser humano, esta mudança do “eu”, relaciona-se diretamente com a “[...] necessidade que o eu tem de se mascarar, forjando eus imaginários entre ele e ele mesmo, entre ele e os outros ‘eus’” (NASCIMENTO, 2006, p.55). Assim como faz Silviano no relacionamento com seus amigos e principalmente com Belmiro.

⁴⁷ “Cette duplicité de l’homme est si visible qu’il y en a qui ont pensé que nous avions deux âmes. Un sujet simple leur paraissait incapable de telles et si soudaines variétés, d’une présomption démesurée à un horrible abattement de coeur.”

3.2. O tédio

Em relação ao tédio, Pascal afirma que ele é algo inerente ao homem, bem como a insatisfação e a inquietação: “Condição do homem: inconstância, tédio, inquietação” ⁴⁸ (PASCAL, 2004, p.72). No estudo de Vincent Carraud (2006), sobre o tédio na obra de Pascal, ele se apresenta como uma “[...] condição mundana do homem” (p.312). O homem em contato com o tédio se vê extremamente miserável, pois entra em contato profundo com seu *eu* humano repleto de finitude, de limitações e de imperfeições. Este contato consigo mesmo é algo insuportável, o que acarreta a fuga, que ocorre por meio do divertimento; por isso, para Pascal o divertimento conduz o homem para sua ruína, pois o impede de deixá-lo em contato com suas misérias, algo importante para o autoconhecimento. Para Pascal nada é mais insuportável do que o tédio:

Tédio – Nada é mais insuportável ao homem do que um repouso total, sem paixões, sem negócios, sem distrações, sem atividade. Sente então seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio. Incontinentemente subirá do fundo de sua alma o tédio, o negrume, a tristeza, a pena, o despeito, o desespero. ⁴⁹ (PASCAL, 2004, p.360).

Em *O amanuense Belmiro*, o tédio está presente em Belmiro, principalmente na agitação de seu espírito: “Paz física da Rua Erê, por que não te transformas em paz de espírito? Tudo está como dantes, como há doze anos passados.” (ANJOS, 1975, p.169). A falta de paz de espírito relatada por Belmiro evidencia a insatisfação pessoal que habita seu espírito, insatisfação que também é fruto do tédio, visto que faz com que as misérias apareçam devidas ao contato consigo mesmo, principalmente com a impotência diante das situações. No caso de Belmiro, esta impotência anda junto com a paralisia de sua vida. Nota-se ao longo de toda a narrativa que poucas foram as ações realizadas pelo protagonista, todas as ações que ocorreram foram graças à incidência da vida de seus amigos na sua:

A vida dos amigos apenas se me revelou quando incidiu na minha. Jamais entrei nos seus domínios íntimos, e, se mergulhei em Silviano, foi porque nele encontrei possíveis itinerários para as minhas incertezas. Só conhecemos, aliás, a vida alheia pelos seus pontos de incidência com a nossa: o mais é conjectura ou romance. Não tenciono escrever romance. (IDEM, p.171).

⁴⁸ “Condition de l’homme. Inconstance, ennui, inquiétude.”

⁴⁹ “Ennui. Rien n’est si insupportable à l’homme que d’être dans un plein repos, sans passion, sans affaire, sans divertissement, sans application. Il sent alors son néant, son abandon, son insuffisance, sa dépendance, son impuissance, son vide. Incontinent il sortira du fond de son âme l’ennui, la noirceur, la tristesse, le chagrin, le dépit, le désespoir.”

E ainda:

Habituei-me às coisas e seres que incidem no meu trajeto usual da Secretaria para o café e do café para a Rua Erê. Tais seres e coisas pertencem, por assim dizer, ao meu sistema planetário, e, entretido com eles, na sua feição mais ou menos constante, vou traçando que despercebidamente minha curva no tempo. (IDEM, p.17).

O tédio, no entanto, é combatido por ele pela escrita de seu diário; ou seja, o fato de escrever todos os dias faz com que ele tenha novo ânimo diante de sua vida. E a narrativa se transforma em sua própria vida: “Este caderno, onde alinho episódios, impressões, sentimentos e vagas idéias, tornou-se, a meus olhos, a própria vida, tanto se acha embebido de tudo o que de mim provém e constitui a parte mais íntima de minha substância.” (IDEM, p.74).

Em relação a Silviano ou a outros personagens tem-se somente uma vaga ideia para discorrer de modo mais aprofundado sobre este tema, portanto o único personagem que apresenta o tédio é Belmiro, pois, por meio da escrita de seu diário, tem-se a compreensão de sua vida. É um burocrata solteiro que tem como única diversão encontrar-se com alguns amigos, cultivar um amor platônico e escrever a respeito de sua vida. E seu trabalho também contribui muito para sua ociosidade e, conseqüentemente, para o tédio: “Não sei até onde irá esta fantasia de amanuense ocioso. No fundo, a culpa é da Seção do Fomento, que não fomenta coisa alguma senão o meu lirismo.” (IDEM, p.45).

Logo, o conhecimento de si mesmo e o tédio são aspectos que se interligam, visto que o resultado do conhecimento de si mesmo e o contato consigo mesmo, que pode ou não gerar o tédio, acarreta na consciência da miséria e da finitude do ser humano. É esta questão que Belmiro suscita praticamente todo o tempo, principalmente sua limitação perante a vida, bem como questionamentos e contradições que não se dissipam, pelo contrário, atordoam-no e paralisam-no ainda mais.

3.3. *O divertimento*

Já o divertimento é retratado por Pascal de modo desvinculado tanto da miséria, quanto da grandeza, pois não está ligado como paradoxo e contradição da grandeza:

[...] a análise do divertimento é fascinante na medida em que não obedece mais aos pares conceituais: miséria sem grandeza [...] Enfim, ela não obedece mais ao conceito de paradoxo. A razão está justamente na análise puramente fenomenal que Pascal opera. (CARRAUD, 2006, p.311).

Portanto, entende-se como miséria do homem todas as aflições, as angústias e as perdas advindas das situações do dia-a-dia, mas também como algo interno, da própria natureza humana, que é fraca e mortal:

Quando pensei mais de perto no assunto, e quando, depois de haver encontrado a causa de todas as nossas infelicidades, quis descobrir-lhes a razão, achei que há uma muito efetiva, que consiste na infelicidade natural de nossa condição fraca e mortal, e tão miserável, que nada nos pode consolar, quando nela pensamos de perto.⁵⁰ (PASCAL, 2004, p.118).

Interessante observar no estudo de Vincent Carraud (2006) sobre a segunda antropologia de Pascal, na qual o filósofo francês aborda o tema do divertimento, que este tema é tratado puramente por ele mesmo; ou seja, ele não é um meio para se chegar até a questão da religião, como fez Pascal ao abordar a questão da dualidade humana, miséria *versus* grandeza, a fim de chegar à verdadeira religião.

Pascal, portanto, analisa o divertimento sem a presença da dualidade e do paradoxo humano, bem como sem a presença da religião e, conseqüentemente, sem a presença de Deus: “O divertimento é analisado por ele mesmo, não é mais oposto à conversão, o mundo não é mais oposto a Deus. A consideração de Deus é totalmente ausente do bloco ‘Divertimento’”. (CARRAUD, 2006, p.311). Portanto, Pascal, ao discorrer sobre o divertimento, faz uma análise do comportamento humano, observando que ele é algo importante para o homem, principalmente como forma de amenizar seu sofrimento:

Por mais cheio de tristeza que um homem se encontre, se porventura conseguirmos que entre num divertimento, será feliz durante esse tempo; e o homem mais feliz, se não se estiver divertindo e ocupando com alguma paixão ou com alguma distração que impeça o tédio de se espalhar, ficará logo triste e infeliz. (PASCAL, 2004, p.86).⁵¹

Pascal, apesar de apontar alguns aspectos “positivos” do divertimento, não deixa de afirmar suas contradições:

⁵⁰ “Quand j’ai pensé de plus près et qu’après avoir trouvé la cause de tous nos malheurs, j’ai voulu en découvrir les raisons, j’ai trouvé qu’il y en a une bien effective, qui consiste dans le malheur naturel de notre condition faible et mortelle, et si misérable que ne peut nous consoler lorsque nous y pensons de près”

⁵¹ “L’homme, quelque plein de tristesse qu’il soit, si on peut gagner sur lui de le faire entrer en quelque divertissement, le voilà heureux pendant ce temps là; et l’homme, quelque heureux qu’il soit, s’il n’est diverti et occupé par quelque passion ou quelque amusement qui empêche l’ennui de se répandre, sera bientôt chagrin et malheureux”

A única coisa que nos consola das nossas misérias é o divertimento e, no entanto, essa é a maior das nossas misérias. Com efeito, é isso que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos perde insensivelmente. Sem isso, ficaríamos desgostosos, e esse desgosto nos levaria a procurar um meio mais sólido de sair dele. Mas o divertimento alegra-nos e leva-nos insensivelmente à morte.⁵² (IDEM, p.243).

Portanto, mesmo por meio do divertimento, as limitações humanas são evidenciadas; deste modo, o filósofo francês revela o quanto o homem é finito e limitado, como se o divertimento tivesse a função de fuga das misérias e das tristezas; ele seria um “estado” temporário de felicidade. O paradoxo da condição humana se faz ainda mais presente no divertimento: “[...] haja vista que ele é uma maneira que o homem tem de escapar daquilo que lhe é mais próprio, ou seja, sua condição miserável [...] E ao mesmo tempo esse *divertimento* é a maior das misérias do homem.” (ANJOS, 2011, p.12-13, grifo do autor).

Esta fuga do homem provém tanto de suas misérias, quanto e, principalmente, da consciência de seu nada: “[...] assim, a todo instante estamos tentando esquecer o nada que somos, e de tanto fazer isso acabamos nos habituando com o pensamento que nega nosso nada, e que nos diz que temos uma certa natureza.” (IDEM, p.27).

Observa-se que o *divertimento* é inserido n’*O Amanuense Belmiro* logo nas primeiras páginas do romance, com a reunião dos amigos de Belmiro na véspera de Natal, que ocorre em uma mesa de bar e é regada por conversas e vários copos de chope. Belmiro, o protagonista, revela: “[...] o chope me fez versátil, e minha atenção logo se desviou para outras coisas. A euforia que o chope traz! A vida se torna fácil, fácil.” (ANJOS, 1975, p.7).

Por esta passagem, pode se observar o meio do qual Belmiro se utiliza algumas vezes para tornar sua vida mais leve, este é um dos modos que ele encontra de se distanciar dos problemas – principalmente os internos – de ordem emocional. Seu companheiro mais fiel de distração é Florêncio, cujo divertimento é a bebida: “Onde está Florêncio, está o chope” (IDEM, p.90). Há várias passagens que comprovam este gênero de distração por parte de Belmiro, além disso, observa-se que estes encontros são frequentes: “Apanhemos o chapéu e apressemo-nos. O Florêncio nos espera, no local de costume para o chope do costume. O chope é uma solução, pelo menos por algumas horas.” (IDEM, p.182).

Em um destes encontros de Belmiro com Florêncio ele analisa a questão da bebida:

⁵² “La seule chose qui nous console de nos misères est le divertissement. Et cependant c’est la plus grande de nos misères. Car c’est cela qui nous empêche principalement de songer à nous, et qui nous fait perdre insensiblement. Sans cela nous serions dans l’ennui, et cet ennui nous pousserait à chercher un moyen plus solide d’en sortir, mais le divertissement nous amuse et nous fait arriver insensiblement à la mort.”

[...] bebi mais que de ordinário e não perdi o prumo. Não é que tenha procurado embriagar-me. [...] É que Florêncio, achando-me disposto, foi, sorrateiramente, renovando os copos. Entretanto, fiquei em boa forma e isso me fez pensar que a embriaguez depende, não de quantidade de álcool ingerida, mas do estado de espírito, no momento. (IDEM, p.90).

Portanto, como afirma o protagonista, esta distração que a bebida lhe proporciona é algo que vai além do puro e simples ato de beber com um amigo, é uma questão de “espírito”. Tudo gira em torno da satisfação e de se sentir um pouco feliz, ainda que momentaneamente. A reflexão que Belmiro faz em relação à embriaguez vai ao encontro do pensamento de Pascal, já que, a todo o momento, o ser humano busca esquecer-se de seu nada. Pode-se dizer, então, que Belmiro, ao dizer que o estado de embriaguez depende mais do estado de espírito do que da quantidade de álcool, de certo modo quer dizer que dependendo de como o espírito se encontra tem maior ou menor desejo de esquecer o seu nada interior, tão próprio da natureza humana.

E esta forma de compensar o vazio interior é feita de uma maneira totalmente diferente por Silviano. Pois ele não procura a companhia de Florêncio, nem a distração do chope, mas se diverte em mentir, criar personagens imaginários e conquistar as jovens solteiras. Sobre a constante criação de personagens e histórias criadas por Silviano, como por exemplo, a Parabosco & Ferrabosco Ltda. Silviano mesmo confessa já ter estudado o “fenômeno”, e responde a Belmiro: “- Não se impressione. Não estou me avizinando da loucura. Já estudei o fenômeno. É uma forma de imaginação difluente. Forma frustânea. Espírito romanesco. O caso não tem gravidade...” (IDEM, p.84).

Portanto, observa-se que Silviano é muito peculiar e tem sempre a necessidade de inventar algo novo para sua vida, além disso, está em constante busca por teorias que possam explicar os diversos fenômenos que o acometem em determinados momentos de sua vida. Assim, o divertimento está presente tanto em Belmiro, quanto em Silviano, de modo diferente, mas dialogando com aquilo que Pascal reflete em sua obra *Pensées*.

3.4. A felicidade do homem com Deus

Ao longo da narrativa, percebe-se que Belmiro busca um sentido para sua vida, ora pela escrita de seu diário, ora pela encarnação de seu mito infantil, ora pela presença de seus amigos em sua vida tão pacata e isenta de emoções. Sobre o mito ele revela: “Andei reagindo um dia ou outro, mas o desejo de realizar o mito, ou talvez o de dar sentido a uma vida sem

sentido, procurou sempre encobrir, ao outro lado do espírito o meu desencantamento” (ANJOS, 1975, p.124). Percebe-se que Belmiro analisa constantemente o comportamento de seus amigos, pois, por meio deles, Belmiro é capaz de refletir sobre si mesmo, bem como em seu comportamento. É possível notar este aspecto por meio da análise que ele faz de seu amigo Florêncio:

Florêncio é a vida na sua manifestação mais confiante e tranqüila. Silviano o considera primário, homem sem abismos. Para que maior felicidade? Seu espírito, que não indaga, repousa na ordem das coisas que encontrou e foi estabelecida sobre um sistema de ficções metafísicas, morais e políticas. Seu equilíbrio de belo animal humano não é, acaso, ideal? (IDEM, p.168).

A partir da exposição e da reflexão do comportamento de Florêncio, Belmiro mostra, de modo subentendido, seu modo de agir perante a vida. Para Belmiro, seu amigo é um ser que não faz indagações, diferindo de seu próprio comportamento que, ao questionar tudo, acaba sendo infeliz. Em outra passagem, nota-se a opinião de Belmiro sobre seu amigo: “Que dizer dele? É um homem sem história, e nisso está sua felicidade.” (IDEM, p.172), e por fim: “Viva Florêncio, o homem sem abismos.” (IDEM, p.17). Ou seja, é alguém que não busca compreender a vida de modo mais profundo e, portanto, não possui os abismos, as contradições, nem as dúvidas. Ao contrário de Belmiro, que sempre pensa a respeito de tudo: “Enfim, pensamos demais, como diz Jandira. Pensamos e sofremos.” (IDEM, p.109).

Além disso, Belmiro revela, aos poucos, ser um cético, ou seja, alguém que duvida de tudo e busca a verdade pela razão. Pascal reflete sobre o ceticismo e acerca das várias formas de compreender o mundo e evidencia estas formas pela distinção das três variações do ceticismo: o acadêmico, o dogmático e o pirrônico:

Supomos que todos os homens concebem e sentem da mesma maneira: mas, nós o supomos bem gratuitamente, pois não temos nenhuma prova. [...] Isso é o bastante para baralhar a matéria: não porque apague totalmente a claridade natural que nos garante tais coisas; teriam apostado os acadêmicos. Mas isso a perturba e perturba os dogmáticos, para gáudio da cabala pirrônica, que consiste nessa ambigüidade ambígua e em certa obscuridade duvidosa, cuja claridade nossas dúvidas não podem apagar por completo, como nossas luzes naturais não podem afugentar-lhe todas as trevas.⁵³ (PASCAL, 2004, p.104).

⁵³ “Nous supposons que tous le conçoivent de même sorte. Mais nous le supposons bien gratuitement, car nous n’en avons aucune preuve. [...] Cela suffit pour embrouiller au moins la matière, non que cela éteigne absolument la clarté naturelle qui nous assure de ces choses. Les académiciens auraient gagé, mais cela la ternit et trouble les dogmatistes, à la gloire de la cabale pyrrhonienne qui consiste à cette ambigüité ambiguë, et dans une certaine obscurité douteuse dont nos doutes ne peuvent ôter toute la clarté ni nos lumières naturelles en chasser toutes les ténèbres.”

Pelas características apresentadas por Belmiro, e pela citação: “Viva Florêncio, o homem sem abismos.” (ANJOS, 1975, p.17), na qual ele analisa seu amigo, pode-se dizer que Belmiro é um cético pirrônico; ou seja, aquele que sempre está em busca da verdade, não nega e nem afirma tê-la encontrado e que, ao contrário de seu amigo, possui muitos abismos. Belmiro é alguém que a todo o momento se indaga a respeito de sua função no mundo, bem como de sua existência: “Por que procurar um sentido individual de existência?” (IDEM, p.168). Quase finda a narrativa ele se mostra um pouco cansado da posição que tomou durante toda a sua vida, e por isso questiona se o posicionamento de Florêncio perante a vida foi o melhor, comparado ao seu, e admite ser impossível mudar sua postura agora: “Impossível, porém, encetar de novo a marcha e procurar o caminho de Florêncio.” (IDEM, p.168) e ainda revela que Jerônimo:

[...] está-me espreitando, de há muito, para dar o bote. Percebeu que já não me mantenho de pé, com a mesma força. Insiste em que minha atitude há de ser provisória. Propõe-me uma experiência. Inútil. Não creio que me forneça uma certeza que me encha de vida, e, nesse caso, a viver em interrogações, prossigamos no caminho até aqui percorrido. (IDEM, p.169).

Lembrando que Jerônimo defende tanto os preceitos de Santo Tomás de Aquino, quanto aqueles de Pascal, neste excerto fica evidente que ele deseja converter Belmiro ao catolicismo. Há outra passagem que comprova essa tentativa:

Jerônimo continua a enviar-me recados por Silviano. Percebo o cerco: adivinha minhas fraquezas e faz-me uma ofensiva em regra, para ter mais esta presa, no seu rebanho de almas. Grande presa... Dir-lhe-ei que terá nada mais, nada menos, que um presente de grego. Mas Jerônimo insistirá, pois é um terrível catequista. (IDEM, p.181).

Há até um certo grau de ironia e de pessimismo, por parte de Belmiro ao falar de si mesmo: nota-se isso nas expressões “grande presa” e “presente de grego”, além de se mostrar alguém vulnerável, mergulhado em incertezas, diante das fraquezas e das dificuldades da vida, mas que se mantém firme em seu posicionamento e não se deixa conduzir para outra doutrina.

Em relação às consequências de suas buscas, o protagonista se compara a um cão viralata, que ao fuçar na lata de lixo ficou com a cabeça presa:

Não é muito recomendável estar fuçando as coisas e quem as fuça deve agüentar as consequências, com a resignação de quem espalhou ventos e acabou colhendo tempestades. Mas o cão não era porventura permeável às palavras de eterna sabedoria, que por aí circulam nos adágios. [...]

Simpatizei com o cão [...] Qualquer coisa me liga a esse cachorro magro e abandonado que encontrei na Rua dos Pampas. (IDEM, p.173).

Belmiro afirma, nesta passagem, que sua busca pela verdade, bem como pelo sentido da vida nem sempre traz boas consequências. Para ele, a busca constante e persistente tanto pela verdade, quanto pelo sentido de sua vida, diferentemente do esperado, não gera mudanças em seu interior. É um ser paralisado diante da própria vida e dos acontecimentos, ficando claro que sua vida só tomou novos rumos a partir do momento em que ele reviveu o mito da sua infância, e se não fosse por esta lembrança encarnada e pela esperança em casar-se com Carmélia, muitos capítulos de sua vida continuariam em branco, assim como as páginas de seu diário.

Ainda sobre este excerto, é possível observar o modo pelo qual Belmiro age: ao olhar o cão, de alguma maneira se identifica com ele, pois assim como o cão, que se coloca onde não deve, dentro da lata de lixo, Belmiro também se equivoca ao analisar demais os fatos exteriores. A análise exaustiva dos fatos o leva à paralisia. “Belmiro é o homem que chegou ao estado de paralisia por excesso de análise [...] Isto significa que é um candidato ao ceticismo integral e à imobilidade através do relativismo.” (CANDIDO, 1992, p.81).

Observadas as características e o modo de viver de Belmiro, faz-se necessária a análise de Silviano em relação à sua posição ideológica, a fim de contrapô-la com a de Belmiro. Por meio das falas e comportamentos de Silviano, percebe-se que ele apresenta características dos céticos dogmáticos, como visto no trecho em que Pascal diferencia os três tipos de ceticismo. Diferentemente de Belmiro, que se “enquadraria” nos céticos pirrônicos, Silviano apresenta indícios de ser um cético dogmático, quando revela que está escrevendo um diário, e em determinado momento afirma:

“Bendita a hora em que lhe veio tal intento! Exclama, com soberba ênfase, bem sua. Por ele norteado, pôde, ao debaldar dos quarenta, subir a grande montanha! Dedicado ao labutar intelectual, de sol a sol, e atravessada a crise política (**Libido dominandi**), o herói atinge a **via triumphalis** da sabedoria e da libertação. Conhece, então, da vaidade de toda ciência (**De vanitate scientiarum**) e aprende a sutileza das coisas (**De subtilitate rerum**). Transpõe, aí, o majestoso pórtico, alcançando os domínios da verdadeira e perfeita filosofia (**De vera et perfecta philosophia**). Nela encontrará a Grande Consolação (**De Consolatione Philosophiae**)...” concluiu, suspirando profundamente. (ANJOS, 1975, p.178, grifo do autor).

Percebe-se que Silviano apresenta indícios de ser um dogmático, pois ele acredita que aos quarenta anos encontrou a sabedoria em vários aspectos, tanto na ciência, como na filosofia. Estes indícios estão presentes, principalmente, em seu discurso rebuscado e em seus

atos. Os dogmáticos, para a filosofia, são aqueles que conseguiram alcançar a verdade, ou seja, a sabedoria, bem como as respostas para seus questionamentos.

E é exatamente isto que Silviano afirma encontrar aos quarenta anos, neste discurso cheio de expressões latinas. Observa-se que ele utiliza a metáfora da montanha, para dizer que é “alguém” que já atingiu um nível de sabedoria relativamente elevado. É interessante observar onde a vaidade aparece, pois aos quarenta anos compreende-se que o ser humano ainda está em processo de evolução intelectual; ou seja, ainda não tem uma visão plena da sabedoria, e, neste discurso, tem-se a impressão que ele, aos quarenta anos, atingirá esta perfeição, ou como afirma em suas palavras: “[...] o herói atinge a **via triumphalis** da sabedoria e da libertação”.

Outro aspecto importante neste discurso é a questão da posição em que Silviano se coloca: na imagem descrita, ele está no alto da montanha; ou seja, assume um papel de superioridade em relação aos outros. Este aspecto confirma a vaidade presente no personagem, assim como sua necessidade de expor seus grandes feitos, ainda que estes estejam presentes na imaginação, pois Silviano ainda não tem quarenta anos e não vivenciou as experiências imaginadas por ele. É justamente este questionamento que Belmiro faz para seu amigo.

Ao longo da narrativa, observa-se que são raras as vezes em que Belmiro questiona alguém, principalmente Silviano, mas quando o faz põe em xeque o posicionamento de seu amigo. Belmiro o indaga a respeito da duração da escrita de suas memórias: dez anos:

- Surge, então, um problema, arrisquei-me a dizer. Aos cinqüenta, você já terá, talvez, outro conceito da vida, inclusive do que seja **vera et perfecta philosophia**. Vai certamente reformar tudo. É o defeito das obras escritas em tanto tempo. Projeta-se uma coisa, sai outra. (IDEM, p.179, grifo do autor).

Belmiro revela uma visão muito coerente, já que o pensamento humano é mutável e varia de acordo com as situações e experiências da vida. Sobre isto Pascal afirma: “Condição do homem: inconstância, tédio, inquietação.”⁵⁴ (PASCAL, 2004, p.72), ou ainda: “[...] a verdade só se altera pela mudança dos homens.”⁵⁵ (IDEM, p.202). Deste modo, na fala de Silviano se apresenta certo grau de ironia, pois como alguém que se diz ser filósofo, não pensa a respeito da mutabilidade das coisas, e quando seu amigo lhe revela isto ele se mostra irritado:

⁵⁴ “Condition de l’homme: Inconstance, ennui, inquiétude ”

⁵⁵ “[...] la vérité ne s’altère que par le changement des hommes ”

- Não poderei exceder-me a mim próprio, nem aos grandes doutores! disse, enfadado. As notas que tomei até agora são a síntese do pensamento filosófico que veio até a nós. Quanto às minhas meditações próprias, acho-me na força culminante do espírito. Não poderei exceder-me! Não me faça objeções idiotas. (ANJOS, 1975, p.179).

Deste modo, na obra de Cyro são apresentados vários modos de pensar, bem como ideologias. Nota-se, pelas falas tanto de Silviano quanto de Belmiro, que apesar de serem céticos, um é dogmático, isto é, acredita ter encontrado a verdadeira sabedoria, e o outro é pirrônico, acredita na verdade e está na constante e incessante busca por ela, mas nunca afirma tê-la encontrado. Outros modos de pensar e de conduzir a vida são apresentados por outros personagens, como Florêncio e Jerônimo.

Dentre estes quatro personagens citados, o que conduz a vida de modo mais “leve” e sem questionamentos é Florêncio, o homem “sem abismos”, como denomina Silviano, que vive uma vida pacata e até certo ponto cômoda e ignorante em certos assuntos, principalmente nos referentes ao interior do homem. Não se sabe se ele é ateu, cético ou católico, ao que tudo indica, é alguém que apenas vive a vida sem maiores problemas ou questionamentos, e se preocupa em viver o presente de forma muito simples:

- Cidade besta, Belo Horizonte! exclamou Redelvim, consultando o relógio. A gente não tem para onde ir...
 - Não acho! Retrucou Silviano. Em Paris é a mesma coisa.
 - Em Paris? Perguntou Florêncio. Não sabia que você andou por Paris... É boa!
 - Ó parvo, quero dizer que o problema é puramente interior, entende? Não está fora de nós, no espaço! (IDEM, p.7).

Jerônimo, de sua parte, segue os preceitos de Santo Tomás de Aquino, o qual pregava a união da fé e da razão, e não privilegiar a fé em detrimento da razão, como muitos fizeram. Jerônimo ainda defende os pensamentos de Pascal, que também valoriza a fé e a razão: “Há três modos de crer: pela razão, pelo costume e pela inspiração.”⁵⁶ (PASCAL, 2004, p.407). A figura de Jerônimo não aparece com muita frequência ao longo da narrativa, mas ela se estabelece para contrapor os pensamentos de Silviano. Uma das falas importantes de Jerônimo aparece num capítulo fundamental em que são discutidas algumas questões filosóficas, denominado “Onde aparece o ‘Doutor Angélico’”; nele há um duelo de reflexões e de pensamentos entre Silviano e Jerônimo, e o espectador convidado é Belmiro:

⁵⁶ “Il y a trois moyens de croire: la raison, la coutume, l’inspiration.”

- Vim buscá-lo para irmos juntos ao Doutor Angélico. Vista-se, o carro está à porta. Acabo de fortalecer minhas convicções a respeito do cepticismo de Pascal. [...] Quero que você assista ao embate: vou fulminar o Doutor Angélico! Ah! ah! ah!... (“Doutor Angélico” é o Jerônimo. Silviano assim o apelidou por causa de sua profissão de fé tomista.). (ANJOS, 1975, p.153).

Nesta discussão, é revelado que Silviano quer, de todo modo, provar que Pascal é um cético e, por outro lado, Jerônimo quer provar o contrário. Em relação aos dois, Belmiro coloca-se como mero espectador e assume não dominar o assunto tratado: “[...] objetei ao Silviano que, leigo no assunto, minha presença seria talvez ridícula.” (IDEM, p.153). A presença de Belmiro é importante em vários aspectos, pois, primeiramente, põe o leitor a par da discussão, visto que é por meio da leitura do diário que o leitor fica sabendo do posicionamento de cada personagem, e se o narrador-personagem não estivesse presente não teria como relatar o tal “duelo” e, por fim, há a questão do próprio posicionamento de Belmiro: mesmo sendo “leigo no assunto”, a partir da discussão entre os outros dois personagens o protagonista dá indícios daquilo em que acredita. Depois da longa discussão entre Silviano e Jerônimo, Belmiro, já não acompanhando o raciocínio dos dois, decide folhear um livro:

Para repousar o espírito, aliviando-o da forte pressão a que os amigos o obrigaram, passei-me a um quarto contíguo, onde havia uma cadeira austríaca, própria para cochilos. E ali cochilei, tendo nas mãos um volume dos **Pensamentos** que o Jerônimo deixara nelas. [...] Voltei e fiquei a folhear o livro, origem de tamanhas querelas. A certa altura, encontrei palavras que pareciam adequadas a mim, e interessado, ia prosseguir no capítulo, quando os dois sutis doutores vieram buscar-me. (IDEM, p.155, grifo do autor).

Importante observar dois aspectos deste excerto: primeiramente, a questão do desinteresse expresso pelo protagonista, que se concretiza por meio do cochilo. Belmiro não está interessado no duelo filosófico, e acredita ser uma bobagem a discussão, nota-se isso pela utilização da expressão adotada: “tamanhas querelas”. E o segundo aspecto é que, mesmo apresentando desinteresse, ele folheia o livro *Pensamentos*, de Pascal e se identifica com algo lido. A passagem de identificação só é revelada depois que Jerônimo o provoca dizendo não ser possível alguém viver em constante dúvida: “Lembrando-me do pensamento lido pouco antes, deliberei-me dar um ar de minha graça, e disse que eu pertencia ao número daqueles ‘infelizes e razoáveis’, de Pascal; porfiam em procurar a Deus, sem o terem ainda encontrado.” (IDEM, p.156). Nesta passagem com a qual Belmiro se identifica, Pascal afirma que:

Há apenas três espécies de pessoas: umas servem Deus, tendo-o encontrado; outras aplicam-se em buscá-lo, não o tendo achado; outros enfim vivem sem o procurar e sem o ter encontrado. As primeiras são sensatas e felizes, as últimas loucas e desgraçadas as do meio infelizes e sensatas.⁵⁷ (PASCAL, 2004, p.140).

Belmiro, portanto, assume sua identificação com o pensamento do filósofo francês, pois mostra ser alguém que afirma sua busca por Deus, mesmo ainda não o tendo encontrado. No entanto, este pensamento vem ao encontro da filosofia dos céticos pirrônicos, a cuja ideologia Pascal é claramente contrário: “Todos os princípios são verdadeiros, os pirrônicos, os estoicos, os ateus, etc., mas suas conclusões são falsas, porque os princípios opostos também são verdadeiros.”⁵⁸ (IDEM, p.360).

Ainda a respeito do diálogo entre Belmiro, Silviano e Jerônimo, deve-se destacar a questão da dúvida. Em determinado momento, quando Jerônimo expressa sua opinião sobre o posicionamento de Belmiro diante da vida, ele afirma que Belmiro está sempre em dúvida: “Jerônimo procurou diagnosticar o meu caso, dizendo que vivo em dúvida e isso não é possível.” (ANJOS, p.155-6). Nota-se, nesta reflexão, a impossibilidade de duvidar todo o tempo e de tudo. Este pensamento é também compartilhado por Pascal:

[...] pois quem pensar em permanecer neutro será pirrônico por excelência. Essa neutralidade é a essência da cabala [pirrônica]: quem não é contra eles é excelentemente por eles [no que nos surge a sua vantagem]. Não são nem por si mesmos: são neutros, indiferentes, superiores a tudo, sem excetuar-se a si mesmos. Que fará, pois, o homem nesse estado? Duvidará de tudo? Duvidará que desperta, que o beliscam, que o queimam? Duvidará que duvida? Duvidará que existe? Não podemos chegar a este ponto; e tenho, como um fato, que nunca houve pirronismo efetivo perfeito. A natureza sustenta a razão impotente e impede que extravague até esse ponto.⁵⁹ (PASCAL, 2004, p.113).

Logo no início deste excerto, Pascal fala sobre a neutralidade e, conseqüentemente, sobre a indiferença. Para ele a indiferença ocorre do fato de não se negar e nem se afirmar

⁵⁷ “Il n’y a que trois sortes de personnes: les uns qui servent Dieu l’ayant trouvé, les autres qui s’emploient à le chercher ne l’ayant pas trouvé, les autres qui vivent sans le chercher ni l’avoir trouvé. Les premiers sont raisonnables et heureux, les derniers sont fous et malheureux, ceux du milieu sont malheureux et raisonnables.”

⁵⁸ “Tous leurs principes sont vrais, des pyrrhoniens, des stoïques, des athées, etc., mais leurs conclusions sont fausses, parce que les principes opposés sont vrais aussi.”

⁵⁹ “Car qui pensera demeurant neutre sera pyrrhonien par excellence. Cette neutralité est l’essence de la cabale. Qui n’est pas contre eux est excellentement pour eux; ils ne sont pas pour eux-mêmes; ils sont neutres et indifférents, suspendus à tout sans s’excepter. Que fera donc l’homme dans cet état? Doutera-t-il de tout? Doutera-t-il s’il veille, si on le pince, si on le brûle? Doutera-t-il s’il doute? Doutera-t-il s’il est? On n’en peut venir là, et je mets en fait qu’il n’y a jamais eu de pyrrhonien effectif parfait. La nature soutient la raison impuissante et l’empêche d’extravaguer jusqu’à ce point.”

algo, desta maneira o indivíduo apresentaria um posicionamento neutro e, ao mesmo tempo, indiferente em relação àquilo que está sendo refletido.

Para Silviano, a posição de Belmiro é justamente esta: “Tendo eu ficado quieto, a braços com a minha incapacidade de debater o assunto, Silviano tomou-me a defesa, dizendo ao Jerônimo que não declaro dúvida. Minha situação é de não negar, nem afirmar.” (ANJOS, 1975, p.156). Neste trecho é possível observar que Belmiro reafirma sua ignorância a respeito do assunto debatido, e o mais interessante: ele não revela isto aos seus amigos, somente ao leitor, preferindo ficar em silêncio, ou seja, não assume nenhuma posição diante dos amigos. Então, quem toma seu posicionamento são seus amigos, primeiro Jerônimo, depois Silviano. Deste modo, o perfil de protagonista vai sendo delineado e/ou sugerido principalmente por meio de seus amigos, visto que são poucas as vezes que ele revela sua verdadeira ideologia.

Ainda a respeito da discussão filosófica entre os amigos há um momento em que Jerônimo “[...] ágil e eloquente, atalhou, pondo-me a mão sobre o ombro: - Mas Pascal também escreve: **‘Console-toi, tu ne me chercherais pas si tu ne m’avais trouvé’**”⁶⁰ (IDEM, p.156, grifo do autor). Jerônimo traz esta citação com o objetivo de contradizer a fala de Belmiro, que afirma ser pertencente ao “número daqueles ‘infelizes e razoáveis’, de Pascal; porfiam em procurar a Deus, sem o terem ainda encontrado.” (IDEM, p.156).

Com esta fala de Jerônimo, a conversa é encerrada: “Foi o fim da conversa. Silviano lembrou que eram onze horas da noite e Joana deveria estar aflita. Despedimo-nos.” (IDEM, p.156). E Belmiro ao analisar as reflexões de seus amigos conclui:

Ainda estou um pouco aturdido pelas coisas que ouvi e não me admirarei de que – ao tentar resumi-las nestas páginas – tenha dito algum disparate. Como vêem, não perdi a noite. Istruíram-me bastante, e é possível que eu venha a tomar gosto por esse gênero de polêmica. (IDEM, p.156).

Interessante observar esta conclusão irônica do protagonista, pois o esperado seria que ele dissesse que, a partir das reflexões, seu interesse estaria na filosofia e não no “gênero de polêmica”. Por isso, este seu comportamento e pensamento irônico fazem com que haja uma dúvida sobre no que ele realmente acredita, e se, sobretudo, acredita na filosofia de Pascal. Portanto, a partir desta fala de Belmiro tem-se a comprovação que ele não está interessado em nenhuma filosofia.

⁶⁰ “Consola-te, não me procurarias se não me houvesse achado.”

É preciso lembrar que Pascal critica muito o ceticismo pirrônico. Como já dito anteriormente, há grandes indícios que Belmiro faça parte desta ideologia. O filósofo francês afirma:

O que me assombra mais é ver que nem todos se admiram de sua fraqueza. Age-se seriamente e cada um segue sua condição, não porque seja bom, de fato, segui-la, uma vez que a moda é fazê-lo, mas como se cada um soubesse com certeza onde estão a razão e a justiça. Decepcionamo-nos a cada instante e, por uma humildade divertida, acreditamos que seja sua culpa (da condição), e não da arte, que nos gabamos sempre de possuir. Mas é bom que haja tanta gente assim no mundo, que não seja pirrônica pela glória do pirronismo, a fim de mostrar que o homem é bem capaz das mais extravagantes opiniões, pois é capaz de crer que não está nesta fraqueza natural e inevitável, e que está, ao contrário, na sabedoria natural.⁶¹ (PASCAL, 2004, p.74).

Percebe-se que, nesta reflexão de Pascal, ele relaciona o pirronismo às fraquezas humanas. E afirma que os pirrônicos admiram suas fraquezas, no que diz respeito às misérias, tornando-as naturais e, conseqüentemente, acomodando-se nelas e não buscando a grandeza que o homem possui. Em outro trecho, o filósofo francês afirma que o ceticismo é uma seita:

Nada fortalece mais o pirronismo do que o fato de haver quem não seja pirrônico. Se todos o fossem não teriam razão. Essa seita se fortalece por seus inimigos mais do que por seus amigos, porque a fraqueza do homem se mostra muito mais nos que não a conhecem do que nos que a conhecem.⁶² (IDEM, p.74).

Portanto, a partir destas reflexões, nota-se a opinião de Pascal sobre o pirronismo, e a partir disto reflete-se sobre o posicionamento de Belmiro e a presença do pensamento de Montaigne na obra do autor mineiro. Lembrando que Montaigne era um cético:

O ceticismo de Montaigne iguala o homem aos animais, visto que, ao aceitar com naturalidade as misérias presentes na condição humana, esse filósofo se acomodou na preguiça. Orgulho e preguiça caracterizam em Pascal a fonte de todas as faltas do homem. (NASCIMENTO, 2006, p.70).

⁶¹ “Ce qui m’étonne le plus est de voir que tout le monde n’est pas étonné de sa faiblesse. On agit sérieusement et chacun suit sa condition, non pas parce qu’il est bon en effet de la suivre puisque la mode en est, mais comme si chacun savait certainement où est la raison et la justice. On se trouve déçu à toute heure, et par une plaisante humilité on croit que c’est sa faute et non pas celle de l’art qu’on se vante toujours d’avoir. Mais il est bon qu’il y ait tant de ces gens-là au monde qui ne soient pas pyrrhoniens pour la gloire du pyrrhonisme, afin de montrer que l’homme est bien capable de croire qu’il est au contraire dans la sagesse naturelle.”

⁶² “Rien ne fortifie plus le pyrrhonisme que ce qu’il y en a qui ne sont point pyrrhoniens. Si tous l’étaient, ils auraient tort. Cette secte se fortifie par ses ennemis plus que par ses amis car la faiblesse de l’homme paraît bien davantage en ceux qui ne la connaissent pas qu’en ceux qui la connaissent.”

Como se observa, Pascal não comunga do pensamento de Montaigne; em contrapartida, quem apresenta este posicionamento e pende para a filosofia de Montaigne é Belmiro. Primeiramente, por ser um cético e por manter-se sempre na neutralidade, bem como na inércia, como se todas as suas fraquezas fossem naturais e impossíveis de ser superadas.

Pascal afirma que o homem possui tanto fraquezas quanto grandezas, já Montaigne iguala o homem aos animais, já que reconhece o homem sendo apenas possuidor de fraquezas. Esta é uma das diferenças de pensamento entre os dois filósofos franceses. Pascal concebe o homem como tendo presente tanto a miséria quanto a grandeza em seu ser. Ele crê que esta concepção só é possível, por meio da fé e pelo conhecimento de Deus, visto que somente pela razão esta compreensão é unilateral e impossível:

No plano racional é insustentável pensar os traços de grandeza e de miséria como marcas de uma mesma natureza humana. Todavia, a fé, ao ensinar que esses traços provêm de dois momentos distintos da natureza humana, permite ao homem pensar “que paradoxo é em si mesmo”, ao mesmo tempo fraco e forte, grande e pequeno, nem anjo e nem animal. (IDEM, p.74).

Para Pascal, portanto, a fé é algo imprescindível para o conhecimento de Deus: “[...] O homem sem a fé não pode conhecer o verdadeiro bem nem a justiça.”⁶³ (PASCAL, 2004, p.128), ou ainda: “A verdadeira natureza do homem, seu verdadeiro bem, e a verdadeira virtude, e a verdadeira religião são coisas cujo conhecimento é inseparável.”⁶⁴ (IDEM, p.238). É justamente esta fé, e a crença na “verdadeira religião”, que nem Montaigne, nem Belmiro possuem.

Para Pascal, portanto, o grande impulso que se tem para viver é Deus, e somente por meio de Jesus Cristo este encontro e este conhecimento de Deus são possíveis. Assim como a consciência total do paradoxo da condição humana:

Somente a partir da mediação de Cristo o homem miserável – infinitamente separado de Deus – pode obter uma comunicação com o sobrenatural, ou seja, com a sua própria verdade. Portanto, é na relação com Cristo que o homem pode conhecer a Deus e a si mesmo, somente a partir disso, o paradoxo da condição humana torna-se pensável. (NASCIMENTO, 2006, p.74).

Pascal afirma que não há outro meio de conhecer a Deus senão por Jesus Cristo: “Nós conhecemos Deus somente por Jesus Cristo. Sem este mediador é ousada toda nossa

⁶³ “l’homme sans la foi ne peut connaître le vrai bien ni la justice”

⁶⁴ “La vraie nature de l’homme, son vrai bien et la vraie vertu et la vraie religion sont choses dont la connaissance est inséparable.”

comunicação com Deus.” (PASCAL, 2004, p.148) ⁶⁵, e afirma que: “É não somente impossível, mas também inútil conhecer Deus sem Jesus Cristo.” (IDEM, p.149) ⁶⁶. Cristo, como afirma Pascal, é um mediador entre o ser humano e Deus, visto que ele apresenta uma natureza dual: a humana e divina, tornando assim possível uma compreensão do homem em relação à sua realidade; compreensão que ocorre também por meio do sofrimento que Cristo viveu. Pascal, ao analisar as outras filosofias, mostrou todas as contradições em procurar compreender a verdadeira natureza humana somente por meio da razão, a qual ele não nega, mas afirma que é preferível um meio termo entre a razão e a fé: “Dois excessos: excluir a razão, só admitir a razão.” ⁶⁷ (IDEM, p.146). E ainda: “Se choca os princípios da razão, nossa religião será absurda e ridícula” ⁶⁸ (IDEM, p.144).

Já na obra de Cyro não se tem a reflexão deste conhecimento de si mesmo por meio de Cristo, no entanto, o que se observa é uma mistura de filosofias, de pensamentos e de ideologias materializada nos personagens, de modo mais evidente em quatro personagens: Florêncio, Jerônimo, Silviano e Belmiro. Florêncio, apesar de não mostrar qual é a sua verdadeira ideologia, se torna um personagem importante na obra, pois pelo seu modo de viver, é possível observar o modo de viver do protagonista, e como estes modos de vida e de pensar são opostos.

Florêncio é aquele que vive de modo despreocupado, isento de questionamentos e de preocupações; Jerônimo é o único personagem que corresponde à filosofia pascaliana, apesar de não ser muito evidenciado para o leitor, visto que as únicas características de que se tem conhecimento é de sua posição ideológica e nada mais. No entanto, por meio de suas falas e discussões com Silviano compreende-se que ele comunga da ideologia de Pascal, bem como a de Santo Tomás de Aquino, além disso, apresenta fortes convicções em relação à doutrina cristã, pois se mostra um “catequista”; Silviano, apesar de ser ateu e cético, aceita alguns princípios da doutrina cristã; é o personagem mais contraditório em termos de prática *versus* teoria, pois prega uma coisa e vive outra. E por fim, Belmiro que se inscreve no ceticismo e na inércia constante.

Observa-se, então, a partir de cada um destes personagens, que eles abordam ideologias diferentes e, conseqüentemente, conduzem suas vidas de modo diverso uns dos outros. Constata-se que Belmiro é o único a conduzir sua vida de modo mais triste e arrastado. Apesar de ser intelectual e filosofar bastante sobre alguns aspectos essenciais como a vida, o

⁶⁵ “Nous ne connaissons Dieu que par Jésus-Christ. Sans ce médiateur est ôtée toute communication avec Dieu.”

⁶⁶ “Il est non seulement impossible mais inutile de connaître Dieu sans Jésus-Christ.”

⁶⁷ “Deux excès: exclure la raison, n’admettre que la raison.”

⁶⁸ “Si on choque les principes de la raison, notre religion sera absurde et ridicule.”

amor e a morte, ele não consegue se desenvolver, principalmente por estar ligado ao seu passado e às imagens de sua adolescência.

Portanto tem-se a impressão que a vida de Belmiro parou, que não há mais nenhum sentido para ela e nem a vontade de continuar buscando um ser maior: “[...] os outros se movimentam, rompem, progridem ou regridem, mas, enfim, se deslocam. Só eu resto e envelheço nesta vida modorrenta.” (ANJOS, 1975, p.170-1). Há, portanto, uma paralisia incapaz de deixá-lo desenvolver e, até mesmo, ter esperança em sua própria vida:

Ai de mim! É necessário, porém fazer qualquer coisa, para empurrar os presumíveis trinta e dois anos que me restam [...] Acho-me pouco além da estrada, e parece-me, entretanto, que cheguei ao fim. Negação de Belarmino, de Porfírio, de Firmino e de Baldomero... [...] Viviam a vida [...] Não morriam aos poucos, vendo o corpo consumir-se lentamente.
– Que faremos, Carolino amigo? (IDEM, p.187).

Belmiro, então, encerra deste modo a escrita de seu livro, como se também encerrasse seu próprio percurso, cheio de incertezas e de melancolia, por aquilo que perdeu sem ao menos ter de fato: sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas questões permearam este trabalho, como o motivo pelo qual a obra de estreia de Cyro dos Anjos apresenta uma quantidade maciça de alusões e citações de autores franceses, bem como a presença da filosofia. No entanto, antes de responder a estes questionamentos, é preciso relembrar que, durante os anos que precederam *O amanuense Belmiro*, até a data de sua publicação, o país vivia uma grande agitação política, marcada, principalmente, pela instabilidade, iniciada em 1930 com a Revolução. É, portanto, neste cenário que a obra de Cyro é escrita. Alguns destes indícios de instabilidade e indecisão são observados em algumas cartas trocadas entre Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade. Nelas são mencionados conflitos constantes entre civis e o estado, bem como as greves. Em uma das notas de rodapé, constatam-se as agitações vividas pelo país e observa-se o posicionamento de Cyro dos Anjos:

Em maio e junho de 1935, greves e manifestações operárias sacudiram alguns centros urbanos brasileiros. Na crônica “O camarada Diogo”, publicada por Cyro dos Anjos em *A Tribuna*, em 20 de setembro de 1934, já se podia notar o melancólico distanciamento traçado pelo autor em relação ao jovem revolucionário representado por Diogo: “perdoe-me Diogo, por eu ser daqueles que não creem. Meu coração está convosco, mas meu espírito duvida”. A reflexão angustiada acerca do engajamento do escritor-intelectual está presente em *O amanuense Belmiro*, sobretudo em torno da personagem Redelvim. (MIRANDA; SAID, 2012, p.71).

Por meio desta nota, percebe-se que Cyro não possuía uma ideologia muito radical em relação tanto às revoluções quanto às manifestações. Além disso, ao retratar estas questões políticas em sua obra, Cyro concentra todos estes aspectos políticos em torno de um personagem: Redelvim.

Além da década de 1930 ser permeada de Revoluções e mudanças políticas, outra mudança também se fez presente: Antonio Candido (1989) afirma que esta foi uma década de

[...] engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período. (p.182).

Em meio a estas modificações de ordem cultural no país e de muitas transformações políticas, Cyro não ficou indiferente, no entanto, ele não utiliza sua obra para expor suas ideologias ou torná-la panfletária como muitos escritores fizeram nesta época, mas apresenta

inúmeras questões de ordem filosófica que refletem sobre os aspectos do homem e do intelectual.

Apesar de Cyro não aprofundar as questões políticas vividas no país nesse período em sua obra, o personagem que se destaca em meio aos outros, por apresentar um posicionamento político é Redelvim, pois se caracteriza como sendo um anarquista, além de se colocar contra a burguesia. No entanto, após ser preso devido a sua ligação com greves, passa a refletir sobre diversas questões. Em um diálogo com Belmiro, Redelvim afirma que continua

[...] contra o Estado burguês e capitalista, mas está picado pela desconfiança e pela incerteza e se julga um elemento inapto para agir, pois não pode fazê-lo em estado de dúvida. Não quer cooperar para uma ação em cujas diretivas não possa influir, pois teme desvios duma ditadura. (ANJOS, 1975, p.149).

Portanto, Redelvim tem dúvidas sobre o que deve ser feito e quais atitudes tomar em relação às mudanças no país. Assim, Cyro apresenta em sua obra vários tipos de dúvida: políticas, existenciais, teológicas e filosóficas e o seu trabalho elucubra sobre aspectos importantes tanto da sociedade, quanto do ser humano, fazendo-o um modo muito peculiar, pois a linguagem que permeia toda a obra apresenta grande lirismo, principalmente em relação ao protagonista Belmiro Borba que, quando mergulhado em seu passado, revive lembranças de sua infância e de sua adolescência. Além disso, este lirismo está envolto tanto nos conflitos ordinários de Belmiro, quanto naqueles de ordem filosófica e metafísica.

Assim, observa-se que a própria tessitura do romance revela um quebra-cabeça de personagens que apresentam ideologias e crenças diferentes. Estas diferenças ficam evidentes, principalmente, entre três personagens: Belmiro, Silviano e Jerônimo, visto que cada um apresenta modos diferentes de viver, bem como de compreender a vida e a religião.

Portanto, na obra de Cyro há um grande mosaico de ideologias e filosofias. E o tema que engendra basicamente todos os outros é o conhecimento e a análise dos aspectos da vida em excesso. Este tema é exposto e refletido em toda a obra, sobretudo, no comportamento de Belmiro; no entanto, é no capítulo 20 que fica explícito ao leitor o grande sofrimento que acomete o amanuense, bem como a grande discussão da obra. Neste capítulo, Belmiro se depara com o diário de Silviano que contém uma nota cuja constatação é a seguinte: “Problema: - O eterno, o Fáustico – O amor (vida) estrangulado pelo conhecimento.” (IDEM, p.45). Sobre isto Antonio Candido (1992) afirma que:

É este, com efeito, o problema central da obra. A atitude belmiriana resulta de uma aplicação do conhecimento aos atos da vida – entendendo-se neste

caso por conhecimento a atitude mental que subordina a aceitação direta da vida a um processo prévio de reflexão. (p.84).

Desse modo, este estrangulamento da vida pelo conhecimento em excesso é observado, na prática, no modo como Belmiro conduz sua vida. O pensar demais nas consequências de seus atos o paralisa; além disso, o constante desejo de reviver antigas paisagens do passado também colabora para esta paralisia. O protagonista, além de ser um burocrata, é um intelectual: ao longo da narrativa ele revela aos leitores, inúmeras vezes, que está lendo algum livro, geralmente de autores clássicos: “Tenho lido alguns livros de Silvano e consegui liquidar o Homero.” (ANJOS, 1975, p.109).

Antonio Candido (1992) ao afirmar que Cyro “[...] nos leva a pensar no destino do intelectual na sociedade” (p.84), abre caminho para uma questão importante que é refletida na obra e está em Belmiro pelo fato de seu conhecimento, sua atitude de reflexão demasiada o levar à paralisia e ao estrangulamento da vida. Como se Belmiro não soubesse aplicar todo seu conhecimento na vida prática e desta maneira, não haveria um alinhamento de seu pensamento com sua vida.

Esta questão do intelectual, além de estar presente no amanuense, encontra-se também em mais dois personagens. No entanto, a princípio, faz-se necessário apresentar as evidências em Silvano, visto que ocorre de modo mais evidenciado a partir da fala de Belmiro ao caracterizar seu amigo ao leitor: “Silvano, o homem da hierarquia intelectual e da torre de marfim” (ANJOS, 1975, p.147). Neste trecho, são observadas duas expressões importantes: “hierarquia intelectual” e “torre de marfim” e, por meio delas, constata-se que Silvano, além de ser um filósofo, é também um intelectual; no entanto, não é qualquer intelectual, mas o da “torre de marfim”, aquele que se isola dos problemas da sociedade e tem uma posição egocêntrica perante o mundo.

Estas questões sobre o intelectual, bem como seu papel na sociedade remete à obra de Julien Benda intitulada: *La trahison des clercs*, [A traição dos intelectuais]. O autor a princípio retoma o conceito de intelectual, descrevendo-o como aquele “[...] cuja função é defender os valores eternos e desinteressados, como a justiça e a razão” ⁶⁹ (p.05). Importante ressaltar que a palavra francesa “clerc” possui duas definições, na primeira definição entende-se “clerc” por pessoa instruída, e a segunda por clérigo, membro da classe eclesiástica. Desta

⁶⁹ “[...] hommes dont la fonction est de défendre les valeurs éternelles et désintéressées, comme la justice et la raison”

maneira, o autor contrapõe em sua obra valores profanos, muitas vezes defendidos por intelectuais modernos, com os valores universais sagrados ⁷⁰.

Portanto, para o autor francês, o intelectual é alguém que apresenta valores universais e, para quem os principais são: a Justiça, a Verdade e Razão, sendo todos eles estáticos, desinteressados e racionais. Assim, tudo o que é temporal, as paixões e os sentimentos não estão presentes no “verdadeiro” intelectual.

Deste modo, quando um intelectual adota algumas paixões, passa a trair os intelectuais. Para o autor francês, os traços principais da paixão são: “[...] tendência à ação, avidez do resultado imediato, preocupação única com o objetivo, desprezo pelo argumento, exagero, ódio, idéia fixa.” (BENDA, 2007, p.145). A adesão dos intelectuais pelas paixões comprometeria, portanto, sua função no mundo. Benda reitera várias vezes que “[...] o papel do intelectual não é mudar o mundo, mas permanecer fiel a um ideal cuja manutenção me parece necessária à moralidade da espécie humana” (IDEM, p.113). Logo, o intelectual não pode ser alguém que preste serviço a questões que possuem necessidades temporárias, mas que possuam um valor em si mesmo. Por exemplo, se o intelectual se dispuser a defender a justiça, que o faça não em nome da paz, mas por ela mesma. Portanto, para Benda, os intelectuais traem sua função no mundo quando trocam seus princípios eternos e absolutos por necessidades temporais e particulares.

Além disso, o autor francês, em sua obra, apresenta uma característica muito comum entre os intelectuais modernos: a paixão política imbuída, principalmente, da satisfação de um interesse e de um orgulho; ou seja, por mais que haja uma organização coletiva para o bem de todos, a satisfação e os interesses não deixam de ser particulares. Benda exemplifica estas paixões por meio do socialismo e da burguesia:

[...] uma paixão cuja motivação é somente o interesse não está à altura de lutar contra uma outra que mobiliza ao mesmo tempo o interesse e o orgulho (é também uma das fraquezas do socialismo diante da paixão de classe tal como é exercida pela burguesia, o burguês querendo, ele também, possuir o temporal e sentir-se distinto). (IDEM, p.138).

Portanto, o socialismo mobiliza o interesse e a burguesia mobiliza tanto o interesse quanto o orgulho, tornando-se mais “poderosa”, pois apresenta também o orgulho. A partir destas reflexões, é possível fazer um contraponto com o personagem Redelvim, de Cyro dos Anjos, visto ser alguém que luta contra a burguesia, participa de manifestações e de greves,

⁷⁰ A explicação do termo “clerc” encontra-se na tradução em português da obra de Julien Benda.

ou seja, está inserido neste contexto da paixão política, mas, após sua prisão, não revela mais este lado revolucionário, pois apresenta dúvida de como agir. Assim, na obra de Cyro, é apresentado o intelectual que não sabe bem qual é o seu papel na sociedade, visto que, a partir do momento em que foi preso, este confinamento lhe trouxe a reflexão, e não soube mais como agir, mesmo ainda sendo contrário à burguesia e ao capitalismo.

Outro intelectual apresentado na obra é Silviano que, diferentemente de Redelvim, não possui paixões políticas, mas está envolto em suas questões particulares, pois utiliza o conhecimento e a filosofia a fim de satisfazer apenas seus conflitos, bem como seus interesses próprios, além de possuir orgulho, vaidade e não aceitar argumentos de seus amigos. Em uma discussão com Redelvim, por exemplo, Silviano revela: “Persegue-me com a sua mania de povo. Devia primeiro indagar se povo existe! A mim, o homem que tem o senso da hierarquia!”. (ANJOS, 1975, p.152). Em todos os discursos de Silviano estão presentes a vaidade, a soberba, a retórica excessiva e a imaginação, além disso, ele utiliza a filosofia para poder explicar todas as suas atitudes. Portanto, ao apresentar estas características, ele está traindo sua função de intelectual, visto que seus interesses particulares estão envolvidos, como o fato de se mostrar um grande intelectual, além da presença de seu orgulho.

Além disso, a filosofia é muito marcante na construção desse personagem, pois se apresenta a paródia da figura do filósofo, que vem, mais uma vez, reafirmar o questionamento do lugar e do papel do intelectual na sociedade e, sobretudo a reflexão de como conciliar conhecimento e prática estabelecendo um contraponto com o filósofo Blaise Pascal que, apesar de sua saúde debilitada, consegue conciliar o conhecimento com sua vida. Sobre Pascal, Benda afirma que ele foi um intelectual que não se rendeu às paixões políticas:

[...] alguns intelectuais não esperaram nossa época para exercer essas paixões com toda a fúria de sua alma; mas esses intelectuais da tribuna foram a exceção, pelo menos entre os grandes, e se evocarmos, além dos mestres que nomeamos mais acima, a falange dos Tomás de Aquino, dos Roger Bacon [...] dos Pascal [...], para citar alguns, acreditamos poder repetir que, até os nossos dias, o conjunto dos homens de pensamento ou permanece alheio às paixões políticas [...] ou adota em relação a elas uma atitude crítica, não as retém para si enquanto paixões. (BENDA, 2007, p.145).

Portanto, há muitas diferenças entre Silviano e Pascal, principalmente o fato de Pascal ser um intelectual que não trai sua função no mundo, ele possui um papel muito claro: a de refletir sobre todas as paixões e analisá-las, levando em conta as escolhas que o homem pode fazer durante sua vida, assim, em nenhum momento apresenta o orgulho ou a intenção de

mudar o mundo. Já Silviano trai sua função no momento em que escolhe usar a filosofia para próprio bem, de modo egoísta e como forma de suprir suas necessidades particulares.

Belmiro também é um intelectual, ao contrário de Silviano, porém, que deseja ser notado, ele não sabe seu lugar na sociedade, como afirma Antonio Candido: a reflexão estrangula a vida, pois Belmiro não “aceita” sua vida, já que apresenta o desejo constante de reviver lembranças de sua juventude e não vê nada de interessante no presente. Belmiro, ao invés de viver, prefere mergulhar em suas reflexões, é aquele que pensa demais e utiliza seu conhecimento pra analisar os aspectos da vida, bem como seus atos e suas consequências, impedindo assim de viver novas experiências.

Além da reflexão demasiada, o fato de o personagem apresentar o desejo constante de reviver antigas lembranças faz com que se torne fragmentário por causa da dualidade temporal: passado e presente. Desta maneira, a paralisia o envolve, já que não consegue mergulhar em seu passado e revivê-lo de modo integral. Mesmo em determinado momento, quando o presente torna-se mais atrativo: o fato de apresentar uma paixão platônica por Carmélia, não deixa de ser a revisitação ao passado, por meio do mito infantil encarnado. No entanto, esta volta ao passado pelo mito não é “consumada”, pois Carmélia não é a Donzela Arabela e está noiva, assim, quando ela se casa, o mito se desfaz e Belmiro retorna ao seu presente ainda mais inconsolável. É neste momento, então, que a narrativa também se desdobra para seu encerramento, como se não houvesse mais nada de interessante na vida do amanuense, ou ainda, a impossibilidade de algum elemento transportá-lo de forma definitiva para o passado. Assim, a fragmentação temporal do protagonista também é sentida na estrutura da narrativa, por meio dos capítulos independentes e das mudanças de estado de espírito de Belmiro, principalmente quando se tem a presença do lírico e do “racional”: “O mito donzela Arabela tem enchido minha vida. Esse absurdo romantismo de Vila Caraíbas tem uma força que supera as zombarias do Belmiro sofisticado e faz crescer, desmesuradamente, em mim, um Belmiro patético e obscuro.” (ANJOS, 1975, p.20)

Portanto, percebe-se que *O amanuense Belmiro* é uma obra que procura tanto refletir elementos do ser humano como seus conflitos e o modo de como conduzir a vida, quanto questões mais complexas, como a utilização do conhecimento e o papel do intelectual na sociedade. E o faz por meio de três personagens: Redelvim, Silviano e Belmiro, visto que cada um apresenta um modo diferente de conduzir a vida, bem como ideologias diferentes.

Além disso, a filosofia presente na obra de Cyro é um elemento a mais, tanto para a composição da figura do filósofo Silviano, quanto para a compreensão geral da obra. Pois o personagem Silviano é a parodia da figura do filósofo, já que é alguém que possui muito

conhecimento, mas que não põe em prática. Assim, esta questão do conhecimento e como usá-lo se faz muito presente na obra, tanto por meio da filosofia, quanto da reflexão sobre o papel do intelectual, caracterizados pelos três personagens citados.

Ao analisar mais de perto a trajetória de Cyro dos Anjos, é possível responder a algumas questões que permearam o presente trabalho, como a presença francesa na obra, bem como a filosofia. Percebe-se que Cyro apreciava muito a filosofia, pois em uma das cartas enviadas a Drummond ele revela ter comprado um livro do filósofo Louis Lavelle: “Quando passar pelas livrarias, se encontrar um livro de Louis Lavelle, *Le mal et la souffrance*, não deixe de adquiri-lo. Só achei um exemplar na Liv. Francesa, senão teria trazido outro para você. Li-o de uma assentada: é uma obra extraordinária”. (MIRANDA; SAID, 2012, p.124). Neste trecho nota-se o entusiasmo de Cyro ao encontrar e ler esta obra, apesar de não haver nenhum indício da leitura do filósofo francês Blaise Pascal nas cartas enviadas ao amigo Drummond, constata-se o gosto pela leitura filosófica. E isto se reafirma ao observar todo o percurso da vida intelectual do escritor, visto que a literatura e a filosofia o acompanharam durante toda a sua vida.

Sabe-se que Cyro, além de ter ocupado vários cargos públicos importantes, foi professor de literatura brasileira no México durante dois anos. Por isso, observa-se que o fato de o escritor mineiro ter sido um grande erudito reflete naturalmente em sua obra de estreia. Percebe-se isto principalmente por meio da inúmera presença não só de autores franceses, mas de autores clássicos, como Proust, Amiel, Cervantes, Goethe, Homero, entre outros. Portanto, Cyro ao compor esta obra tão rica em filosofia e literatura traz para a literatura brasileira um modo muito refinado de pensar sobre a filosofia, bem como o papel do intelectual que nem sempre é tão evidenciado na obra.

A presença de Pascal é importante na obra de Cyro dos Anjos, pois suscita muitas discussões a respeito de questões como a religião, as paixões, o orgulho, bem como a consciência de si mesmo, como ser finito e miserável. Além disso, o filósofo francês é um dos poucos que propõe a união da fé e da razão, com isto ele mostra evidências que não é possível excluir nenhum dos dois elementos para a compreensão da existência de Deus e, de Jesus Cristo.

Desta forma, ao inserir a filosofia de Pascal na obra, Cyro favorece uma maior discussão sobre ideologias e filosofias entre os personagens, visto que cada um apresenta crenças e ideologias diferentes, contrapondo valores e condutas. Portanto, por meio do filósofo francês e dos diversos posicionamentos dos personagens há uma apresentação das reflexões possíveis a serem feitas, sobretudo, no modo de conduzir a vida e no

posicionamento diante da sociedade. Por meio de Belmiro, nota-se que estas questões ficam ainda mais evidentes, principalmente, quando questionado por Redelvim sobre seu posicionamento político. Redelvim afirma que Belmiro “[...] pertence à pior espécie de burgueses: os que o são por sentimento, e não por instinto de defesa da propriedade.” (ANJOS, 1975, p.85). Depois desta caracterização de Belmiro, o protagonista fica indignado por ter que se denominar alguma coisa:

Por que hão de classificar os homens em categorias ou segundo doutrinas? [...] As idéias da gente podem não comportar-se dentro dessas divisões arbitrárias. [...] E, se sentirmos que a verdade e a contradição foram semeadas em todos os campos, como poderemos definir-nos? (IDEM, p.86)

Logo, Belmiro tem consciência, assim como Pascal prega, que o ser humano é repleto de contradições e, que muitas vezes uma definição ou uma resposta é algo impossível. Deste modo, a obra de Cyro dos Anjos evidencia estes aspectos humanos, como a dúvida e a contradição, possibilitando uma reflexão mais aprofundada sobre o quanto o homem é complexo e que não é possível afirmar que ideologia ou filosofia é certa ou errada.

Por conseguinte, contata-se que *O amanuense Belmiro* é uma obra que a cada vez que for lida trará novos aspectos a serem analisados, pois, assim como os personagens são como um mosaico que vão delineando aos poucos e formando o todo da obra, a presença das alusões e citações de todos os autores, desde filósofos até literários formam um conjunto de ideologias e perspectivas diferentes, trazendo consigo inúmeros aspectos a serem abordados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCARAZ, Marcelo Barbosa. *O amanuense indeciso: diário da vida mínima*. Dissertação de mestrado. Curitiba: UFPR, 2001.
- _____. *Aspectos do gênero diário em O amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos*. Disponível em: www.utp.br/eletras/ea/eletras15/texto/artigo155.doc. Acesso em 10/09/2012.
- ANDRADE, Mário de. Decadência da influência francesa no Brasil. In: *Vida Literária*. São Paulo: Edusp, 1993.p.3-5.
- ANJOS, Anderson Augusto dos. *Divertimento pascaliano: a agitada busca pelo repouso*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2011.
- ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.
- ARMOGATHE, Jean-Robert. *Pascal e o amor-próprio*. In: *Kriterion*. Belo Horizonte, nº 114, Dez/2006, p. 223-236.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP/ Hucitec, 1998.
- _____. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto histórico de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BARTHES, Roland. *Longtemps, je me suis couché de bonne heure*. Oeuvres Complètes. Tome V. Paris: Éditions du Seuil, 2002.
- BAUDIN, Emile. *La philosophie de Pascal*. Neuchatel : La Baconnière, 1947.
- BENDA, Julien. *La trahison des clercs*. Disponível em: ppalpant@uqac.ca. Acesso em: 16/10/2013.
- _____. *A Traição dos intelectuais*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007.
- BIRCHAL, Telma de Souza. “*La vrai morale se moque de la morale*”: questões éticas em Pascal. In: *Kriterion*. Belo Horizonte, nº 106, Dez/2002, p.60-76.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- BOSI, Éclea. *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos*. São Paulo: Edusp, 1979.
- CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno de. *Uma história do romance brasileiro de 30*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- CANDIDO, Antonio. “Estratégia”. In: *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.p.79-85.

_____. “O francês Instrumento de Desenvolvimento” In: *O Francês Instrumental: a experiência da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Hemus, 1977.

_____. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond de et al. *Para gostar de ler*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo: editora ática, 1989.

CARRAUD, Vincent. *Observações sobre a segunda antropologia: o pensamento como alienação*. In: *Kriterion*. Belo Horizonte, nº 114, Dez/2006, p. 303-320.

CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade*. Vol. II. São Paulo: EDUSP, 1999.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FRAISSE, Luc. *L'esthétique de Marcel Proust*. Paris: Sedes, 1995.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: La littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

GIL, Fernando Cerisara. *O romance da urbanização*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

GOLDMAN, Lucien. *Le Dieu caché*. Paris: Gallimard, 1955.

GUSDORF, Georges. *Les Écritures du moi*. Paris: Editions Odile Jacob, 1991.

HUTCHEON, Linda. Definição de paródia. In: *Uma teoria da paródia [A theory of parody]*. Ensinaamentos das formas de Arte do século XX. Trad. Teresa Louro Pérez: Ed. 70, 1989, p.45-68.

LAFETÁ, João Luiz. “À sombra das moças em flor: uma leitura do romance *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos”. In: PRADO, A. (Org.). *A Dimensão da Noite e outros ensaios*. São Paulo: Duas cidades; Ed.34, 2004. p.19-37.

LEFEBVRE, Henri. *Pascal*. Paris: Nagel, 1949.

LUKÁCS, Georg. “O romance como epopeia burguesa”. Trad. Letizia Zini Antunes. In: *Revista Ad Hominem* 1. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.

MAGALDI, Sábato. *Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras*. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>. Acesso em 30/08/2012.

MÁLAQUE, Keila M. S. *Lições da borboleta: a trajetória do cronista-amanuense Belmiro Borba*. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

_____. *O amanuense Belmiro e o gênero diarístico*. Disponível em: <http://filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno11-12.html>. Acesso em 15/08/13.

- MIRANDA, Wander Melo; SAID Roberto (org.). *Cyro & Drummond: correspondência de Cyro dos Anjos & Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Globo, 2012.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. “O amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos”. In: *O romance e seus problemas*. Lisboa: Casa do Estudante do Brasil, 1950.p.177-179.
- NASCIMENTO, Juçara dos Santos. *Paradoxos do homem: um estudo sobre a concepção humana em Pascal*. Dissertação de mestrado. São Carlos: UFSCar, 2006.
- NOBILE, Ana Paula Franco. *A recepção crítica de O amanuense Belmiro, de Cyro dos anjos (1937)*. São Paulo: Annablume, 2005.
- PASCAL, Blaise. *Pensées*. Gallimard, 2004.
- _____. *Pensamentos*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Ediouro.
- PASSOS, Gilberto Pinheiro. *Cintilações Francesas*. Revista da Sociedade Filomática, Machado de Assis e José de Alencar. São Paulo: Nankin, 2006.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertextos e antropofagia. In: *Flores da escrivainha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PIGLIA, Ricardo. Memória y tradición. In: *Congresso ABRALIC*, 2, 1990, Belo Horizonte. Anais. UFMG, 1991.
- PONTES, Heloisa. “A Faculdade de Filosofia, os franceses e o Grupo Clima”. In: *Destinos Mistos: Os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PROUST, Marcel. *Du côté de chez Swann*. Paris: Flammarion, 1987.
- ROSENFELD, Anatol. *Reflexões sobre o romance moderno*. Texto/Contexto I. 5ed. São Paulo: Perspectiva, 1996, p.75-97.
- SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Editota Hucitec, 2008.
- SANTIAGO, Silviano. *A vida como literatura: O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- SAVIETTO, Maria do Carmo. *Baú de Madeleines: o intertexto proustiano nas memórias de Pedro Nava*. São Paulo: Nankin, 2002.
- SCHWARZ, Roberto. “Sobre o amanuense Belmiro”. In: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.p.13-20.
- SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Trad. Elisa Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TRIGO, Luciano. *O viajante imóvel. Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WILSON, Edmund. Marcel Proust. In: *Onze ensaios*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

OBRAS DE CYRO DOS ANJOS

ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.

_____. *Abdias*. São Paulo: Círculo do livro S.A., 1963.

_____. *Montanha*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

_____. *A Menina do Sobrado*. 2ª ed. Brasília: Livraria José Olympio, 1979.

_____. *Explorações no Tempo*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952.

_____. *A criação literária*. Bahia: Livraria Progreso Editora.

_____. *Poemas coronários*. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2009.